

9706494

HERVÉ GUIBERT

PARA O AMIGO
QUE NÃO ME SALVOU
A VIDA

Tradução
MARIZA CAMPOS DA PAZ

3ª edição

JOSÉ OLYMPIO
EDITORA

MB

Título do original em francês
A L'AMI QUI NE M'A PAS SAUVÉ LA VIE
© Editions Gallimard, 1990

Direitos adquiridos para a língua portuguesa
LIVRARIA JOSÉ OLÍMPIO EDITORA S.A.
Rua da Glória, 344/4º andar
Rio de Janeiro, RJ - República Federativa do Brasil
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

ISBN 85-03-00537-9
(ISBN da edição original: 2-07-071890-5, Paris, Gallimard, 1990)

| | | | |
|---------|--------------------------|-------|-------------------------------------|
| UNIDADE | - | 15 | CH |
| N.º CH | - | 926 | 16 |
| N.º D | - | 094 | P |
| V. | - | F. 03 | ad |
| TOMOS | - | 374 | 133 |
| PROC. | - | | |
| C | <input type="checkbox"/> | D | <input checked="" type="checkbox"/> |
| PREÇO | - | 19,33 | |
| DATA | - | | |

BN 00 195 2307

DADOS BIBLIOGRÁFICOS DO AUTOR

HERVÉ GUIBERT nasceu em Paris em 1955. Idealizou, com Patrice Chéreau, o cenário do filme *L'homme blessé*, e escreveu para Philippe Adrien a adaptação teatral de seu romance *Des aveugles*. Foi jornalista do *Le Monde* de 1977 a 1985, e do *L'Autre Journal* em 1986. Morreu em 27 de dezembro de 1991, aos 36 anos.

OBRA

- L'image fantôme*. Paris, Minuit, 1981.
- Les aventures singulières*. Paris, Minuit, 1982.
- Les chiens*. Paris, Minuit, 1982.
- Voyage avec deux enfants*. Paris, Minuit, 1982.
- Les lubes d'Arthur*. Paris, Minuit, 1983.
- Des aveugles*. Paris, Gallimard, 1985.
- Mes parents*. Paris, Gallimard, 1986.
- Vous m'avez fait former des fantômes*. Paris, Gallimard, 1987.
- Les gangsters*. Paris, Minuit, 1988.
- Manne le vierge*. Paris, Gallimard, 1988.
- L'incognito*. Paris, Gallimard, 1989.
- Fou de Vincent*. Paris, Minuit, 1989.
- Le protocole compassionnel*. Paris, Gallimard, 1991.
- Mon valet et moi*. Paris, Seuil, 1991.
- L'homme au chapeau rouge*. Paris, Gallimard, 1992.
- Cytomégalo-virus*. Paris, Seuil, 1992.
- Le Paradis*. Paris, Gallimard, 1993.
- Vole mon dragon*. Paris, Gallimard, 1994.

Gerência editorial: MARIA AMÉLIA MELLO

Editoria: FÁTIMA PRES DOS SANTOS

Capa: JOATAN (sobre foto de Hervé Guibert - © Martine Franck - Magnun/Gallimard)

Produção e diagramação: ANTONIO HERRANZ

Revisão de originais: LUIZ CAVALCANTI DE MENEZES GUERRA

Revisão de provas: RENATO R. CARVALHO
FABIANO ANTONIO COUTINHO DE LACERDA
JOAQUIM DA COSTA

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G971p
Guibert, Hervé, 1955-1991.
Para o amigo que não me salvou a vida / Hervé Guibert, tradução Mariza Campos da Paz. - 3. ed. - Rio de Janeiro, José Olympio, 1995.

Tradução de: *À l'ami qui ne m'a pas sauvé la vie*.
1. Guibert, Hervé, 1955-1991. 2. Escritores franceses - Biografia. 3. Aids (Doença). I. Título.

95-1732
CDD - 928.41
CDU - 92(GUIBERT, H)

1 TIVE Aids durante três meses. Ou melhor, durante três meses acreditei estar condenado por essa doença mortal chamada Aids. Ora, eu não estava imaginando coisas, estava realmente contaminado, o teste positivo testemunhava isso, assim como os exames que haviam demonstrado que meu sangue esboçava um processo de falência. Mas, depois de três meses, um acaso extraordinário me fez acreditar e quase me deu a certeza de que podia escapar dessa doença que todo mundo considerava ainda incurável. Assim como não tinha confessado para ninguém, a não ser para os amigos que se contam nos dedos da mão, que estava condenado, também não disse a ninguém que ia escapar, que eu seria, devido àquele acaso extraordinário, um dos primeiros sobreviventes no mundo dessa doença inexorável.

2 O DIA em que comecei este livro, 26 de dezembro de 1988, em Roma, para onde tinha vindo sozinho, contra tudo e contra todos, fugindo de um punhado de amigos que tinham tentado me impedir, preocupados com minha saúde mental, nesse feriado em que tudo está fechado e cada passante é estranho, em Roma, onde definitivamente me dei conta de que não gosto dos homens, onde, resolvido a fazer qualquer coisa para fugir deles como da peste, sem saber então com quem nem onde ir comer, vários meses depois daqueles três meses durante os quais, em sua consciência, estava certo da minha condenação, além dos outros meses que se seguiram e nos quais pude, por um acaso extraordinário, acreditar-me libertado, entre a dúvida e a lucidez, no

limite do desânimo mas também da esperança, já nem sei mais ao que me ater dentre essas questões cruciais, dessa alternativa da condenação e do seu perdão, não sei mais se essa salvação é uma ilusão colocada em meu caminho como uma emboscada, para me tranquilizar, ou se é realmente uma ficção científica, onde eu seria um dos heróis, não sei se é ridiculamente humano acreditar nessa graça e nesse milagre. Percebo a arquitetura desse novo livro que retive em mim todas essas últimas semanas, mas ignoro completamente o seu desenrolar, posso imaginar vários finais para ele, todos por enquanto no terreno da premonição ou da vontade, mas o conjunto de sua verdade ainda me é oculto: digo a mim mesmo que esse livro só tem razão de ser nessa franja de incerteza, que é comum a todos os doentes do mundo.

3 ESTOU SOZINHO AQUI, e sentem pena de mim, preocupam-se comigo, acham que estou me maltratando; esses amigos que se contam nos dedos da mão segundo Eugénie me telefonam regularmente para demonstrar compaixão, a mim que acabei de descobrir que não gosto dos homens, não, decididamente não gosto deles, de preferência os odiaria, e isso explicaria tudo, esta raiva tenaz de sempre, eu começo um novo livro para ter um companheiro, um interlocutor, alguém com quem comer e dormir, junto do qual sonhar e ter pesadelos, o único amigo suportável no momento. Meu livro, meu tão rigoroso em sua origem e premeditação, já começou a me levar para onde quer, embora aparentemente seja eu o mestre absoluto nessa navegação sem instrumentos. Um diabo escorregou para os meus porões: T. B. * Parei de lê-lo para suspender o envenenamento. Diz-se que cada reinjeção do vírus da Aids pelos fluidos, o sangue, o esperma ou as lágrimas, volta a atacar o doente já contaminado, talvez digam isso para evitar o pior.

* O autor referir-se ao escritor holandês Thomas Bernhard, ao qual mais adiante faz severas críticas. (N. da T.)

4 O PROCESSO de deterioração iniciado no meu sangue continua dia a dia, assemelhando o meu caso, no momento, a uma leucopenia. Os últimos exames, datados de 18 de novembro, acusam em mim 368 T4, um homem com saúde possui entre 500 e 2.000. Os T4 são a parte dos leucócitos que o vírus da Aids ataca em primeiro lugar, enfraquecendo progressivamente as defesas imunológicas. As ofensivas fatais, a pneumocitose que atinge os pulmões e a toxoplasmose, o cérebro, encaixam-se na zona que fica abaixo dos 200 T4; são agora retardadas com a prescrição do AZT. No início da história da Aids, chamavam-se os T4 de 'the keepers', os guardiões, e a outra fracção dos leucócitos, os T8, de 'the killers', os matadores. Antes do aparecimento da Aids, um inventor de jogos eletrônicos tinha desenhado a progressão da Aids no sangue. Na tela do jogo para adolescentes, o sangue era um labirinto no qual circulava o Pacman, um peixe amarelo acionado por uma alavanca, que devorava tudo por onde passava, esvaziando os diferentes corredores de seu plâncton, e ameaçado por sua vez pelo surgimento e proliferação de peixes vermelhos, ainda mais vorazes. Se aplicarmos o jogo do Pacman - que levou tempo para sair de moda - à Aids, os T4 seriam a população inicial do labirinto, os T8 seriam os peixes amarelos perseguidos pelo vírus HIV, simbolizado pelos peixes vermelhos, ávidos de comer cada vez mais o plâncton imunológico. Muito antes que minha doença fosse confirmada pelos exames, senti meu sangue de repente descoberto, posto a nu, como se uma roupa ou um capuz sempre o tivessem protegido, sem que eu desse por isso, pois era natural, e que alguma coisa, eu não sabia o que podia ser, os tivesse retirado. Precisava viver, doravante, com aquele sangue desnudado e exposto, como o corpo sem roupa que tem de atravessar o pesadelo. Meu sangue desmascarado, por toda parte e em qualquer lugar, e para sempre, a não ser que houvesse um milagre por transfusões improváveis, meu sangue nu a qualquer momento, nos transportes coletivos, na rua quando ando, obstinadamente vigiado por uma seta sempre apontada para mim. Isso se vê nos olhos? A preocupação já não se resume em conservar um olhar humano, mas em adquirir um olhar humano demais, como o dos prisioneiros de *Nuit et brouillard*, o documentário sobre os campos de concentração.

SENTI a morte chegar no espelho, em meu olhar no espelho, muito antes que ela realmente ali se tivesse alojado. Eu já projetava essa morte, através do meu olhar, nos olhos dos outros? Não tinha contado a todos. Até então, até o livro, eu não tinha contado a todos. Como Muzil, gostaria de ter a força, o orgulho insensato, inclusive a generosidade de não contá-lo a ninguém, para deixar as amizades viverem livres como o ar, e descuidadas e eternas. Mas o que fazer quando se está esgotado, quando a doença chega a ameaçar a própria amizade? Há aqueles a quem eu contei: Jules, depois David, depois Gustave, depois Berthe; tinha querido não dizê-lo a Edwige, mas senti desde o primeiro almoço de silêncio e de mentira, que isso a distanciava terrivelmente de mim e, se não tomássemos de imediato o caminho da verdade, logo se tornaria irremediavelmente tarde demais, assim eu lhe contei para continuar fiel, tive que dizê-lo a Bill por força das circunstâncias e me pareceu que naquele instante eu perdia toda a liberdade e todo o controle sobre minha doença, e depois disse a Suzanne, porque ela é tão velha que não tem mais nada a temer, porque nunca amou ninguém, a não ser um cachorro pelo qual chorou no dia em que o mandou para o depósito de animais, Suzanne que tem 93 anos e cuja expectativa de vida eu igualava à minha por meio de uma confissão que sua memória podia tornar irreal ou apagar de um momento para outro, Suzanne que estava pronta para esquecer logo uma enormidade dessas. Não disse a Eugénie, almoço com ela no La Closerie, será que é capaz de adivinhar nos meus olhos? Me aborrego cada vez mais com ela. Tenho a impressão de só ter relações interessantes com as pessoas que sabem, tudo se tornou nulo e desmoronou, sem valor e sem sabor, em volta dessa notícia, onde ela não é tratada no dia-a-dia pela amizade, onde a minha recusa me abandona. Contá-la a meus pais seria expor-me a que o mundo inteiro me cague isso na cara no mesmo instante, ser cagado na cara por todos os miseráveis da terra, deixar minha cara ser triturada por sua merda infecta. Minha principal preocupação nessa história é morrer longe do olhar dos meus pais.

FOI ASSIM que compreendi, e o disse ao doutor Chandi desde que ele acompanhou a evolução do vírus no meu corpo, a Aids na verdade não é uma doença, só simplifica as coisas dizer que ela é isso, é um estado de fraqueza e de abandono que abre a jaula da fera

que se carrega dentro de si, à qual sou obrigado a dar plenos poderes para que me devore, a quem deixo fazer com meu corpo vivo o que ela iria fazer com meu cadáver para desintegrá-lo. Os cogumelos da pneumociose, que são para os pulmões e para a respiração como jibóias, e os da toxoplasmose, que arruinam o cérebro, estão presentes no interior de qualquer homem, simplesmente o equilíbrio de seu sistema imunológico os impede de ter direito de cidadania, ao passo que a Aids lhes dá o sinal verde, abre as comportas da destruição. Muzil, nada sabendo do que o estava consumindo, dissera em seu leito de hospital, antes que os sábios o descobrissem: "É um troço que deve vir da África." A Aids, que transitou pelo sangue dos macacos verdes, é uma doença de bruxos, de feiticeiros

SOMTE

O DOUTOR CHANDI, que eu consultava há pelo menos um ano, depois de ter largado sem avisar o doutor Nacier, que eu acusava de indiscrição, fazendo fofoca sobre os colhões mais ou menos caídos de certos pacientes célebres, mas ao qual eu recriminava mais ainda, na verdade, ter acrescentado, no momento em que diagnosticou minha zoster, que se constatava uma recrudescência dessa ressurgência da catapora nos indivíduos soropositivos, tendo-se recusado a fazer o meu teste até então, acumulando nas gavetas durante anos suas diferentes receitas escritas em meu nome ou em nomes fictícios para me submeter ao teste de diagnóstico da Aids, chamada de LAV, depois de HIV, pretextando que isso seria induzir ao suicídio um sujeito inquieto como eu, persuadido de conhecer o resultado do teste sem precisar fazê-lo, ou bem lúcido ou bem enganado, afirmando ao mesmo tempo que o mínimo da moralidade consistia em se comportar nas relações amorosas, que tinham a tendência de diminuir com a idade, como um homem contaminado, pensando sub-repticiamente ao atravessar uma fase de esperança que esse era também o meio de se proteger, mas decretando que aquele teste não servia para nada, a não ser levar os infelizes ao pior desespero enquanto não se encontrasse um tratamento, foi exatamente isso que tinha respondido à minha mãe, que me escrevera implorando, a egoísta atroz, que a tranquilizasse quanto a esse problema, o doutor Chandi, esse novo clínico

→ O QUE FAZER COM A AIDIS? SORTEIA?

geral que Bill me recomendara elogiando sua descrição, dizendo até que ele tratava de um amigo comum que tinha Aids, o que me fez identificá-lo imediatamente, e que a absoluta discrição do médico, apesar da celebridade do seu paciente, o tinha até então protegido dos rumores, cada vez que me examinava procedia às mesmas operações na mesma ordem: depois das costureiras tiradas de pressão e auscultação, ele inspecionava as solas dos pés e as rachaduras da pele entre os dedos do pé, depois afastava delicadamente o acesso ao canal tão facilmente irritável da uretra, então eu lembrava a ele, depois de me ter apalpado a virilha, a barriga, as axilas e o pescoço sob os maxilares, que era inútil usar o bastãozinho de madeira clara com o qual minha língua recusa obstinadamente qualquer contato desde que eu era criança, preferindo abrir bem a boca diante do fecho luminoso, pressionando por uma contração dos músculos guturais a tábua lá para o fundo da garganta, mas o doutor Chandi sempre esquecia até que ponto esse treinamento lhe deixava o campo muito mais livre do que o bastãozinho liso recheado de espinhos mentais, ele tinha acrescentado durante o exame, na inspeção do céu da boca, e isso de modo um pouco insistente, como se cobresse a mim, por incessantes controles pessoais, verificar se não se ocultara nesse espaço um sinal decisivo da evolução da doença fatal, uma observação a respeito do estado dos tecidos que recobrem os nervos, geralmente azulados ou vermelho vivo, que prendem a língua no freio. Depois, segurando o crânio por trás com uma das mãos e apoiando o polegar e o indicador da outra com uma forte pressão no meio da testa, me perguntava se doía, olhando as reações da minha íris. Encerrava o exame perguntando se ultimamente tinha tido diarreias numerosas e frequentes. Não, tudo ia bem, graças à absorção das ampolas de Trophisan à base de glicídios recuperara o peso que tinha antes do emagrecimento causado pela zoster, isto é, setenta quilos.

8 Foi Bill o primeiro a me falar da famosa doença, talvez em 1981. Voltava dos Estados Unidos, onde tinha lido, numa publicação especializada, os primeiros relatórios clínicos dessa morte particularmente engendrada. Era o primeiro a evocá-la como um mistério, com realidade e ceticismo. Bill era o diretor de um grande labo-

ratório farmacêutico produtor de vacinas. Jantando sozinho com Muzil, contei-lhe logo no dia seguinte o alarme divulgado por Bill. Ele chegou a cair do sofá, contorcendo-se num acesso de riso: “Um câncer que só atingiria os homossexuais, não, é muito bonito para ser verdade, é de morrer de rir!” Acontece que naquele momento Muzil já estava contaminado pelo retrovírus, pois seu tempo de incubação, Stéphane me ensinou outro dia, mas atualmente já se sabe só que não se divulga para evitar o pânico entre os milhares de indivíduos soropositivos, seria quase exatamente de seis anos. Alguns meses depois daquele acesso de riso que eu provocara em Muzil, ele caiu numa depressão profunda, estávamos no verão, percebia sua voz alterada ao telefone, do meu apartamento olhava desolado a varanda do meu vizinho, foi assim que discretamente tinha dedicado um livro a Muzil, “Ao meu vizinho”, antes de ter que dedicar o seguinte “Ao amigo morto”, temia que ele se atrasse dessa varanda, estendia redes invisíveis da minha janela até a sua para socorrê-lo, não sabia qual era o seu mal, mas compreendia pela sua voz que era grande, soube em seguida que não o confessou a ninguém exceto a mim, e me disse naquele dia: “Stéphane está doente de mim, me dei conta finalmente de que sou a doença de Stéphane, não importa o que eu faça vou continuar sendo durante toda a vida dele, a não ser que eu desapareça: o único meio de livrá-lo da sua doença, estou certo disso, seria me suprimir.” Mas não havia nada a fazer.

9 NAQUELA ÉPOCA o doutor Nacier, que ainda era um amigo, e que depois de uma longa permanência no hospital de Biskra, onde como interno tinha cumprido suas obrigações militares, se orientou para a geriatria, trabalhava num asilo de velhos na periferia parisiense, onde me convidou a visitá-lo, munido de uma máquina fotográfica que eu podia facilmente camuflar no bolso do jaleco branco que me daria para vestir a fim de me fazer passar por um de seus colegas durante a consulta geral. Por causa da fotonovela que eu tinha dedicado a minhas tias-avós, então com 85 e 75 anos, respectivamente, o doutor Nacier achava que eu escondia uma certa atração pelas carnes moribundas. Tinha se enganado por completo a meu respeito, porque eu não tirei nem uma só foto nesse asilo de velhos,

alias não fui tentado a tirar nenhuma, aquela visita disfarçado me causou vergonha e horror. O doutor Nacier, aquele belo rapaz que agrada-va às mulheres velhas, aquele antigo modelo que tentara sem sucesso uma carreira de ator antes de entrar na faculdade de medicina com a morte na alma, aquele bonito que se vangloriava de ter sido violado com a idade de 15 anos, no Grand Hôtel de Vevey onde se tinha hospedado com os pais pouco antes do acidente de automóvel que iria ser fatal a seu pai, por um dos atores que fizera o papel de James Bond, aquele ambicioso não podia se contentar com uma carreira de clínico geral, que cobra 85 francos por consulta aos clientes barrigudos, fedorentos e exigentes, todos hipocôndriacos, de um consultório de bairro que se transforma facilmente em fossa sanitária. Essa foi a razão por que tentou de início se promover com a criação de um morredouro requintado, de marca registrada, que, sob a forma de uma clínica *high-tech* ou *kfi*, substituiria as longas agonias nauseabundas pelos passamentos rápidos e feéricos de uma viagem para a lua, de primeira classe, não reembolsada pela seguridade social. Para obter o aval dos bancos, o doutor Nacier precisava descobrir uma autoridade moral para impedir que esse objetivo fosse considerado duvidoso. Muzil foi esse padrinho ideal. Por meu intermédio, o doutor Nacier conseguiu facilmente um encontro com ele. Eu ia jantar com Muzil depois da entrevista. Fui encontrá-lo com os olhos brilhantes, num estado de alegria insensata. Esse projeto, a que ele não dava crédito algum, deixava-o ao mesmo tempo muitíssimo excitado. Muzil nunca teve tantos acessos de riso como quando estava para morrer. Depois que o doutor Nacier foi embora, ele me disse: "Foi o que lhe aconselhei, ao seu amiguinho, seu negócio não devia ser uma instituição onde se vai para morrer, mas onde se vai fingir que se morre. Tudo ali seria esplêndido, com efeito, com pinturas sumtuosas e músicas suas, mas apenas para disfarçar melhor a verdade, porque haveria uma portinha secreta bem no fundo dessa clínica, talvez atrás de um desses quadros próprios para fazer sonhar; na melodia entorpecedora do nívana de uma injeção, a gente escorregaria devagarinho para trás do quadro e, upá, desapareceria, estaríamos mortos aos olhos de todos, e reapareceríamos sem testemunhas do outro lado do muro, no quintal, sem bagagem, sem nada nas mãos, sem nome, tendo que inventar uma nova identidade."

30000

10 SEU NOME tinha se tornado um pesadelo para Muzil. Ele queria apagá-lo. Tinha lhe encomendado um texto sobre a crítica para o jornal no qual colaborava, ele resumngava, mas ao mesmo tempo não queria me prejudicar, prexxtava dores de cabeça atrozese que paralisavam o seu trabalho, afinal sugeri que publicasse o artigo com um nome fictício, dois dias depois recebia pelo correio um texto dele limpo e incisivo, com este recado: "Mas que acesso de inteligência foi esse que te fez compreender que o problema não era a cabeça, mas sim o nome?" Propôs como pseudônimo Julien de 1^o Hôpital, e cada vez que ia visitá-lo, dois ou três anos mais tarde, no hospital onde agonizava, eu tornava a pensar naquele pseudônimo funesto que nunca veio a público, porque evidentemente o grande jornal que me empregava não quis saber do texto sobre a crítica assinado por Julien de 1^o Hôpital, uma cópia ficou muito tempo no arquivo de uma secretária e tinha desaparecido dali quando Muzil me pediu de volta, encontrei o original na minha casa e o devolvi, quando morreu Stéphane percebeu que ele o havia destruído, como tantos escritos, precipitadamente, nos poucos meses que tinham precedido a sua derrocada. Fui provavelmente responsável pela destruição de um manuscrito inteiro sobre Manet, de cuja existência tinha lembrado um dia, e que lhe solicitei em outra oportunidade, pedindo que me confiasse esse empréstimo, que talvez pudesse contribuir para um trabalho que eu havia iniciado, intitulado 'A pintura dos mortos', que ficou inacabado. Foi por causa do meu pedido que Muzil, que me havia prometido dar seguimento a isso positivamente, teve o trabalho de procurar esse manuscrito no meio da sua bagunça, achá-lo, relê-lo e destruí-lo no mesmo dia. Sua destruição representou a perda de dezenas de milhões para Stéphane, se bem que Muzil tenha deixado como único testemunho algumas frases lacônicas, sem dúvida maduramente pensadas, que isolavam o seu trabalho de qualquer controle, pelo lado material, da família, ao legar os manuscritos ao seu cônjuge, pelo lado moral, do seu cônjuge, ao impedi-lo, pela proibição de qualquer publicação póstuma, de calcar seu próprio trabalho sobre os vestígios do dele, obrigando-o a seguir uma via diferente e limitando assim os danos que poderiam ser trazidos à sua obra. Stéphane conseguiu no entanto fazer da morte de Muzil o seu trabalho, talvez tenha sido assim que Muzil tenha pensado em lhe fazer presente de sua morte, ao inventar o posto de defensor dessa morte nova, original e terrível.

11 AO MESMO TEMPO que procurava, fora dos limites em que circunscrevia a sua obra, apagar esse nome que a celebridade havia aumentado desmesuradamente no mundo inteiro, ele pretendia fazer desaparecer o seu rosto, no entanto tão particularmente reconhecível por diversas características e pelos inúmeros retratos que a imprensa difundia dele há uma dezena de anos. Quando lhe acontecia convidar para ir a um restaurante um de seus amigos, cujo número ele havia reduzido muito rapidamente nos anos que precederam a sua morte, empurrando os conhecidos para uma zona longínqua da amizade que o dispensava de repente de procurá-los, limitando suas relações a uma palavra de vez em quando ou a um telefonema, assim que entrava no restaurante, arriscando-se a esbarrar num desses raros amigos com quem ainda sentia prazer em jantar, partia direto para uma cadeira que lhe permitisse ficar de costas para os outros fregueses, assim como escapar dos espelhos, depois caía em si e oferecia com cortesia a cadeira ou o banco que não lhe convinha. Mostrava ao público o brilho enigmático, secreto, daquele crânio que tinha o cuidado de raspar todas as manchas, no qual eu percebia às vezes, quando me abria a porta, traços de sangue seco que haviam escapado à sua inspeção, ao mesmo tempo que o frescor do seu hálito quando me beijava, com dois beijinhos sonoros de cada lado dos lábios, me fazendo pensar que tinha a delicadeza de escovar os dentes de novo pouco antes da hora do encontro. Paris o impedia de sair, sentia-se muito conhecido ali. Quando ia ao cinema, todos os olhares convergiam para ele. Algumas noites, da minha varanda da rua do Bac 203 eu o via sair novamente, de blusão de couro preto, com correntes e aros de metal nas ombreiras, usando a passagem descoberta que liga as diferentes escadas da rua do Bac 205 para atingir o estacionamento subterrâneo, de onde, com o carro que dirigia tão desajeitadamente, como um miope aflito de nariz no pára-brisa, atravessava Paris para ir a um bar do 12^e *arrondissement*, o Le Keller, onde levava suas vítimas. Stéphane encontrou num armário do apartamento, que o testamento holográfico tinha deixado fora da intrusão da família, um grande saco cheio de chicotes, de capuzes de couro, de coleiras, de freios e de algemas. Aquelos utensílios, cuja existência pretendeu ignorar, lhe teriam causado uma repugnância inesperada, como se também estivessem mortos de agora em diante, e gelados. A conselho do irmão de Muzil, tinha mandado desinfetar o apartamento

antes de entrar na posse dele, graças ao testamento, ignorando ainda que a maioria dos manuscritos havia sido destruída. Muzil adorava as orgias violentas em saunas. O medo de ser reconhecido o impedia de frequentar as saunas parisienses. Mas, quando partia para o seu seminário anual perto de San Francisco, se esbaldava nas inúmeras saunas da cidade, hoje desativadas por causa da epidemia e transformadas em supermercados ou em estacionamentos. Os homossexuais de San Francisco realizavam nesses espaços as fantasias mais insensatas, colocando no lugar dos micrórtos velhas banheiras, onde as vítimas ficavam deitadas noites inteiras à espera das porcarrias, refazendo nos andares exigüos caminhões desmantelados que usavam como câmaras de tortura. Muzil voltou do seu seminário do outono de 1983 botando os bofes pela boca, com uma tosse seca que o esgotava cada vez mais. Mas, entre dois acessos de tosse, se deliciava lembrando de suas últimas proezas nas saunas de San Francisco. Naquele dia, disse-lhe: “Por causa da Aids, não deve haver mais ninguém nesses lugares.” “Engano seu”, me respondeu, “pelo contrário, nunca houve tanta gente nas saunas, e virou algo de extraordinário. Essa ameaça que paira no ar criou novas simplicidades, novas ternuras, novas solidiedades. Antes, nunca se trocava uma palavra, agora as pessoas se falam, cada qual sabe muito precisamente por que está ali.”

12 SEU ASSISTENTE, que conheci no dia do enterro, quando acompanhava Stéphane, e que encontrei alguns dias mais tarde num ônibus, me fez algumas revelações. Não se sabia ainda se Muzil tivera ou não consciência da natureza da doença que o havia matado. Mas seu assistente me garantiu que, em todo caso, ele estava consciente do caráter irreversível da doença. Durante 1983, Muzil ia regularmente às reuniões de uma associação humanitária, numa clínica dermatológica, cujo dono pertencia a essa liga que enviava médicos para o mundo inteiro à medida que ocorriam catástrofes naturais ou políticas. Essa clínica acolhia os primeiros casos de Aids por causa dos seus sintomas dermatológicos, especialmente a síndrome de Kaposi, que causa manchas vermelhas, ou melhor, violáceas, de início na sola dos pés e nas pernas, depois no corpo todo, até a pele do rosto. Muzil tossia como um desesperado nessas reu-

niões, onde se discutia a situação da Polónia depois do golpe de Estado. Apesar de nossos repetidos apelos, de Stéphane e meus, ele se recusava a consultar um médico. Acabou por se dobrar aos rogos do dono da clínica dermatológica, que se espartava com essa tosse seca, violenta e persistente. Muzil passou toda uma manhã no hospital fazendo exames, contou-me até que ponto o corpo — tinha se esquecido disso —, lançado no circuito médico, perde toda a identidade, não passa de um pacote de carne involuntário, atirado daqui para lá, apenas uma matrícula, um nome que passa por uma máquina administrativa, exangue de sua história e de sua dignidade. Enfiaram-lhe pela boca um tubo que ia explorar os pulmões. O dono da clínica dermatológica teve meios de deduzir rapidamente, a partir desses exames, a natureza da doença, mas, para preservar o nome de seu paciente e parecer, tomou as medidas necessárias, supervisionando a circulação das fichas e dos exames que ligavam aquele nome célebre ao nome da nova doença, falseando-os ou censurando-os, para que o segredo ficasse mantido até o fim, deixando-o até a morte com liberdade total no seu trabalho, sem o transtorno de ter que administrar rumores. Tomou a decisão, contrária ao que é estabelecido, de nem ao menos advertir seu namorado, Stéphane, que conhecia um pouco, para não perturbar a amizade deles com esse espectro terrível. Mas avisou ao assistente de Muzil, para que se dedicasse mais do que nunca às vontades de seu mestre e o apoiasse nos últimos projetos do seu pensamento. O assistente me contou no ônibus que sua entrevistada com o dono da clínica dermatológica tinha sido logo após os resultados dos exames transmitidos a Muzil e comentados diante dele pelo patrão e colega. O olho de Muzil nesse instante, tinha revelado o dono da clínica dermatológica ao assistente que me transmitia isso meses mais tarde, tornara-se mais fixo e acirrado do que nunca; com um gesto da mão cortou logo toda a discussão: “Quanto tempo?”, tinha perguntado. Era a única coisa que lhe importava, para o seu trabalho, para acabar seu livro. O chefião da medicina lhe confirmou então a natureza de sua doença? Hoje, eu duvido. Talvez Muzil não o tenha deixado falar? Um ano antes, durante um de nossos jantares na sua cozinha, eu o tinha espicaçado sobre a questão da verdade a respeito da doença mortal, da relação entre o médico e o paciente. Tinha estar com um câncer do fígado em consequência de uma hepatite mal curada. Muzil tinha me dito: “O médico não diz abrupamente a verdade

ao paciente, mas lhe oferece os meios e a liberdade, através de um discurso difuso, de aprendê-la por si mesmo, permitindo-lhe também não saber nada sobre aquilo se no fundo ele prefere essa segunda opção.” O dono da clínica dermatológica prescreveu para Muzil doses maciças de antibióticos que, ao parar sua tosse, fixaram um prazo incerto para o desenlace fatal. Muzil retomou seu trabalho e seu livro na maior animação, decidiu até dar a série de conferências que tinha pensado adiar. Não comentou essa entrevista com o dono da clínica dermatológica nem comigo nem com Stéphane. Um dia anunciou, sondando-me de maneira estranha, que tinha tomado a decisão, mas eu via bem nos seus olhos que me pedia conselho, que sua decisão ainda não estava tomada de verdade, de ir até o fim do mundo com uma equipe daquela associação humanitária que apoiava, para uma missão perigosa, onde se arriscava, assim me fez saber, a nunca mais voltar. Ia procurar no fim do mundo aquela portinha imaginada atrás do quadro do morredouro ideal. Assustado com aquele projeto, mas tratando de não lhe demonstrar até que ponto, respondi-lhe casualmente que seria melhor terminar seu livro. Seu livro infundo.

13 HAVIA COMEÇADO sua história dos comportamentos antes que eu o conhecesse, no início de 1977, pois meu primeiro livro, *La mort propagande*, deve ter saído em janeiro de 1977, e tive a chance de penetrar no seu pequeno círculo de amizades em seguida a essa publicação. O primeiro volume de sua história monumental dos comportamentos tinha saído, de início uma introdução ao primeiro tomo, mas ele a havia desenvolvido tanto que se tornara um livro inteiro, adiando desse modo a publicação do verdadeiro primeiro volume, que de saída já se tornara o segundo, prestes a ser impresso no momento em que o bôldo da introdução lhe dera essa fechada, na primavera de 1976, nessa época não o conhecia, para mim ele não passava de um vizinho ilustre e fascinante, do qual não havia lido nenhum livro. Quando saiu a introdução, que tinha sido tão criticada porque levantava uma tese fundamentalmente oposta àquela que imperava então sobre a censura, ele tinha aceitado, pela primeira e última vez — porque em seguida recusou todos os outros convites —, participar do programa de variedades intelectuais *Apostrophes*, que eu

não tinha visto na época, mas do qual Christine Ockrent, apresentado-ra que Muzil apreciava mais do que todas, me obrigando a dar voltas no quarteirão ao redor do seu edifício quando era convidado para jantar com ele e estava um pouco adiantado, para deixá-lo a sós com ela até as oito e meia, difundiu um curto trecho no seu telejornal, que ele não perderia por nada nesse mundo, na noite de sua morte em junho de 1984. Christine Ockrent, que ele chamava alegremente de queridinha ou muito querida, na verdade só transmitiu uma imensa e interminável gargalhada, tirada daquela emissão, em que se via Muzil de terno e gravata, literalmente se torcendo de rir, quando se esperava que fosse sério como um papa para pontificar sobre um dos estatutos dessa história dos comportamentos de que minava as bases, e essa gargalhada me reaqueceu o coração num momento em que o sentia gelado, quando liguei a televisão em casa de Jules e Berthe, onde tinha me refugiado na noite de sua morte, para ver um pouco como iriam fazer o seu necrológio no noticiário da tevê. Para mim foi a última aparição animada de Muzil que consenti em receber dele, recusando depois disso, por medo de sofrer, me defrontar com qualquer simulação de sua presença, a não ser os dos sonhos, e essa gargalhada que eu aprisionei como imagem absoluta me encanta ainda, embora me faça ciúme que uma gargalhada tão formidável, tão impetuosa, tão luminosa tenha podido sair de Muzil numa época logo anterior à nossa amizade. Ao mesmo tempo em que arruinava através daquele novo trabalho os fundamentos do consenso sexual, ele tinha começado a minar os caminhos do seu próprio labirinto. Tinha anunciado na contracapa do primeiro volume de sua história monumental dos comportamentos, pois o segundo já estava inteiramente redigido e tinha em mãos a documentação necessária para os seguintes, os títulos dos quatro próximos volumes. Engajado no primeiro terço de uma construção de que tinha desenhado o projeto, os pilares e as arestas, as zonas de sombra também, e as passarelas de circulação, segundo as regras do sistema que se mostraram eficazes nos seus livros precedentes, que lhe tinham valido sua reputação internacional, ei-lo agora assaltado por um aborrecimento ou uma dúvida terrível. Interrompe a obra, anula todos os planos, pára essa história monumental dos comportamentos ordenada com antecedência no rigor de suas dialéticas. Pensa de início em deixar o segundo volume para o fim, deixá-lo de qualquer modo à espera, para atacar de um outro ângulo, alterar as

origens de sua história e inventar novos métodos de exploração. De desvio em desvio, centrado em vias periféricas, os acréscimos anexos ao seu projeto inicial tornando-se livros por si sós, mais do que parágrafos, ele se perde, fica desencorajado, destrói, abandona, reconstrói, reexxerta e se deixa pouco a pouco vencer pelo torpor excitado de um retrocesso, pela falta persistente de publicação, sujeito a todos os rumores, os mais ciumentosos, de impotência e de senilidade, ou de reconhecimento de erro ou de vacuidade, entorpecido cada vez mais pelo sonho de um livro infinito que levantaria todas as questões possíveis, e que nada poderia concluir, nada poderia deter a não ser a morte ou o esgotamento, o livro mais poderoso e mais frágil do mundo, um tesouro em progresso levado pela mão que o aproxima e o afasta do abismo, a cada novo salto do pensamento, e do fogo ao menor desalento, uma bíblia dedicada ao inferno. A certeza de sua morte próxima colocou um termo nesse sonho. Já que o tempo era contado, resolveu reordenar seu livro, com limpidez. Na primavera de 1983, tinha ido à Andaluzia em companhia de Stéphane. Surpreendia-me vê-lo reservar hotéis de segunda ou terceira categoria, tinha esse sentido da economia, no entanto encontraram-se em sua casa, depois de sua morte, inúmeros cheques de vários milhões que negligentemente deixara de ir depositar no banco. Na verdade, tinha sobrepujado horror ao luxo. Mas censurava a avariza de sua mãe que só havia lhe cedido canecas trincadas quando lhe havia pedido uma ajuda para a casa de campo que acabara de comprar, na qual sonhava passar ótimos verões laboriosos em nossa companhia. Na véspera de sua partida para a Andaluzia, Muzil me convocou a sua casa e me disse com solenidade apontando duas grossas pastas cheias de papel colocadas lado a lado na sua mesa: "São meus manuscritos, se me acontecer alguma coisa durante essa viagem, eu lhe peço para vir aqui e destruir todas as duas, você é o único a quem posso pedir isso e conto com a sua palavra." Respondi que seria incapaz de fazer tal coisa e, portanto, declinava o seu pedido. Muzil mostrou-se escandalizado e atrozmente desapontado com a minha reação. Na realidade, só iria acabar seu trabalho meses mais tarde, depois de tê-lo reformulado inteiramente mais uma vez. Quando desabou na cozinha e Stéphane o encontrou desacordado numa poça de sangue, já tinha entregue os dois manuscritos ao editor, mas voltava todas as manhãs à biblioteca de Chaussoir para controlar a exatidão de suas notas de pé de página.

14 QUANDO POR RAZÕES de força maior voltei do México, em outubro de 1983, depois de ter implorado ao gerente da agência da Air France do México, que me recebeu com os pés em cima da mesa, vendo caírem do teto para uma vasilha as gotas de um dilúvio que desabava do lado de fora, eu próprio ensofado e invocando a piedade humana, que me repatriasse para a França com urgência, remarcando aquele maldito bilhete de tarifa reduzida, com data fixa e mínimo de 13 dias, quando então tiveira uma febre violenta até no avião que me aproximava compassivamente de meu país natal, entre os turistas agitados com sombrios que engoliam cacarejando os últimos goles de tequila, telefonei para Jules do aeroporto e ele me disse que tinha passado todo o tempo em que eu ficara no México hospitalizado, abatido também por uma febre alta, com o corpo coberto de gânglios, e que, no hospital da Cidade Universitária, não haviam parado de fazer exames que não tinham acusado nada, até o mandarem de volta para casa. Ao olhar a paisagem cinzenta dos subúrbios parisienses desfilarem pelas janelas do táxi, que eu considerava como uma ambulância, e porque Jules acabara de me descrever os sintomas que começavam a se associar à famosa doença, disse a mim mesmo que ambos tínhamos Aids. Aquilo modificava tudo num só instante, tudo vacilava, até a paisagem, em torno dessa certeza, e me paralisava ao mesmo tempo que me criava asas, reduzia as minhas forças aumentando-as ainda mais, tinha medo e estava aturdido, calmo e ao mesmo tempo aflito, talvez tivesse afinal atingido o meu objetivo. É claro que as pessoas tentaram me dissuadir. Primeiro Gustave, a quem contei na mesma noite por telefone, e que, de Munique, exortou-me com ceticismo a não especular com base num simples pânico. Depois Muzil, em casa de quem ia jantar no dia seguinte, e ele, que já estava num estágio da doença bastante avançado, pois lhe restava menos de um ano de vida, me disse: "Meu gatinho, mas o que é que anda imaginando? Se os vírus que circulam pelo mundo inteiro desde a moda dos *charters* fossem todos mortais, você pode imaginar que não haveria mais muita gente nesse planeta." Era a época em que os boatos mais fantasistas, mas que pareciam então críveis pois se sabia muito pouco sobre a natureza e o funcionamento daquilo que não havia sido ainda definido como vírus, um lento ou retrovírus, próximo do que se esconde nos cavalos, se propagavam sobre a Aids: que se pegava cheirando nitrato de amila, logo retirado do mercado, ou que se tratava

do instrumento de uma guerra bacteriológica lançada ora por Brejnev, ora por Reagan. No final de 1983, como Muzil recomenceasse a tossir forte, tendo parado de tomar os antibióticos, cujas doses, segundo um farmacêutico de bairro, eram capazes de matar um cavalo, eu lhe disse: "Na verdade, você admite estar com Aids." Ele me lançou um olhar sombrio e sem resposta.

É NÃO SE TERAR

15 POUCO DEPOIS da minha volta do México apareceu um abscesso monstruoso no fundo da minha garganta, me impedindo de engolir e logo de ingerir qualquer comida. Tinha deixado o doutor Levy, a quem recriminava não ter cuidado da minha hepatite e de não levar a sério nenhum dos meus males, especialmente aquele ponto tenaz do lado direito que me fazia temer um câncer do fígado. O doutor Levy logo morreu de câncer do pulmão. Eu o havia substituído, no Centro de Pesquisa Funcional, que me tinha sido recomendado por Eugénie, por outro clínico geral, o doutor Nocourt, irmão de um colega do jornal. Não lhe dando uma folga, consultando-o pelo menos uma vez por mês por causa daquele ponto do lado direito, eu tinha insistido até que me desse guias para todos os exames possíveis e imagináveis, naturalmente o exame de sangue para verificar a taxa das minhas transaminases, mas também uma ecografia, durante a qual olhava para a tela ao mesmo tempo que ele, enquanto ele apalpava meu abdome inchado com a ponta do seu estilete, as sombras das minhas vísceras, eu invectivava o médico cujo olho me parecia muito frio, muito igual durante sua inspeção para não esconder alguma dissimulação, acusava o olho dele de mentir, até que minhas suspeitas o fizessen morrer de rir, dizendo-me que era difícil morrer de câncer do fígado com 25 anos de idade, e enfim uma urografia que foi uma prova terrível, humilhado, deitado nu por mais de uma hora, não tendo sido avisado da duração desse exame, sobre uma mesa de metal gelada sob um telhado de vidro através do qual podia ser visto por operários que trabalhavam numa cobertura, incapaz de chamar quem quer que fosse, porque haviam me esquecido com uma agulha grossa plantada na veia do braço injetando no meu sangue um líquido violáceo que o esquentava demais, até que ouvi através do

biombo a técnica voltar e dizer a um colega que tinha aproveitado para descer e comprar um bife e perguntar-lhe sobre suas férias recentes na ilha de Reunião, parece que essa pesquisa havia afinal revelado alguma coisa, o que tinha me aliviado e ao mesmo tempo decepcionado, porque o doutor Nocourt me avisou que se tratava de um fenômeno extremamente raro, mas totalmente benigno, que nunca havia encontrado em trinta anos de carreira, uma malformação renal, provavelmente congênita, uma espécie de baciazinha na qual os cristais podiam se acumular provocando aquela dor do lado direito, da qual o urologista pensava me livrar pela ingestão maciça de água gasosa e limão. Mas, antes mesmo de me dedicar a um frenético consumo de limões, o ponto do lado direito, uma vez que eu já conhecia a sua origem, parou de doer e me encontrei, por um curto espaço de tempo, como um idiota, sem nenhuma dor.

16 NESSE MEIO TEMPO, Eugénie tinha me aconselhado a consultar o doutor Lérisson, um homeopata. Marine e Eugénie adoravam o doutor Lérisson. Eugénie passava noites inteiras na sua sala de espera, com o marido e os filhos, esperando a consulta providencial entre as grandes damas e os descamisados, porque para o doutor Lérisson era um ponto de honra fazer as condessas pagarem mil francos de consulta e dedicar um tempo igual aos vagabundos em troca de quase nada. Eugénie olhando a porta do consultório feito desesperada onde às vezes, às três horas da manhã, com um gesto cansado, o doutor Lérisson fazia entrar a sua pequena família em perfeita saúde, que saía de lá com receitas de dez cápsulas amarelas do tamanho de um *nuts* para engolir antes das refeições, mais cinco cápsulas vermelhas de tamanho médio, sete comprimidos azuis e um monte de granulados para deixar derreter debaixo da língua. Toda essa medicação quase fez morrer o filho de Eugénie quando teve uma apendicite banal, o doutor Lérisson é contra as intervenções radicais, as ablações ou os tratamentos químicos, ele confia no equilíbrio da natureza e nas plantas prensadas, de repente o filho de Eugénie estava com uma peritonite complicada por várias sobre-infecções, marcadas por três reincisões que lhe deixaram uma bela cicatriz do púbis até o pescoço. Marine me dizia extasiada que o

doutor Lérisson era um santo, sacrificando toda a sua vida pessoal, até mesmo sua pobre esposa, que ela ficava bem contente de ver passar em branco, pelo exercício de sua arte. Quando Marine ia consultá-lo entre três e quatro vezes por semana, não passava pela sala de espera: uma enfermeira, assim que reconhecia seus óculos escuros, fazia-a entrar por uma porta disfarçada para uma sala íntima ligada ao consultório do doutor Lérisson, onde ele reservava as experiências mais capciosas para suas clientes mais célebres, metendo-as nuas em caixões de metal, depois de ter enfiado em todo o corpo agulhas cheias de concentrados de ervas, de tomate, de bauxita, de abacaxi, de canela, de patchuli, de nabo, de argila e de cenoura, de onde elas saíam trêmulas, escarlates e quase bêbadas. O doutor Lérisson, com a agenda cheia, não aceitava mais qualquer cliente. Graças às recomendações especiais de Eugénie e Marine, consegui afinal uma consulta, depois de entendimentos com uma secretária oculta, para o trimestre seguinte. Perdi quatro horas na sala de espera, cercado de fisionomias perturbadas, quando o assistente com um jaleco branco mais banal do mundo falou o meu nome abrindo a porta, eu disse: "Não, eu tenho consulta com o doutor Lérisson!" "Pode entrar", me disse. "Não", respondi, "pressentindo uma fraude, quero falar com o doutor Lérisson pessoalmente." "Mas eu sou o doutor Lérisson, pode entrar!", disse, batendo a porta nas minhas costas com irritação. Por causa do fraco que Eugénie e Marine tinham por ele, eu o imaginava um dom-juan. Num piscar de olhos o doutor Lérisson descobriu meu problema, beliscou-me o lábio, fixando minhas pálpebras, e me disse: "O senhor é sujeito a vertigens, não é?" Depois da minha resposta, que era óbvia, acrescentou: "O senhor é uma das pessoas mais incriminadamente espermofílicas que já encontrei, talvez até mais que sua amiga Marine, que no entanto é um protótipo nessa questão." O doutor Lérisson me explicou que a espermofilia não chegava a ser uma doença, aliás nem orgânica nem mental, mas sim um recurso formidável, dinamizado por uma carência de cálcio, próprio para torturar o corpo. Assim, a espermofilia não era um mal psicossomático, mas a determinação do objeto e do local do sofrimento que era capaz de produzir provinha de uma decisão semivoluntária ou mais freqüentemente inconsciente.

17 JÁ QUE O CORPO se encontrava frustrado, por esse anúncio da malformação renal benigna mais a teoria da espasmofilia, desposuído momentaneamente de suas capacidades de sofrimento, sem dúvida ávido, ele se voltou para cavar no mais fundo de si mesmo, cegamente, lateando. Não tinha crises de epilepsia, mas era capaz, a qualquer momento, de me retorcer de dor literalmente. Nunca, sofri tão pouco como desde que sei que tenho Aids, estou muito atento às manifestações da progressão do vírus, me parece que conheço a cartografia de suas colonizações, de seus avanços e de suas retiradas, acredito saber quando está latente e quando ataca, sentir as zonas ainda intocadas, mas essa luta no interior, que, esta sim, é organicamente bem real, os exames científicos atestam isso, nesse momento não é nada, seja paciente, meu caro, em comparação com as doenças por certo fictícias que me minavam. Comovido pelos achados deles, Muzil me mandou consultar o velho doutor Aron, que já tinha praticamente parado de trabalhar, mas continuava, duas ou três horas por dia, a freqüentar o consultório que herdara de seu pai e onde nada parecia ter sido mexido há quase um século, minúsculo e de passo curto, translúcido entre seus enormes aparelhos de raios X antediluvianos. O doutor Aron ouviu o relato dos meus sofrimentos, depois me mandou passar para a outra parte do seu consultório, onde ficavam aqueles enormes blocos articulados com seus braços, suas válvulas e suas vigias, que a tornavam parecida com a cabine de um submarino, e a tirar a roupa. O homenzinho esbranquiçado e translúcido agachou-se aos meus pés e começou a percutir nos meus artelhos, nos calcaneares e nos joelhos, como o leve martelo de um cimbaló, o martelinho que os encheu de arrepios. Depois jogou no fundo da minha íris o fecho luminoso de um óculo esférico que havia amarrado na testa e me disse com um longo suspiro: "Na verdade, o senhor é um personagem cômico." Voltei para a sala de consulta e lhe disse essa frase, sim lembro-me muito bem, disse-lhe exatamente esta frase em 1981, pouco antes de Bill ter me falado pela primeira vez na existência daquele fenômeno que já nos ligava a todos, Muzil, Marine e tantos outros sem que o pudéssemos saber: "Beijarei as mãos daquele que me informar sobre a minha condenação." O doutor Aron consultou uma enciclopédia, leu em silêncio um dos artigos e me disse: "Encontrei a doença que o affige, é uma doença muito rara, mas não fique muito preocupado com isso, é uma doença que decerto faz sofrer

muito, mas que em geral passa com a idade, é uma doença da juventude que deverá desaparecer quando você tiver uns trinta anos, o seu nome mais compreensível é dismorfofobia, isto é, você detesta qualquer tipo de deformidade." Escreveu uma receita, pedi-lhe para ver, me receitara antidepressivos. Não achava que isso ia me fazer mais mal do que bem? Téo, me contando o caso de um diretor que acabara de estourar os miolos no quarto contíguo àquele em que dormia seu cenógrafo, responsabilizava os antidepressivos, dizendo que eram eles os únicos responsáveis, em geral, por conferir suficiente euforia, resistindo à hebetude, para passar aos atos. Ao sair do consultório do doutor Aron, rasguei a receita e fui contar a consulta a Muzil. Meu relato o fez ficar furioso: "É inacreditável, esses clínicos gerais de bairro", disse, "já estão tão saturados dos escarros e das diarreias de seus pacientes, que se voltam para a psicanálise e fazem os diagnósticos mais disparatados!" Pouco antes de desabar inconsciente na sua cozinha, no mês que precedeu a sua morte, pressionado por Stéphanie e por mim para consultar um médico por causa da tosse que recorregava a lhe tirar o fôlego, Muzil concordou em ir a um velho clínico do seu bairro que, depois de tê-lo examinado, assegurou-lhe alegremente que estava com a saúde perfeita.

18 HOJE, 4 de janeiro de 1989, digo a mim mesmo que me restam exatamente sete dias para traçar a história da minha doença, e é claro que é um prazo impossível de manter, e insustentável para o meu conforto moral, porque tenho que telefonar no dia 11 de janeiro à tarde para o doutor Chandi, a fim de que me diga pelo telefone os resultados dos exames a que tive que me submeter em 22 de dezembro, pela primeira vez no Hospital Claude-Bernard, entrando com isso numa nova fase da doença, exames que foram atrozes, porque tive que chegar lá cedo e em jejum, não tendo praticamente dormido durante a noite por medo de perder aquela hora marcada para mim um mês antes pelo doutor Chandi, que tinha soletrado pelo telefone meu nome, meu endereço e minha data de nascimento, me jogando assim publicamente numa outra fase confessada da doença, a não ser para sonhar, nessa noite que precedeu aqueles exames atrozes nos quais me tiraram uma quantidade abominável de

sangue, que eu tinha sido impedido por diversas razões de ir a essa consulta decisiva para a minha sobrevivência, ainda por cima tendo que atravessar Paris de ponta a ponta paralisada por uma greve semi-geral, e escrevendo tudo, na realidade, no dia 3 de janeiro à noite, por medo de desmoronar durante a noite, lutando ferozmente até o fim e até essa corrida sem fim, me lembrando com terror daquela manhã que tive que sair em jejum nas ruas geladas, nas quais, por causa da greve, reinava uma bagunça geral, para me tirarem uma quantidade astronômica de sangue, roubar meu sangue naquele instituto de saúde pública para fins de não sei que experiências, e lhe tirar ao mesmo tempo o resto de suas forças, sob o pretexto de controlar o número de T4 que o vírus tinha massacrado em um mês no meu sangue, de capturar uma dose suplementar de minhas reservas vitais para enviá-las aos pesquisadores, transformá-las em matéria desativada de uma vacina que salvará os outros depois da minha morte, de uma gamaglobulina, ou para infectar um macaco de laboratório, mas antes disso eu tinha tido que me esmigalhar na massa fedorenta e resignada que lotava um vagão de metrô desregulado pela greve, sair sufocado e subir para a rua para esperar diante da cabine telefônica que a moça estrangeira com seu monte de bagagens tivesse compreendido, pelos meus gestos através do vidro, em que sentido devia enfiar o cartão e que em seguida era necessário abaixar a tampa sobre ele, ela me cedeu gentilmente o lugar e esperou por sua vez no frio que eu tivesse acabado com o círculo vicioso desesperador do disco dos Táxis Azuis, ao mesmo tempo em que um empregado da Prefeitura de Paris, tendo parado sua caminhonete diante da cabine, tomou-a de assalto com um sistema de aspersão que escureceu e azulou tudo dentro dela, enquanto eu escutava pela centésima vez o disco dos Táxis Azuis, enjoado pelo café puro sem açúcar que o doutor Chandi tinha me autorizado a tomar com exclusão de qualquer outra coisa, e no entanto a enfermeira, quando atingi a única ilha viva no interior do hospital Claude-Bernard, que acabara de ser esvaziado e que eu atravessava desativado na bruma como um hospital-fantasma do fim do mundo, lembrando-me da minha visita a Dachau, a única ilhazinha animada era a da Aids, com suas silhuetas brancas por trás dos vidros translúcidos, me perguntou, arrumando os vidros vazios na cuba, um, depois dois, depois três, depois um grande, mais dois pequenos, e por fim era um total de uma boa dúzia que iam todos se encher num instante com o

meu sangue quente e negro, e que se superpunham na cuba, rolando entre si e procurando lugar como os viajantes apressados nas linhas do metrô dessincronizado pela greve, se eu tinha tomado um bom café da manhã, que em todo caso teria podido, que deveria tê-lo feito ao contrário do que recomendara o doutor Chandi, a quem me dera o tratamento de perguntar, e que da próxima vez devia fazê-lo, me disse a enfermeira, perguntando em que braço eu queria tirar sangue, como se eu naquele momento estivesse em condições de assumir uma próxima vez, horrorizado, num estado de horror perto do acesso de riso, mas no momento o empregado da Prefeitura de Paris tinha limpado do lado de fora todo o embaçado da cabine telefônica e esperava de braços cruzados que eu acabasse o disco dos Táxis Azuis para atacar o interior, pronto para empurrar a moça estrangeira que estava na vez, mas de cansaço ele desapareceu com a sua caminhonete no mesmo momento em que a voz dos Táxis Azuis anunciou, desligando logo depois, que não havia carro disponível, depois de dez minutos de espera, para ir àquele número da rua Raymond-Losserand que eu tinha anotado às pressas no momento em que finalmente conseguira linha atrás do vidro da cabine telefônica, onde deixei entrar a moça estrangeira, me enfiando de novo pelo metrô adentro, dessa vez disposto a qualquer coisa, com uma náusea e uma fraqueza próximas da potência, disposto a tudo e até mesmo com uma certa alegria, a aparecer de graça, como por acaso naquela manhã, ou ser jogado por um louco de baixo do metrô, onde ia pela segunda vez me esmagar, retendo a respiração e levantando a cabeça, respirando só pelo nariz, amedrontado pela idéia de que, além do mais, me arriscava a pegar a gripe chinesa, que já tinha levado para a cama, assim diziam os jornais, dois milhões e meio de franceses. O vagão da linha Mairie d'Issy—Porte de la Chapelle, onde o doutor Chandi tinha me aconselhado a descer, com uma opção em Porte de la Villette, antes de andar uns bons dez minutos ao longo de uma via periférica, estava quase vazio. Um homem com um boné com protetores de orelha de pele, na saída da estação Porte de la Chapelle, me indicou o caminho com gestos que sugeriam quilômetros e, quando mencionei o nome Claude-Bernard, porque ele queria saber com mais segurança para que número da avenida da Porte d'Aubervilliers eu estava indo, pareceu-me que compreendia tudo da minha situação e do desastre em que me encontrava, porque, de repente, passou a ser de uma gentileza incom-

parável comigo, que mesmo mostrando-se discreta e leve, quase humorística, não adogou menos esse café preto que continuava a me dar náuseas, ele havia lido nos jornais da antevéspera que o hospital Claude-Bernard, que datava da década de 1920, tendo se tornado insalubre, havia se mudado para um novo local, com exceção do pavilhão Chantemesse, para onde o doutor Chandi tinha me mandado esquecendo-se de me avisar sobre essa conjuntura, edifício exclusivamente destinado aos doentes de Aids e em funcionamento no interior de um hospital morto, até segunda ordem. Pelo telefone, o doutor Chandi, a quem pedira indicações sobre o trajeto, especialmente naqueles dias de greve, para chegar ao Claude-Bernard, porque, como se fosse de propósito, eu tinha perdido o papel onde as anotara com detalhes um mês antes, me disse apenas: "Ah, sim, a sua avaliação sanguínea, já é amanhã? Meu Deus, como o tempo passa depressa!" Logo eu me perguntava se ele havia dito aquela frase intencionalmente para me lembrar que meu tempo de agora em diante estava contado, e que não devia desperdiçá-lo escrevendo com a minha pena ou por intermédio de outros, me remetendo àquela outra frase quase ritual que havia pronunciado um mês antes, quando, ao constatar nos últimos exames o avanço precipitado do vírus no meu sangue, e me pedindo para proceder — por um novo exame de sangue — à pesquisa do antígeno P24, que é o sinal da presença ofensiva e não mais latente do vírus no corpo, isso para acionar a providência administrativa que permitia obter o AZT, que é hoje em dia o único tratamento da Aids na sua fase definitiva: "Agora, se não se fizer nada, não vai ser uma questão de anos, mas de meses." Tinha tomado a perguntar o caminho num posto de gasolina, pois não havia ninguém nessa avenida sem lojas, rasgada pelo fluxo dos carros, para me informar, e vi pelo olhar do frentista que ele encontrava um ponto comum, não sabia qual, nos rostos e nos olhares, no comportamento febril, falsamente seguro e descontraído, daqueles homens de vinte a quarenta anos que lhe perguntavam o caminho do hospital desativado numa hora que não é a chegar no portão do hospital Claude-Bernard, onde não havia mais nem guarda nem serviço de recepção, mas um cartaz indicando que os doentes convocados ao pavilhão Chantemesse, que me havia soletrado o doutor Chandi, deviam dirigir-se diretamente às enfermeiras daquele prédio que encontrariam no recinto seguindo o percurso das

setas. Tudo estava deserto, devastado, frio e úmido, como que saqueado, com persianas azuis desfiadas que batiam com o vento, eu caminhava ao longo de pavilhões como barricadas cor de tijolo que anunciavam na frente: 'Doenças infecciosas', 'Epidemiologia africana', até o pavilhão das doenças mortais, a única célula iluminada que continuava a fervilhar atrás de seus vidros foscos e onde se extraía sem descanso o sangue contaminado. Não cruzei com ninguém no caminho, a não ser um negro que não encontrava mais a saída e me pediu para lhe indicar uma cabine telefônica. O doutor Chandi tinha me avisado que as enfermeiras desse serviço eram muito gentis. Pois devem ser mesmo com ele quando vai dar consulta, na quarta-feira de manhã. Segui por um corredor de azulejos, transformado em sala de espera para os pobres-diabos como eu que se entretelhavam pensando que a doença se escondia, assim como neles, atrás desses rostos que tinham o ar saudável, e que às vezes eram cheios de juventude e beleza, embora eles próprios vissem uma cara de morte quando se olhavam no espelho, ou, ao contrário, tinham a impressão de detectar imediatamente a doença naqueles olhares descartados, enquanto eles próprios se asseguravam a todo momento no espelho de que ainda gozavam de boa saúde, apesar dos exames ruins, e, andando nesse corredor, atrás de um dos vidros foscos que desciam até a altura dos ombros, reconheci de imediato o rosto de um homem que me era familiar, com quem tivera contato, e logo me voltei para o outro lado, horrorizado diante da idéia de ter que trocar olhares de reconhecimento e de igualdade forçada, logo eu, que só tinha desprezo por esse homem. Três enfermeiras apertavam-se, como que empilhadas num malabarismo de circo, umas por cima das outras, num armário de vassouras, virando freneticamente as páginas de um fichário e gritando os nomes, foi então que gritaram o meu, mas chega um estágio da doença no qual não se tem mais o que fazer com o segredo, em que ele se torna até odioso e incômodo, e uma delas falou de sua árvore de Natal, não se pode deixar-se vender pelo horror dessa doença, senão ela invade tudo, ela não passa de um tipo de câncer, um câncer que se torriara agora quase que totalmente transparente pelo avanço das pesquisas. Tinha me refugiado num dos boxes de tirar sangue, fechado a porta atrás de mim com precipitação e me afundado no assento mais baixo com medo de que o homem que eu havia reconhecido pudesse por sua vez me reconhecer, mas a todo instante uma enfermeira abria de novo

a porta para perguntar o meu nome ou me avisar que eu tinha entrado no boxe errado. A enfermeira que devia tirar o meu sangue me olhava com um olhar cheio de docura, querendo dizer: "Você vai morrer antes de mim." Esse pensamento a ajudava a ser clemente e a enfiar a agulha na veia direto e sem luvas depois de ter contado o número de seus tubos rolando-os, com a ponta dos dedos na baciazinha. Disse: "É para a avaliação pré-AZT! Desde quando o senhor está em avaliação?" Pensei antes de responder: "Um ano." No nono tubo que encaixou no sistema de pistão que me aspirava o sangue a vácuo, me disse: "Se quiser, posso lhe trazer um café da manhã, Nescafé e torradas com geleia, pode ser?" Levantei-me logo do assento e ela me fez sentar de novo, assustada: "Não, fique sentado ainda um pouco, o senhor está muito pálido, tem certeza, que não quer um bom café da manhã?" Tinha pressa de sair de lá, não me agüentava nas pernas, mas tinha vontade de correr, correr como nunca, no matadouro de cavalos, o animal a que se acaba de sangrar o pescoço, amarrado pelos flancos, continua a galopar no vazio. As artistas do empilhamento no seu armário de vassouras marcaram de rotina uma consulta no dia 11 de manhã, com o doutor Chandi. Saindo de novo no fio, pensava que só faltava agora me perder como o negro naquele hospital-fantasma, a ideia me fazia rir, perder-me ou desfalecer naquele hospital, provavelmente único no mundo, onde podia me acontecer de esperar horas até que alguém passasse por ali para me levantar. Apesar de todos os meus esforços para não me perder seguindo o percurso das setas, logo percebi que chegava diante de uma saída fechada, seria preciso refazer o caminho no sentido inverso e começar a procurar outra saída. Passou um motociclista com um capacete que tornava o seu rosto tão indistinguível como o de um esgrimista. Passei de novo diante do pavilhão de doenças mortais, depois diante do pavilhão de epidemiologia africana, depois diante do de doenças infecciosas, e não havia mais ninguém para me perguntar o caminho. Continuava com aquela vontade terrível de rir, e de falar, de telefonar correndo para os amigos para contar-lhes tudo aquilo, e descartar a almooça com o meu editor e discutir o valor do meu novo contrato, que me permitiria fazer a volta ao mundo num pulmão de aço ou estourar os miolos com uma bala de ouro. À tarde, telefonei para o doutor Chandi no consultório para dizer que a experiência da manhã tinha sido uma provação muito seria. Ele me disse: "Deveria tê-lo avisado, tudo que você diz é ver-

dade, mas eu nem vejo mais nada, passo lá uma manhã por semana, e é preciso ter garra para continuar funcionando." Disse-lhe que acreditava que se tinha me mandado lá tinha sido porque era inevitável, mas queria saber se de agora em diante, na medida do possível, poderíamos suprimir as visitas àquele hospital e continuar a tratar o caso entre nós. Inquieto pela ameaça que tinha deixado transparecer na nossa última entrevista, a saber, que eu escolheria entre o suicídio e escrever um novo livro, o doutor Chandi me disse que faria todo o possível mas que o fornecimento de AZT só se conseguia através de um comitê de supervisão. Conteí essa conversa a Bill naquela mesma noite, depois de ter almoçado com o meu editor e passado a tarde no hospital com a minha tia-avó, e Bill me disse: "Eles devem ter medo que você revenda o seu AZT aos africanos, por exemplo." Na África, por causa do alto custo do remédio, prefere-se deixar morrer os doentes e dedicar o dinheiro à pesquisa. Foi nessa tarde do dia 22 de dezembro que decidi, com o doutor Chandi, não ir a essa consulta do dia 11 de janeiro, à qual ele compareceria no meu lugar, desempenhando um papel ao mesmo tempo nos dois campos, para conseguir, se fosse necessário, ou para me fazer crer que era só assim que ele o obteria, por esse simulacro da minha presença, bloqueando o tempo concedido à nossa consulta para enganar o comitê de supervisão, o medicamento esperado. Tenho que lhe telefonar na tarde de 11 de janeiro para saber o resultado e é por isso que digo hoje, 4 de janeiro, que me restam apenas sete dias para retrair a história da minha doença, porque o doutor Chandi vai me dizer na tarde de 11 de janeiro, tanto num sentido como no outro, embora esse sentido só possa ser nefasto como já me preparou, arrisca ameaçar este livro, pulverizá-lo na raiz, e ter que recomençar do zero, apagar as 57 folhas já escritas antes de jogar de novo com a sorte.

19 1980 TERÁ SIDO o ano da hepatite que Jules me passou de um inglês chamado Bobo, e que Berthe evitou por um triz com uma injeção de gamaglobulina. 1981, o ano da viagem de Jules à América, a Baltimore, onde se tornou amante de Ben, e a San Francisco, de Josef, pouco depois de Bill ter-me falado pela primeira vez da existência da doença, a menos que o tenha feito no fim de

1980. Em dezembro de 1981, em Viena, Jules tepeu na minha frente na noite de meu aniversário com um massagistazinho louro de cabelo cacheado que pegou numa sauna, Arthur, que tem manchas e crostas pelo corpo todo, sobre o qual eu escrevi no dia seguinte no meu diário, numa semi-inconsciência, porque nessa época se dava um crédito relativo ao flagelo: "Ao mesmo tempo nós pegávamos a doença um do corpo do outro. Teríamos pegado lepra se pudéssemos." 1982 foi o ano em que Jules anunciou em Amsterdã a procriação de um primeiro filho que deveria se chamar Arthur e que acabou na privada, notícia que me traumatizou a tal ponto que pedi a Jules para criar no meu corpo, em troca, uma força negativa, "uma semente negra". Ihe disse naquela noite por entre lágrimas no restaurante de Amsterdã, à luz de velas, o que ele não pareceu levar adiante, porque eu sonhava com pancadas, aviltamento e submissão, queria me tornar seu escravo e foi ele que se tornou o meu, de modo intermitente. Em dezembro de 1982, em Budapeste, onde ele foi se recolher diante do túmulo de Bartók, eu tomava no cu de um babaca americano originário do Kalamazoo, Tom, que me chamava de seu bebê. 1983 foi o ano do México, do abscesso na garganta e dos gânglios de Jules. 1984, o ano das traições de Marine e do meu editor, da morte de Muzil e dos pedidos depositados no Japão no Templo da Espuma. Não sítuo nada em 1985 relativo à nossa história. 1986 foi o ano da morte do padre. 1987, o ano da minha zoster. 1988, o ano da revelação irremediável da minha doença, seguida três meses mais tarde por esse acaso que me fez acreditar numa salvação. Nessa cronologia que delimita e baliza os augúrios da doença ao longo de oito anos, enquanto se sabe hoje que seu tempo de incubação se situa entre quatro anos e meio e oito anos segundo Stéphane, os acidentes fisiológicos não são menos decisivos que os encontros sexuais, nem as premonições que os desejos que tentam apagá-las. E esta cronologia que se torna o meu esque- ma, a não ser quando descobro que a progressão nasce da desordem.

20 QUANDO, em outubro de 1983, na minha volta do México, aquele abscesso se abre no fundo da minha garganta, não sei mais que médico procurar, o doutor Nocourt diz que não faz visita a domicílio, o doutor Levy morreu, já não cabe cogitar nem

do velho doutor Aron depois do caso da dismorfofobia, nem do doutor Lérisson, que gostaria de me sufocar debaixo de uma montanha de cápsulas. Resolvi chamar um jovem substituto do doutor Nocourt, que me prescreveu antibióticos que, depois de tomá-los por três ou quatro dias, não fizeram nenhum efeito, o abscesso continua a ganhar terreno, não posso engolir sem sentir dores atrozes, não como mais nada praticamente, a não ser alimentos moles que Gustave me traz todos os dias, de passagem por Paris. Jules não está disponível. Refeito de sua febre, aceitou um trabalho muito absorvente numa produção teatral. Com essa ferida branca em carne viva que me rói a garganta, fico obcecado pelo beijo, na pista de dança do Bombay, no México, da velha puta, sócia perfeita da atriz italiana que se apaixonou por mim e que tinha nascido no mesmo ano que minha mãe, que de repente tinha metido a língua no fundo da minha garganta, como uma cobra louca, colando-se em mim nesse chão luminoso do Bombay aonde o produtor americano tinha me arrastado para coletar um rebanho de putas para figurar no filme adaptado de *Au-déssous du volcan*, um dos romances preferidos de Muzil, que havia me emprestado seu exemplar, amarelado e manuseado, antes da minha partida. As putas, das mais jovens às mais velhas, desfilavam pela mesa de seu patrão, Mala Facia, para me ver de perto e me tocar e me arrastar uma após outra para a pista de dança, porque eu era louro. Aparentavam-se contra mim, rindo ou então languidamente, do jeito daquela puta que cheirava forte a cosméticos, que me parecia, como uma alucinção, a reencarnação da atriz italiana que tinha me amado e oferecido seus lábios, me sussurrando que para mim elas o fariam de graça num dos boxes do andar, porque eu era louro. O governo acabara de fechar os bordéis à antiga, com seus pátios onde desfilavam as mulheres, e seus corredores escuros ladeados de cubículos, clareados no nicho do fundo pela Virgem luminosa da misericórdia. Esses estabelecimentos, bloqueados e vigiados pela polícia, foram substituídos de repente por grandes *dancings* à americana. Tinha tido o azar de ir alguns dias antes a uma boate homossexual indicada por um amigo mexicano de Jules e também ali os rapazes tinham feito fila na minha frente para me olhar e, os mais audaciosos, me apalpar como um amuleto de sorte. A velha puta tinha passado do limite que estabeleci para a atriz italiana, sem me avisar tinha enfiado a língua no fundo da minha garganta e, a milhares de quilômetros de distância, seu beijo

me voltava a cada sensação dolorosa produzida pelo abscesso para cavá-lo mais profundamente, como uma ponta de ferro em brasa. A velha puta tinha percebido o horror que seu beijo havia me causado, pediu desculpas, ficou triste. De volta ao quarto de hotel na rua Edgard Allan Poe, ensaboei a língua me olhando no espelho e tirei uma foto dessa cara engraçada, devastada pela bebedeira e pelo nojo. Uma tarde de domingo, quando a dor me parecia insuportável, me fazendo chorar de desânimo diante de Gustavo impotente, não conseguindo falar com nenhum dos médicos, me resignei a telefonar para a casa do doutor Nacier, que era meu amigo, e até então nunca tinha pensado em levá-lo a sério como médico. Disse-me para passar imediatamente para ver-me, examinou minha garganta, levantou a possibilidade de ser um cancro sífilítico e despachou uma enfermeira para a minha casa no dia seguinte que tirou sangue para o exame e um esfregaço do fundo da garganta para descobrir precisamente o microbio ou a bactéria e administrar um antibiótico específico. A eficácia e a gentileza do doutor Nacier, que acabou rapidamente com a minha dor, tendo tido o cuidado, ao contrário do outro médico, de me receitar analgésicos, fizeram com que me decidisse a escolhê-lo como médico daí por diante; e, como seu consultório não era longe da minha casa, ia lá duas ou três vezes por semana, à beira da morte, até que o estado de palidez e de esgotamento do doutor Nacier, fatigado pelas minhas visitas incessantes, fizessem controlar-me imediatamente. Fui eu então que levantei o moral do doutor Nacier, e saí revigorado dessas consultas, indo me entupir de bombas de chocolate e de doces de maçã na confeitaria ao lado do seu consultório. O doutor Nacier me confessou rapidamente que havia feito o teste da Aids e que tinha dado positivo, e que imediatamente havia feito um seguro profissional que poderia algum dia atribuir sua doença, pois o estado de ignorância em que se estava na época em relação ao vírus permitia tais especulações, ao caso de uma contaminação por um paciente, a fim de receber indenizações importantes que lhe permitiriam gozar com tranquilidade os últimos dias de vida em Palma de Maiorca.

21 FIQUEI DESLUMBRADO, no Teatro Colonial, na praça Garibaldi no México, de ver os homens brigarem para matar a sede no sexo das mulheres, se levantarem de seus assentos apoiados nos braços, depois de terem batido num amigo ou num velho depravado para fazê-los desistir, irem até a passarela onde elas desfilavam nos seus *spots* de luz, escolhendo uma cara na multidão para enfiá-la entre suas coxas afastadas, eu sentado meio à parte num daqueles bancos de madeira, aterrorizado e atônito, me encolhendo e me incrustando no banco à medida que se desenrolava o espetáculo mais primário e mais bonito do mundo, aquela comunhão dos homens no toσό das mulheres, aquele ardor juvenil mesmo dos mais idosos para conseguí-lo, eu os devorava com os olhos, com o coração batendo, quase desaparecendo sob o meu assento com medo de ser escolhido por uma das *streak-leasers*, porque, para mim, enfiar meu focinho no triângulo delas seria sumir definitivamente do mundo e perder a cabeça para sempre, a deflorada avançava na minha direção me provocando, aproximava-se cada vez mais, mostrando o meu temor como um elemento cômico para a gozação dos outros homens jovens, prestes a se agachar diante do meu rosto e agarrar-me pelos caracóis do cabelo, mais uma vez a única cabeça loura de toda platéia, e levá-la à força até que meus lábios se entrebriassem para honrar seu sexo e beber a sede dos jovens que nele haviam se saciado, mas de repente as luzes se acenderam, a mulher surpreendida estremeceu, pegou um roupão sobre uma cadeira e deu o fora; os garçons fizeram sair como animais, à custa de apitos e de chicotes, os jovens sedentos ou saciados, que haviam perdido o ímpeto num lampejo como uma ilusão de ótica, uma ilusão da penumbra, na luz onde voltavam a ser trabalhadores exaustos, com ternos gastos e apertados, que tinham escondido suas mulheres na poltrona ao seu lado.

22 POR ENQUANTO é apenas um cansaço não-humano, uma fadiga de cavalo ou de macaco enxertada num corpo de homem, que lhe dá vontade a todo momento de fechar os olhos e de se aposentar, de tudo e mesmo da amizade, menos do seu sono. Essa fadiga monstruosa localizou sua fonte nos minúsculos reservatórios linfáticos que se distribuem em torno do cérebro para

protegê-lo, como um pequeno cinturão de linfa, no pescoço sob os maxilares, atrás dos tímpanos, situado pela presença do vírus, e que se destrói para formar uma barreira, difundindo pelos globos oculares o esgotamento dos seus sistemas de defesa. O livro luta contra a fadiga que se cria na luta do corpo contra os ataques do vírus. Tenho apenas quatro horas válidas por dia, desde que levanto as persianas imensas do telhado de vidro, que são o potenciômetro do meu fôlego decilnante, para encontrar a luz do dia e recomençar a trabalhar. Ontem, desde duas horas da tarde não agüentava mais, estava no fim das minhas forças, aniquilado pelo poder desse vírus cujos efeitos parecem, num primeiro momento, com os da doença do sono ou com os da mononucleose, chamada de doença do beijo, mas eu não queria desistir e recomencei o meu trabalho. Este livro que conta a minha fadiga me faz esquecer-la, e ao mesmo tempo cada frase arrancada do meu cérebro, ameaçado pela intrusão do vírus assim que o pequeno cinturão linfático tiver cedido, só me dá mais vontade de fechar os olhos.

23 É FATO que todos esses últimos dias eu absolutamente não trabalhei neste livro, no instante crucial do prazo que me havia estabelecido para contar a história da minha doença, passando dolorosamente o tempo, esperando esse novo veredicto ou esse simulacro de veredicto, pois conheço o teor dele nos mínimos detalhes mesmo fingindo ignorá-lo e ter ainda, com a complicitade do doutor Chandi a quem dei a entender que desejaria me enganar, um fio de esperança, mas hoje, 11 de janeiro, que devia ser o dia do veredicto, eu me rôo de medo porque me descubro inteiramente ignorante do que já sei, isto é, que tentei sem sucesso encontrar o doutor Chandi no consultório, que devia passar para pegar meus resultados de manhã no hospital Claude-Bernard, como tinha me prometido por telefone repassando o compromisso para a sua agenda do ano seguinte, no lugar dele e no meu ao mesmo tempo, desempenhando assim nossos papéis de médico e de paciente, ou pelo menos me fazendo crer que assim agiria afrontando as enfermeiras que tinham me imposto aquela consulta, simplesmente porque a quarta-feira não é dia de consulta do doutor Chandi no consultório, e me encontrei de noite sem aqueles resultados, consumido por não sabê-los na noite de 11 de janeiro,

quando já os esperava desde 22 de dezembro, tendo aliás passado a noite sonhando que não os conseguia, sonhando a mesma situação de outra maneira: eu conseguia hoje, como acreditava ter sido combinado, falar com o doutor Chandi ao telefone, mas ele me dizia desagradavelmente, depois de ter-lhe desejado um feliz ano-novo e dele ter respondido por mera formalidade aos meus votos, cheio de segundas intenções sinistras, que tinha mais o que fazer do que me dar informações e que eu deveria procurar ligar para ele num momento em que não atrapalhasse as consultas; ao mesmo tempo eu podia interpretar favoravelmente a sua negligência, porque podia ser o sinal de que não havia nenhuma urgência para me fazer voltar a Paris, então fui eu que dramatizei ou inventei essa paródia de repatriamento, num momento em que seria natural que estivesse em Paris entre os meus amigos e que, como qualquer doente, fosse a essa consulta marcada para mim para poderem me entregar um remédio, o único remédio existente que pode vencer meu esgotamento; mas supunha no sonho que, se não havia urgência de voltar a Paris, era porque o doutor Chandi, em vista dos novos exames, tinha compreendido que não havia mais nada a fazer, a não ser deixar as coisas acontecerem, esperando apenas que o coma seja o mais rápido possível. Há dois dias, em 9 de janeiro, meus pais me telefonaram ontem para dar a notícia, nasceu o filho da minha irmã, que ela decidiu chamar de Hervé, ignorando tudo sobre a minha doença e sobre o meu provável fim próximo, mas talvez pressentindo-os, querendo me fazer uma surpresa no último momento, me comunicando no almoço de Natal junto com a nossa tia-avó Louise, quando eu acabara de dar de comer para a nossa outra tia-avó Suzanne no hospital, acrescentando que ela tinha tido a boa idéia de chamar seu filho de Hervé Guibert, pois retomara o sobrenome de solteira, e o novo pai não fazia questão de dar seu sobrenome àquela criança, e minha irmã dizia tudo isso a mim, que sempre tinha pensado que ela era uma pessoa perfeitamente equilibrada. Esses últimos dias, contra toda a expectativa, apesar do ultimato que tinha me fixado, deixei de lado a história da minha doença, passei a corrigir sofridamente o meu manuscrito precedente, depois da intervenção de David que não gostou nada dele, pois eu tinha avançado no seu terreno, o de um jogo destrutivo, e que certamente nunca teria escrito esse livro se não o tivesse conhecido e se não tivesse lido os seus livros, ele me repriminava por ser um discípulo indigno e ainda por cima só via no meu

livro, que escrevi entre 15 de setembro e 27 de outubro, aborrecido pelo medo de não conseguir acabá-lo, um rascunho de livro, marcando as 312 páginas datilografadas com traços raiosos, exasperados, que, pela primeira vez, no momento em que tinha que apagá-los na margem, me doeram realmente. David talvez não tivesse compreendido que de repente, por causa do anúncio da minha morte, tinha me dado vontade de escrever todos os livros possíveis, todos aqueles que eu ainda não havia escrito, com o risco de escrevê-los mal, um livro alegre e malvado, depois um livro filosófico, e de devorar esses livros quase simultaneamente nessa margem de tempo encurtada, e de devorar o tempo junto com eles, vorazmente, e escrever não apenas os livros da minha maturidade antecipada, mas também, como flechas, os livros muito lentamente amadurecidos da minha velhice. Em vez disso, nos dois últimos dias, esperando o telefonema do doutor Chandi, depois de ter revisto de ponta a ponta as 312 páginas do meu manuscrito, o que fiz foi desenhar.

24 JULES, que nos últimos tempos, ao contrário do doutor Chandi, estava preocupado com a minha saúde mental, mais do que com a minha saúde física, por causa da solidão que eu me impunha aqui em Roma, tinha me dado um conselho: "Você devia pintar." Pensava nisso, desde que na livraria de arte da via di Ripetta, em frente ao colégio onde às vezes passo sem paquerar, deixando em vez disso meus olhos passearem sobre suas idas e vindas cheias de vivacidade, atraído mais pelos eflúvios da juventude do que pela própria juventude, gostando de nadar ou de me deixar levar passagiramente, por um pequeno desvio no meu caminho que tinha um outro fim, em um banho de juventude mais do que buscar um contato com tal ou qual de suas criaturas, sentindo por elas de agora em diante uma atração desencarnada, o arrebatamento impotente de um fantasma, e não falando nunca mais em desejo, folheando em pé alguns livros de arte, parei de repente numa página de um catálogo da exposição que tinha se realizado em Milão, no Palazzo Reale, dedicada ao século XIX italiano, e que acabava de fechar as portas. O quadro, de um tal de Antonio Mancini, representava um rapaz em roupa de luto, com cabelos pretos crespos revólus que contrastavam

levemente com o caimento do gibão negro com renda nos punhos, meias pretas, sapatos pretos de fivela e luvas pretas, uma delas desamarrada, a do punho apertado sobre o coração num gesto desesperado, enquanto a cabeça caía para trás e ia encostar numa parede amarela vejada, que limitava o quadro e inscrevia no friso de mármore falso uma rugosidade de incêndio apagado, enquanto a mão calçada de luva se apoiava na parede como que para empurrá-la com a força do punho, com a força da dor, e empurrar a dor para dentro da parede. O quadro intitulava-se *Depois do duelo*, distinguiu-se em segundo plano, embaixo à direita, uma camisa de homem suja de sangue secando, com a marca da mão que a havia arrancado do corpo, pendurada como um sudário, como um invólucro retirado de um homem, sobre a ponta de uma espada que mal se deixava entrever. O quadro não esclarecia a história do seu tema, para enquadrá-lo, como sempre gosto de fazer, sobre um enigma: o jovem modelo era o assassino da vítima levada para fora do quadro? ou a testemunha? seria seu irmão? seu amante? seu filho? Aquele quadro extraordinário foi a causa de uma série de pesquisas frenéticas nas bibliotecas e nas livrarias, nos sebos. Descobri que tinha sido pintado por Mancini aos vinte anos de idade. Que seu modelo era um tal de Luigiello, filho de uma porteira napolitana, que ele havia pintado várias vezes, fantasiado de saltimbanco, em colante prateado numa gôndola veneziana carregada de penas de pavão, com a sua Pulcinella, sonhador astuto, pilhador, músico ambulante, e que Mancini o tinha adorado a ponto de levá-lo consigo a Paris para a sua primeira grande exposição. Logo pressionado por seus pais para mandar Luigiello de volta para Nápoles, e logo internado também por essa família bem-intencionada num hospital psiquiátrico de onde saiu esvaziado, só pintando depois disso retratos convencionais da alta burguesia. Tinha pensado, a partir daquela súbita admiração, dedicar-me à pintura ou, na impossibilidade de pintar devido a essa admiração, isto é, não parar de tentar repintar de memória, a partir da reprodução e a partir do original, aquele quadro de Mancini intitulado *Dopo il duello* que se encontrava na Galeria de Arte Moderna de Turim, sempre fechada para obras, de buscar pela pintura e pela minha incapacidade de pintar os pontos de aproximação e afastamento com aquele quadro, até que por esse massacre o tivesse assimilado inteiramente. Mas é claro que fiz algo totalmente diverso do que tinha previsto e abordei finalmente meu sonho

de pintura muito aquém da pintura, como me havia aconselhado o único pintor de quem me aproximei um pouco, por meio do desenho, começando pelos objetos mais simples ao meu redor, os vidros de tinta e, antes de passar para os rostos vivos e talvez logo para o meu agonizante, aqueles, modelados em cera, dos ex-votos de crianças que havia trazido de minha viagem a Lisboa.

25 MANCINI foi enterrado com seu pincel e as *Disseriações* de Epicteto, que se encontra em seguida às *Meditações* de Marco Aurélio, no exemplar amarelo da Garnier-Flammarion que Muzil tinha desencavado na sua biblioteca coberto com um papel transparente, alguns meses antes de sua morte, para me dar como um de seus livros preferidos, e me recomendar a leitura dele, a fim de me acalmar, numa época em que eu estava particularmente agitado e com insônia, tendo até mesmo resolvido, a conselho de minha amiga Coco, ter sessões de acupuntura no hospital Falguière, onde um médico de sobrenome chinês me abandonava de sunga debaixo de uma tenda mal aquecida, depois de ter me plantado no alto do crânio, nos cotovelos, nos joelhos, na virilha e nos artelhos longas agulhas que, oscilando ao ritmo do meu pulso, não demoravam a deixar na minha pele filetes de sangue que o doutor de sobrenome chinês não se dava ao trabalho de enxugar, aquele doutor obeso de unhas sujas a quem continuava a confiar meu corpo, tendo no entanto escapado das intravenosas de cálcio que ele havia receitado como complemento, duas ou três vezes por semana, até o dia em que, cheio de nojo, o vi recolocar as agulhas sujas num vidro de álcool iodoso. Marco Aurélio, como me ensinou Muzil ao me dar o exemplar das *Meditações*, tinha iniciado a redação deles por uma série de homenagens dedicadas às pessoas mais velhas, aos diferentes membros da família, aos seus professores, agradecendo especificamente a cada um, em primeiro lugar aos mortos pelo que lhe tinham ensinado e trazido de favorável pelo resto de sua existência. Muzil, que iria morrer alguns meses mais tarde, me disse então que pretendia em breve redigir, nesse sentido, um elogio dedicado a mim, a mim que sem dúvida não tinha podido lhe ensinar nada.

26 MARINE tinha estreado a sua peça quando eu estava no México, desde minha volta os rumores me advertiam que fora um fracasso. Ela tinha cometido muitos erros, conquistando todo o espetáculo a partir da escolha de um papel como um capricho, procurando em vão através da Europa um diretor com um pouco de reputação, pois os mais confiáveis tinham desistido diante do absurdo do projeto, assim como os galãs, somente habilitados a passar-lhe as réplicas nesse duo convencional de monstros sagrados. De repente, os desastres se precipitaram: Marine teve que despedir por embriaguez, abafando o caso nos jornais, o diretor arranjado, e o parceiro arranjado, um ator de segundo nível, tinha a cada dia mais ascendência sobre ela e sobre o seu desempenho enfraquecido pelas desgraças, excitado eroticamente pela idéia de derrubar a estrela usurpadora de um talento cuja inexistência iria enfim poder aparecer um belo dia, em comparação com o seu gênio de ator burliado em verdadeiros palcos de teatro, e não como ela, nas páginas de revistas femininas. A estréia foi uma carnificina. Marine estava perdida no seu desempenho, desvairada ainda por cima pelas táticas do seu parceiro que, de propósito, nunca repetia as mesmas marcações e, a pretexto de tornar verídica a violência da relação de forças entre o personagem masculino e o personagem feminino, maltratava-a fisicamente a ponto de, quando a tinha levantado nos braços, jogá-la no chão daquela altura. Marine não sabia mais que guru procurar para restabelecer uma certa aparência de coerência na sua atuação, desconstruída pela submissão do diretor, confundida pela perfídia de seu parceiro e pulverizada por suas próprias angústias e suas inclinações à loucura. Por intermédio de um romancista que esperava então o prêmio Goncourt que lhe tinha sido prometido e, como sempre acontece, continua esperando há seis anos, só escrevendo ao que parece livros destinados a obter aquele prêmio, e só sendo capaz desde então de divulgar ironicamente, três meses antes da atribuição dos prêmios, títulos de obras que não têm relação com nenhum livro, pois o editor só percebe tarde demais, depois de ter lançado a publicidade e a campanha de imprensa para o livro, que não havia manuscrito algum com aquele título, Marine apelou para esse espetalhão desesperado para fazer pesquisas sobre a histeria feminina que, segundo ela, podiam validar seu trabalho. Marine estava sozinha no mundo, pobre estrelinha desmascarada, exposta, depois de um enorme sucesso de público no cinema, a toda a

maldade do mundo que se vingava daquele sucesso que ele mesmo inventara. O pai do filho de Marine, Richard, rodava um filme no deserto, enviava-lhe todo dia uma longa carta na qual lhe falava da contemplação das estrelas no céu despojado do deserto, e das leituras de Gaston Bachelard durante suas insônias. A bolsa de Marine estava cheia dessas cartas amassadas que relia sem parar. A diretora do teatro que produzia o espetáculo tinha lhe oferecido, antes da estreia, um estivesse mal à vontade no seu papel e à beira de um esgotamento nervoso talvez irreparável, só lhe interessava a composição de sua platéia de estreia, com uma princesa de Mônaco, um certo primeiro bailarino e um certo grande costureiro, todos convidados para a tourada. Seus aplausos foram estrondosos, mas suas segundas intenções sarcásticas e os rumores que se apressaram a espalhar coincidiram com o veredicto injustificado da crítica: que Marine parecia uma macaca excitada que se debatia aos guinchos nas grades da jaula. Os louros iam para o parceiro, aquele porco gordo que efetivamente, vi o espetáculo na volta do México, livrou-se de modo ignóbil da atuação incoerente de Marine, a quem nem dirigia mais a palavra nos bastidores. A diretora, que se regozijava com sadismo com as críticas que afixava nos corredores, confortada por ter vendido a totalidade dos lugares por toda a duração das apresentações, fazia plantão na porta do camarim de Marine, impedindo seus amigos de lá entrarem, mas deixando nele se enfiarem os admiradores mais disparatados, a fim de reforçar sua solidão e de apressar o processo de decomposição mental, que não deixaria de criar um destaque publicitário. Na saída do teatro, depois de uma discussão com a diretora, levei Marine para jantar. Sem falar do espetáculo nem de seu desempenho, que afetuosamente dispensava qualquer comentário, aconselhei-a a interromper de qualquer maneira essas apresentações que a alquebravam. Ela mesma já tinha tido essa ideia, mas era preciso encontrar algo para escapar dos contratos de seguro que tinham investido centenas de milhões na produção. Marine me disse que era capaz de operar o apêndice para livrar-se do desastre. No dia seguinte, consultava o doutor Lérisson, que lhe disse não ser necessária uma operação de apendicite, ele podia facilmente inventar e detectar uma infecção nos exames. No outro dia, Marine era transportada com urgência para um hospital de Neuilly, as apresentações eram suspensas, a imprensa se alarmou com o estado de

saúde de Marine ou, espicacada pela diretora do teatro, com as razões de sua desistência, os fotógrafos macabros de uma revista de escândalos forçaram a porta de seu quarto para torpedeá-la de *flashes*. Marine escondeu-se urrando sob os cobertores, um vigia foi contratado para guardar a sua porta. Ia visitá-la, levava-lhe notas tomadas para um roteiro que eu havia escrito e que ela queria filmar, ela as devorava à medida que recebia e dobrava-as na mesinha-de-cabeceira, ríamos juntos, naquele dia estava com os punhos enfaixados, lembro-me disso, disse-lhe que gostaria de fazer com ela uma nova versão do retrato de santa Teresa Maria Emerich pintada por Gabriel von Max: toda transparente e azulada no capuz de gaze que rodeia sua cabeça como uma coroa para esconder seus estigmas, os punhos enfaixados exatamente como os dela. Perguntei a Marine se era um disfarce para os jornalistas. Não, me respondeu, acabavam de lhe fazer uma transfusão de sangue.

27 HAVIA ESCRITO aquele roteiro pensando em Marine, por certo, pois tinha feito dela o modelo do meu personagem principal, roubando-lhe certos elementos biográficos, como a neurose de sua imagem levada ao limite no cinema, essa obsessão tanto positiva como negativa de multiplicar seu rosto ao infinito, formiga construtora de seu mausoléu de estreia, ou de bloqueá-la, aniquilá-la a golpes de tesoura e de agulha nos negativos fotográficos, até a angústia simbólica, era isso a invenção do roteiro, que a luz dos projetores a tenha queimado viva, consumindo-a até a medula com seus raios mortais. Mas a semelhança minuciosa entre Marine e meu personagem tinha me feito dizer que não deveria ser ela, justamente, que desempenharia o seu papel. No entanto, tinha alguns escrupulos em usar sua vida assim sem preveni-la, e de qualquer modo havia decidido fazê-la ler meu roteiro, por uma honestidade amistosa, e para recolher suas observações. Telefonou-me na mesma noite do dia em que eu tinha entregue o meu roteiro na sua caixa de correio para me dizer que o considerava esplêndido, salvo alguns detalhes, e que fazia questão absoluta de desempenhar o papel. Fiquei agradavelmente surpreendido: ao mesmo tempo emocionado e louco de alegria pela aprovação de Marine, que devia me permitir montar sem dificuldade a produção do meu filme, e inquieto por seu caráter ambíguo, que pode-

ria complicá-la. Havia descoberto nessa época, por causa de um artigo e de pesquisas em publicações científicas, um objeto celeste identificado recentemente pelos astrônomos, um buraco negro como o chamavam, uma massa espacial que absorvia em vez de difundir, ela própria se corrola, por um sistema antiárquico de devoração, e devorava seus bordos para aumentar seu perímetro negativo, os astrônomos tinham dado a esse novo buraco negro o nome de Geminga, e assim batizei minha heroína. O pai do filho de Marine, Richard, tinha voltado do deserto, e também era um de meus modelos, evidentemente, como operador de cinema e amante de Marine tinha se tornado o personagem masculino do meu roteiro, que lhe dei para ler, também aí por honestidade, e ele me devolveu dizendo que era atroz essa impressão de ter sido espionado à sua revelia durante anos, como se descobrisse de repente o microfone que eu teria dissimulado cinco anos antes nos seus sapatos. Tive vários encontros de trabalho sobre o roteiro com Marine, ela me fez modificar alguns nomes, reescrever cenas, suprimir ou acrescentar outras, e pus em andamento, por sua aceitação e sua promessa diante de testemunhas da profissão de que usaria o seu cachê como participação, o processo de produção do filme, que não demorou a encontrar por causa do seu nome uma produtora e co-produtores, um distribuidor e um adiamento pela televisão. Mas Marine me impediu de vender meu roteiro a essas pessoas, num momento em que eu precisava de dinheiro para me liberar do jornalismo, que era meu ganha-pão, argumentando que devíamos manter total liberdade para aquele projeto de que fazia tanta questão. Tinha contado a Marine, numa noite em que a acompanhava de ônibus até o teatro depois de ter procurado táxi em vão e com a hora de levantar o pano já se aproximando terrivelmente, que financeiramente eu não teria respaldo bastante sólido para preservar por muito tempo aquela independência que me impunha. Olhou-me de modo estranho. Marine, que ganhava cachês de trezentos milhões, não para-va, me contou Richard um dia, de lhe pedir dinheiro, assim como me pedia emprestado pequenas quantias, a mim que não tinha um tostão. Tinha dito a Eugénie, que na época era minha chefe de serviço, no avião que nos trazia de Nova York onde ela acabara de obter o aval de um homem de negócios para o financiamento de uma revista cultural, que me seria impossível fazer parte da sua equipe e ser um dos principais peões, como me pedia, tomado pela preparação do meu filme.

Quase não fazia mais artigos no jornal e, como era pago por matéria, encontrava-me diante de uma situação perigosa. Movimentava com meus produtores e meu distribuidor, durante nossas sessões de trabalho, centenas de milhões no papel, e quanto mais dinheiro desencavávamos para o financiamento do meu filme, mais meu saldo no banco aprofundava. Marine tinha saído do hospital, o assunto fora abafado, Marine movia um processo contra seu parceiro, e a diretora do teatro, contra Marine. Tornei a vê-la no início de março, na cerimônia de entrega do Oscar, onde apareceu num pavoroso vestido branco entediado com pérolas, com um coque de vovozinha, mancando um pouco com sapatos de saltos altos demais em seu vestido mal-ajustado, como uma Mae West bêbada, ela que não tinha nem trinta anos, uma roupa mal escolhida, disse para mim mesmo, na qual, depois de seu fracasso no teatro, ela só podia conseguir uma segunda bofetada, suplantada, por sua rival, que a tinha substituído de um dia para o outro no seu papel no teatro e era também uma das favoritas da competição. Mas se Marine estava presente naquela noite sinistra, pensei em seguida, do jeito como a conhecia, só podia ser porque alguém lhe tinha dado a certeza de que ganharia o prêmio. Ganhei na mesma noite o prêmio de melhor roteiro, o que fez Muzul dizer, tendo assistido à cerimônia pela televisão, que eu estava com um ar "realmente contente". Era verdade que estava, Marine tinha me carregado atrás dela no caminho dos *paparazzi* e tinha representado perfeitamente, diante dos mesmos fotógrafos que haviam forçado a porta do seu quarto no hospital, a ostentação de seu triunfo, telefonando para a mãe com lágrimas bem brilhantes nos *flashes* para fazê-la patilhar ao vivo da cabine dos cozinheiros do Fouquet's, que posavam embriagados como eu ao lado da estrela. Devia rever Marine para jantar, sozinho com ela, alguns dias mais tarde. Tinha reclamado pelo telefone o fato de nunca citar nosso projeto comum nas suas entrevistas, ela tinha me pedido, com a voz cansada, contrariada e suplicante, para ter paciência. Tinha reservas num restaurante indiano, ela mandou desmarcar enviando uma secretária uma hora antes do encontro. Como tentava achá-la há vários dias, telefonei um pouco mais tarde à noite, ela nunca se importava de me telefonar a qualquer hora da noite, para o seu número particular. Não chegou a tocar, atenderam imediatamente, percebi uma respiração contida, e quando tentei falar desligaram. Estava na cama e, de repente, aquele sinal premonitório da traição de

Marine me enchava um cravo na barriga, e a cama girava em torno daquele cravo como um carrossel malvado em que Marine acionava a manivela para melhor me torturar. No dia seguinte consegui falar com Richard que me avisou, sob promessa de segredo, as causas da desistência de Marine: ela tinha um *love affair* com um ator americano um tanto fora de moda mas multimilionário, que lhe prometia em troca de um contrato de casamento um contrato para três filmes como atriz principal nos Estados Unidos, o sonho de Marine. Richard, muito constrangido, perguntou-me o que achava disso e eu lhe disse esta frase: "Ela vai voltar depressa, mas bem machucada", lembro-me muito precisamente do que disse: "Acho que ela vai se queimar." A partir daí, duvidando do compromisso de Marine, que no entanto tinha confirmado por uma carta do seu agente, no dia seguinte ao de sua desistência, para não se sentir culpada e com o seu egoísmo habitual, tive que continuar a fazer de conta com os produtores e os distribuidores com os quais estava comprometido, e tentar propor para o papel feminino soluções de substituição que logicamente não lhes convinham. Ameaçado materialmente por aquele saldo a descoberto no banco que aumentava dia a dia, desesperadamente entrincheirado na minha recusa de voltar ao jornalismo que teria sido para mim como entregar os pontos, decidi bater na integra o meu diário, três cadernos até aquele momento e sua massa de desgraças que estavam me sufocando, para levá-lo ao editor que já tinha publicado cinco livros meus e negociar o preço dele. Hesitei em exigir um adiantamento, bem como em pedir um empréstimo a uma produtora. Muzil me disse: "Não queira o dinheiro deles emprestado, você vai pagar com a própria pele." Nunca tinha ouvido essa expressão, que soava para mim tão brutalmente. Muzil, a alguns meses de sua morte, insistia em me emprestar dinheiro, um dinheiro que pela força das circunstâncias ter-me-ia sido impossível devolver.

28 QUANDO ENTREGUEI o manuscrito do diário ao meu editor, o bom sujeito, que já tinha publicado cinco livros meus, me fazendo assinar o contrato no dia seguinte ao da entrega deles sem que eu lesse nenhum parágrafo, pois era o contrato padrão e eu podia ter inteira confiança nele, me disse que não teria tempo de

ler aquilo, quatrocentas páginas datilografadas, e no entanto sempre me havia pedido um livro grosso, um romance com personagens, porque os críticos eram muito tapados para dar conta de livros que não tinham uma história bem-construída, eles ficavam desatvorados e por causa disso não faziam artigos, ao menos com uma boa história bem amarrada podia-se dar como certo que fariam um resumo nos seus artigos, pois não eram capazes de mais do que isso, por outro lado, quem seria louco o bastante para aceitar ler um diário de quatrocentas páginas, depois de impresso poderia dar quase o dobro e com o preço do papel chegava-se facilmente a um livro que teria de ser vendido por 150 francos, ora, meu pobre amigo, quem quereria dar 150 francos por um livro seu, eu não quero parecer grosseiro, mas as vendas do seu último livro não foram nada animadoras, você quer que eu telefone agora para a minha contadora para perguntar os números? Em dois anos aquele homem havia vendido quase vinte mil exemplares de livros meus, não tinha feito nem uma linha de publicidade para eles, mas eis que as circunstâncias me levavam a tremar diante dele para exigir, não evidentemente um adiantamento, mas um levantamento dos direitos autorais que me devia, e ele replicava: "Oh! E além disso você me enerva com essa odiosa sensibilidade! Ponha na cabeça de uma vez por todas que eu não sou seu pai!"

29 NO DIA SEGUINTE ao da entrega do Oscar que ele tinha acompanhado pela televisão, talvez enciumado — nunca se sabe — por eu não tê-lo convidado, Jules passou em minha casa e cortou meu cabelo. Costumava fazer isso, mas na manhã daquele domingo, sem me avisar, sem me consultar, sacrificou a quase totalidade dos cachos louros que no espírito das pessoas associavam tão bem à minha fisionomia, com meu rosto um tanto redondo, à de um anjinho, raspando-a radicalmente para esculpir, de repente, um longo rosto anguloso, um tanto encaiado, com uma testa alta, uma expressão de amargura nos lábios, uma cara desconhecida para mim e para os outros, que ficaram estupefatos quando a descobriram e me acusaram mais ou menos violentamente de ter abusado deles até então com uma personalidade que não era a minha, aquela precisamente de que haviam gostado, Jules que foi o primeiro a cometer o sacrifício,

depois Eugénie que soltou gritos de horror na redacção do jornal dizendo que eu tinha um ar muito malvado, enfim Muzil que recebeu como que um soco no estômago quando me abriu a porta, me pedindo um tempo de adaptação para se refazer do choque, já que ele me havia visto na véspera à noite na televisão com a mesma cara de sempre. Hoje fico contente que, exactamente três meses antes de sua morte, Muzil tenha tido a chance de travar conhecimento com a minha cara de trinta anos, que será certamente, um pouco mais vincada, a minha cara de morte. Estou feliz porque o gesto de Jules fez com que eu não tivesse que esconder de Muzil ainda vivo a minha verdadeira cara de homem de quase trinta anos, porque nesse dia ele teve, depois de ter lutado dentro de si mesmo contra um movimento de pavor e de recuo, a generosidade, à força de concentração, de admitir essa cara enfim, como verdadeira, e de declarar que no fundo a preferia à cara que tinha feito com que gostasse de mim ou, mais exactamente, que a achava mais razoável e mais adequada à minha personalidade que a encantadora cara de anjinho cacheado. Finalmente ele se declarou encantado pelo sacrifício de Jules e baía as mãos de alegria, assim era Muzil, esse amigo insubstituível. Nessa época me pediu as coordenadas de um tabelião, recorri a Bill, que acabara de fazer um testamento em favor do rapaz que amava, "com a condição de não morrer de morte violenta", reduzindo com isso os riscos de assassinato. Muzil tinha voltado perplexo daquela visita ao tabelião: queria legar tudo a Stéphane, claro, mas o tabelião tinha lhe explicado que essa herança de homem para homem sem laço legal acabaria, em termos de tributação, de modo desfavorável para Stéphane, a menos que ele aplicasse o dinheiro em quadros de valor que, depois de sua morte, poderiam passar sub-repticiamente de um apartamento para outro. Muzil me disse naquele dia, com o jeito adorável que tinha quando eu ia embora de sua casa e ele me jogava um último beijo com a ponta do indicador sobre o lábio: "E também pensei em te deixar alguma coisinha."

30 MARINE tinha ido viver nos Estados Unidos, só tinha notícias dela pelos jornais sensacionalistas que a mostravam um pouco desfocada por uma teleobjetiva, com seus óculos escuros nas ruas de Los Angeles, de mãos dadas com o seu velho

bonitão, mas eu reparei também, minúscula nas fotos, que ela nunca tirava uma luva, sua luvinha de batista branca, para segurar aquela mão que me repugnava, ela não nos enganava inteiramente, nem a Richard nem a mim. Esperava a resposta do adiantamento sobre as receitas para o meu roteiro que tinha feito seis meses antes, num momento em que pensava que meu filme ia ser feito, e desde então, por causa da desistência de Marine, o resultado dessa negociação era a minha última chance de um dia realizar o meu filme. Muzil, que eu mantinha a par, à medida que surgiam os problemas, aconselhou-me a escrever para Marine em sua casa de Beverly Hills, o que o meu orgulho teria impedido. Tinha me contado, talvez embelezando-a, a história da sinfonia chamada dos Adeuses, de Haydn: contratado como compositor na corte do príncipe Esterházy, um esteta tirânico, Haydn tinha escrito sua última sinfonia em forma de manifesto, dela fazendo participar os músicos que se queixavam de que os caprichos do príncipe Esterházy os reíntam até tarde durante o inverno naquele palácio de verão atacado pelos ventos gelados, impedindo-os de se reunirem às suas famílias na cidade. A sinfonia começava com pompa, reunindo todos os instrumentos da orquestra, que se esvaziava pouco a pouco à vista de seus efêrvos, tendo Haydn escrito a partitura para a extinção sucessiva dos instrumentos até o último solo, incluindo na música até a respiração dos músicos que apagavam as velas de suas cadeiras e o barulho de seus passos para escapar de fininho enquanto faziam ranger o assoalho encerrado da sala de concertos. Inegavelmente era uma bela idéia, concomitante ao mesmo tempo com o crepúsculo de Muzil e o sumiço de Marine, e, por sugestão de Muzil, foi a história que contei a Marine na minha carta que nunca recebeu resposta.

31 Muzil desmaiou na cozinha antes do longo fim de semana de Pentecostes. Stéphane encontrou-o inanimado no meio do sangue. Sem saber que era precisamente o que Muzil tinha querido evitar, deixando-o afastado de sua doença, Stéphane chamou logo o irmão de Muzil, que o transportou para perto da casa dele, no hospital Saint-Michel. Fui visitá-lo no dia seguinte num quar-

to que ficava perto de uma caldeira de cozinha e fedia a pescada frita das cantinas. Fazia um tempo esplêndido, Muzil estava sem camisa, eu descobria um corpo magnífico, perfeitamente musculoso, elástico e possante, dourado, cheio de sardas, Muzil tomava sol com frequência na varanda, e algumas semanas antes de desabar, seu sobrinho, com quem preparava a instalação de sua casa de campo condenada antes de estar acabada, descobriu num saco que não conseguiu levantar halteres com os quais seu tio se exercitava todo dia, apesar do fôlego devastado pela pneumocistose, para lutar contra a progressão diabólica do cogumelo que colonizava os seus pulmões. A irmã de Muzil saía do quarto quando eu chegava para nos deixar sozinhos, ela tinha lhe trazido comida de complemento, papas de frutas, nunca a tinha visto antes, era uma mulher de coque grisalho, aparentemente energética, mas cujas circunstâncias ou as revelações feitas pelo outro irmão cirurgião lhe arrancavam lágrimas, no mínimo adocçavam um pouco o seu pulso firme. Muzil estava sentado numa poltrona reclinável de couro branco, diante da janela ensolarada, naquele quarto que fedia a pescada frita, no silêncio daquele hospital desertado pelo fim de semana de Pentecostes. Disse, evitando o meu olhar: "A gente sempre pensa, quando acontece uma situação como esta, que vai ter alguma coisa para dizer, mas justamente não há nada a dizer." Não estava mais usando os óculos, e, ao mesmo tempo que seu torso de homem jovem com a pele só ligeiramente franzida, eu descobria o seu rosto sem óculos, não saberia o que dizer dele, não o gravei, a imagem de Muzil que evito sempre fazer voltar registrou-se no entanto na minha memória e no meu coração com seus óculos, a não ser nos breves movimentos em que, esfregando os olhos, ele os tirava diante de mim. Por causa da queda, havia um pouco de sangue seco atrás da cabeça, vi quando ele se levantou, exausto, para deitar de novo. Tinham colocado uma alça em cima da cama que lhe permitia se agarrar nela para deitar ou levantar, e aliviava um pouco o movimento muscular e de respiração que lhe estourava o peito, tetanizando todo o corpo, endurecendo até as pernas em câimbras nervosas repetidas. Continuava a botar os botões pela boca em acessos de tosse intermináveis, que só interrompia para me pedir que eu saísse do quarto. Tinham colocado uma escaradeira de papelão bege na mesinha-de-cabeceira, e a enfermeira dizia, toda vez que passava, que ele devia escarrar, escarrar o mais possível, e a irmã, que tinha ouvido isso da enfermeira, repetiu

ao sair, mostrando a escaradeira onde devia escarrar, escarrar o mais possível, e isso irritava Muzil, ele sabia que não ia sair mais nada. Lam fazer-lhe uma punção lombar, ele estava com medo.

32 VOLTAVA TODOS OS DIAS para ver Muzil no Saint-Michel, o quarto continuava a cheirar a pescada frita, o mesmo sol parava no limite da janela quadrada, a irmã se retirava ao me ver chegar, Muzil não tinha comido as papas de fruta, a escaradeira estava vazia, e não tinham conseguido fazer a punção lombar, iam tentar uma segunda, era horrivelmente doloroso, as enfermeiras diziam que a aproximação das vértebras por causa da idade impedia a penetração do dreno no interior da medula, agora que já conhecia aquela dor, Muzil a temia mais que tudo, lia-se desde então no seu olho o pânico de um sofrimento que não é mais controlado no interior do corpo, mas provocado artificialmente por uma intervenção externa ao centro do mal sob pretexto de dominá-lo, estava claro que para Muzil esse sofrimento era mais abominável que seu sofrimento íntimo, já tornado familiar. Escaldado pelo fracasso latente do meu filme, que deveria se tornar manifesto a não ser que eu obtivesse o adiantamento sobre a receita, tinha retomado timidamente o meu trabalho no jornal, fazia alguns artigos aqui e ali. Acabara de entrevistar um colecionador de retratos *naijs* de crianças, ele tinha-me dado o catálogo da exposição, e estava com ele no colo com os jornais que trazia para Muzil, decidi mostrar-lhe o livro, sentado ao lado dele estendido no leito, ele renunciava ao esforço sobre-humano de sentar na poltrona. Logo chegamos a um retrato intitulado *Menino triste*, que poderia ter sido, pela semelhança, o retrato de Muzil quando criança, que eu nunca tinha visto em fotos dessa idade: um ar estuioso e melancólico, ao mesmo tempo obstinado e perdido, fechado em si mesmo mas ávido de experiências. Muzil me perguntou à queima-roupa o que eu fazia durante o dia: de repente, na perturbação de sua inteligência, o uso do meu tempo, que antes conhecia praticamente hora a hora por causa de nossas conversas telefônicas cotidianas, tinha se tornado misterioso para ele, e me perguntava isso com desconfiança, como se descobrisse de repente no seu amigo um preguiçoso inveterado cuja ociosidade o repugnava, ou como se eu passasse meu tempo justa-

mente a soldo dos seus inimigos, tomados legião, para fomentar as conspirações que iam precipitar sua decadência. “Mas, enfim, o que você faz durante o dia todo?”, me repetia todo dia, ele, cuja atividade estava paralisada, reduzida aos movimentos regulares do olho que seguiam a bola de ténis na tela da televisão que transmitia o Roland-Garros ao vivo. Disse-lhe que havia retomado o meu manuscrito sobre os cegos, e vi no seu olhar uma ponta de sofrimento apavorado, consciente da sua impotência para retomar o seu manuscrito, cujo último volume continuava no plano. Desde a minha primeira visita no hospital, eu a tinha anotado no meu diário, ponto por ponto, gesto por gesto, e sem omitir nem uma única palavra da conversa esparsa, atrozmente selecionada pela situação. Essa atividade diária me aliviava e me enojava, sabia que Muzil teria ficado sentido se soubesse que relatava tudo aquilo como um espião, como um adversário, todas aquelas insignificâncias degradantes, no meu diário, que talvez estivesse destinado, isso era o mais abominável, a sobreviver a ele, e a testemunhar uma verdade que ele gostaria de apagar no contorno de sua vida para só deixar as arestas bem-aparadas, em torno do diamante negro, luzidio e impenetrável, bem fechado nos seus segredos, que ameaçava ser a sua biografia, um verdadeiro quebra-cabeça desde já recheado de inexistências.

33 A MEMÓRIA dá um salto sem dúvida e não tenho vontade de me referir àquele diário para me poupar hoje, cinco anos depois, à tristeza daquilo que, muito fiel à sua origem, a restitui malvadadamente, Muzil tinha sido transferido para o Pitié-Salpêtrière. Quando entrei no seu novo quarto, estava cheio de amigos, mas ele não estava lá, esperava-se que voltasse da última tentativa de punção lombar, roubavam a sua medula. Stéphane lhe trazia um monte de correspondências de casa, nem deixava a Muzil o trabalho de abrir, ia jogando na cesta à medida que lhe dizia o que era, entre as cartas nesse dia havia um livro de Matou, cujo título evoca o cheiro dos cadáveres, Muzil folheou-o para encontrar a dedicatória, e leu: “Este perfume.” Em pânico, perguntou-me o que isso significava, e eu, com uma indiferença estudada, respondi que aquilo era bem do Matou e que não havia nada para compreender em particular. Um

conhecido presente, para quebrar o silêncio, relatou sua ida a uma exposição no Grand Palais, na qual se achava um quadro de título famoso que Muzil tinha comentado longamente num ensaio. Mas Muzil não conseguiu lembrar do que se tratava, fazia perguntas a respeito do quadro, consciente do constrangimento geral por aquela escorregadela do seu espírito, o pior para ele. Quando saímos todos juntos do quarto, porque iam cuidar do doente, Stéphane nos disse no pátio do hospital que a doença de Muzil, não nos dissera nada até então para que continuássemos com boa aparência diante dele e ele próprio só tinha sabido pouco tempo atrás, era fatal, que haviam sido detectadas várias lesões irreparáveis no cérebro, mas que era preciso sobretudo que isso não se espalhasse em Paris, e foi embora sozinho, abruptamente, recusando ‘o apoio moral’ que alguns de nós se diziam prontos a lhe dispensar.

34 NO DIA SEGUINTE, estando sozinho no quarto com Muzil, segurei longamente a sua mão, como me acontecia fazer às vezes no seu apartamento sentados lado a lado no seu sofá branco, enquanto o dia declinava lentamente entre as portas-janelas escancaradas do verão. Depois comprimi meus lábios na sua mão para beijá-la. Ao voltar para casa, ensaboei os lábios, com vergonha e alívio, como se estivessem contaminados, como os tinha ensaboados no meu quarto de hotel da rua Edgard Allan Poe depois que a velha puta enfou a língua no fundo da minha garganta. E estava tão envergonhado e aliviado que peguei meu diário para escrever isso em seguida ao relatório das minhas visitas precedentes. Mas fiquei ainda mais envergonhado e aliviado depois que esse gesto sujo foi escrito. Com que direito escrevia tudo isso? Com que direito fazia tais cortes na amizade? E em relação a alguém que adorava com todo o meu coração? Senti então, era indescritível, uma espécie de visão, ou de vertigem, que me dava plenos poderes, que me delegava essas transcrições ignóbis e que as legitimava ao anunciar-me, era portanto o que se chama de premonição, um pressentimento poderoso, que eu estava plenamente habilitado para isso, porque não era tanto a agonia do meu amigo que estava descrevendo, mas a agonia que me esperava

e que seria idêntica, de agora em diante era uma certeza que, além da amizade, nós estávamos ligados por uma espécie tanatológica comum.

35 MUZIL tinha sido transferido para o tratamento intensivo no fim do corredor, Stéphane tinha me avisado que era preciso desinfetar as mãos na entrada, enfiar luvas e chinelos de plástico, e colocar um guarda-pó e um boné anti-sépticos sobre as roupas. No interior da unidade de tratamento intensivo estava uma confusão incrível, um negro recriminava a irmã de Muzil porque tinha lhe trazido comida escondido, jogava no chão os potinhos de pudim de baunilha dizendo que era proibido e que até mesmo tudo o que estava reunido em cima da mesinha-de-cabeceira era proibido, por razões de higiene e de comodidade dos movimentos dele, enfermeiro do centro de tratamento intensivo, em caso de urgência. Disse que não se estava numa biblioteca, agarrou os dois livros de Muzil que Stéphane havia lhe trazido da editora e que acabavam de sair da imprensa, e decretou que mesmo aquilo não era desejável ali, que era preciso apenas o corpo do paciente e os instrumentos para os cuidados. Com um olhar Muzil me pediu que não dissesse nada e saísse, moralmente ele também sofria de modo atroz. No pátio do hospital, iluminado por aquele sol de junho que se tornava a maior injúria à desgraça, compreendi pela primeira vez, porque quando Stéphane me contara eu não tinha querido acreditar, que Muzil ia morrer imediatamente dali a pouco, e essa certeza me desfigurou ao olhar dos passantes com que cruzava, meu rosto fervendo escorria no meu pranto e voava em pedaços nos meus gritos, estava louco de dor, eu era o *Grito* de Munch.

36 DOIS DIAS DEPOIS, no corredor, vi Muzil por trás do vidro, de olhos fechados com seu lençol branco, tinham lhe feito uma punção cervical, havia a marca do buraco na sua testa. Na véspera tinha me pedido licença para fechar os olhos, e que eu continuasse a falar-lhe mas sem esperar resposta, falar-lhe sobre qualquer coisa, só pelo som da minha voz, até que ficasse cansado, e que

eu fosse embora sem dizer até logo. E eu, como um cretino, comuniquei a notícia que tinha sabido naquela manhã, que não teria o adiamento sobre a receita para o meu filme, uma esperança perdida, Muzil tinha dito apenas, como uma esfinge: "Tudo vai recomeçar em 1986, depois das legislativas." Uma enfermeira me alcançou no corredor e disse que eu não tinha o direito de estar lá sem autorização prévia, porque não era da família, seria necessário falar com o médico para que me desse autorização, as entradas eram controladas, temia-se que um fotógrafo mal-intencionado tirasse uma foto de Muzil. O jovem médico perguntou quem eu era e disse, de modo alusivo, como se eu estivesse perfeitamente a par daquilo a que se referia, o que não era de modo algum o caso: "O senhor sabe, com uma doença desse tipo, da qual não se sabe grande coisa para ser franco, é melhor ser prudente." Recusou-me a permissão de rever Muzil vivo, invocou a lei do sangue que privilegiava os membros da família em relação aos amigos, não que estivesse questionando que eu fosse um dos seus íntimos, tinha vontade de cuspir na cara dele.

37 NEM DAVID nem eu pudemos rever Muzil, que no entanto reclamava a nossa presença segundo confirmou Stéphane, a quem telefonávamos todo dia para saber notícias. Tinha mandado para o Pité um recado para Muzil, no qual dizia que o amava, tinha valido a pena ter esperado esse instante, e anexeí uma foto a cores tirada por Gustave no balcão do hotel de Assuã, na qual eu estava de costas olhando o pôr-do-sol no Nilo, deixavam ao menos passar a correspondência, para me agradecer Stéphane me disse que frequentemente surpreendia Muzil com essa foto na mão quando chegava. Muzil, me explicava Stéphane, só se exprimia então por frases alusivas, por exemplo: "Temo que o *potlatch* se volte contra você" ou "Espero que a Rússia volte a ser branca". Por causa da lei do sangue, fora da visita primordial de Stéphane, Muzil recebia todo dia a visita de sua irmã, de quem tinha se afastado muito nos últimos dez anos apesar da afeição recíproca. O jovem médico, contou ele para Stéphane, passava longos momentos durante a noite a conversar com Muzil. Uma tarde, quando voltava para casa, um colega jornalista me telefonou perguntando se tinha fotos de Muzil. Não compreendi, ele

caiu em prantos, desliguei e tomei um táxi para ir ao hospital. No pátio do edifício onde ficava o serviço de tratamento intensivo, cruzei com Stéphane no meio de outros conhecidos, que me disse num tom normal: "Sobe depressa para dar um beijo, ele gosta tanto de você." De repente, sozinho no elevador, tive uma dúvida: ele tinha dito a frase no presente, talvez fosse só um rumor, ao mesmo tempo a atitude de Stéphane parecia muito normal para que fosse só isso, avancei pelo corredor, não havia mais ninguém, nem plantonista nem enfermeira de guarda, como se todo mundo tivesse saído de férias depois, de um esforço muito grande, revi Muzil por trás do vidro sob seu lençol branco, de olhos fechados, com uma etiqueta dupla no punho ou na perna que ultrapassava o lençol, não podia mais entrar no quarto, não podia mais beijá-lo, agarrei uma enfermeira e fui empurrando-a pelo corredor segurando em seu jaleco: "É verdade que ele morreu? Hein? Ele está morto mesmo?" Sobretudo eu não queria resposta, corria que nem um louco. Desci correndo a ponte de Austerlitz cantando de cor aos berros a canção de Françoise Hardy que Etienne Daho tinha me ensinado: "*Et si je m'en vais avant toi / Dis-toi bien que je serai là / J'épouserai la pluie, le vent / Le soleil et les éléments / Pour te caresser tout le temps / L'air sera tiède et léger / Comme tu aimes / Et si tu ne le comprends pas / Très vite tu me reconnaîtras / Car moi je deviendrai méchant / J'épouserai une tourmente / Pour te faire mal et te faire froid / L'air sera désespéré comme ma peine / Et si pourtant tu nous oubles / Il me faudra laisser la pluie / Le soleil et les éléments / Et je te quitterai vraiment / Et je vous quitterai aussi / L'air ne sera que du vent / Comme l'oubli.*"* Eu voava por cima da ponte de Austerlitz, era detentor de um segredo que os passantes ignoravam ainda, mas que ia mudar a face do mundo. Naquela mesma noite, no noticiário, Christine Ockrent, sua queridinha, devolvia a Muzil o seu riso luminoso. Passei na casa de David, ele estava com

* "E se eu for embora antes de você / Pode estar certo de que estarei lá / Me casarei com a chuva, o vento / O sol e os elementos / Para te acariar todo o tempo / O ar será cálido e leve / Como você gosta / E se você não compreender / Logo vai me reconhecer / Porque eu ficarei malvado / Casarei com uma tempestade / Para te machucar e te fazer frio / O ar será desesperado como a minha tristeza / E se, no entanto, você esquecer de nós / Precisarai deixar a chuva / O sol e os elementos / E eu te deixarei realmente / E vos deixarei também / O ar será apenas vento / Como o esquecimento." (N. da E.)

Jean, todos dois sem camisa, se pegando, tinham cheirado pó para agüentar o tranco, me ofereceram, preferi sair de novo e continuar a cantar.

38 ALMOCEI COM STÉPHANE numa pizzaria perto da casa dele no dia seguinte ao da morte. Disse-me que Muzil tinha morrido de Aids, ele mesmo não tinha sabido de nada até a véspera à noite, ao acompanhar a irmã ao escritório de óbitos do hospital, quando leu ao mesmo tempo que ela no registro: "Causa da morte: Aids." A irmã tinha pedido que se riscasse aquela informação, que se rasurasse completamente, se necessário que se apagasse, ou melhor, que se arrancasse a página e se fizesse outra, por certo aqueles registros eram confidenciais, mas nunca se sabe, talvez dentro de dez ou vinte anos, um biógrafo pesquisador de merda viesse a xerocar a página ou radiografar as impressões deixadas na página seguinte. Stéphane tinha imediatamente exibido o único testamento autógrafa de Muzil que o deixava a salvo de uma intrusão da família no apartamento, mas os termos do testamento eram muito vagos e não designavam Stéphane como um herdeiro evidente. Tranquiltizei-o, dizendo que Muzil nos últimos meses havia consultado um tabelião, cujo endereço lhe forneci. Stéphane voltou dessa entrevista com o tabelião de mãos abanando: o testamento existia, e em seu favor logicamente, mas era apenas um rascunho estabelecido pelo tabelião depois de sua conversa com Muzil, que nunca mais tinha voltado para assinar a cópia passada a limpo, e como ainda por cima o testamento não era de seu próprio punho não tinha nenhum valor jurídico. Stéphane teve que negociar com a família a obtenção do apartamento com os manuscritos que nele se encontravam em troca do abandono dos direitos autorais e do direito moral que não lhe eram devidos.

39 NA MANHÃ da despedida do corpo, no pátio do Pitié não longe do crematório, talvez fosse uma greve parcial dos transportes que me impediu de chegar na hora, na praça de Alésia não encontrava táxi e decidi descer para o metrô onde duas ou

três baldeações iriam ainda me atrasar, nas ruazinhas cinzentas desse velho bairro à beira do Sena, bastante próximo, pensando bem, do instituto médico-legal, dessa funerária que me faz correr um frio na espinha cada vez que passo por lá, uma grande quantidade de pessoas aflua procurando o ponto de encontro porque Stéphane fez questão de publicar um anúncio em dois jornais, temia que a cerimônia fosse minguada em comparação com os funerais pomposos de outro grande pensador morto alguns anos antes, de fato o bairro estava cercado por caminhonetes da polícia, e havia tanta gente amontoadada no pátio de saída dos corpos que desisti de me esgueirar pela multidão para me aproximar, fiquei na ponta dos pés, um filósofo amigo de Muzil, que devia estar trepado num caixote, com seu chapéu, dizia sussurrando o texto de uma homenagem que em seguida ofereceu a Stéphane. Gritavam-lhe que falasse mais alto. A multidão se espalhou com a saída do corpo. Alcancei Stéphane e David. Stéphane me disse que eu tinha tido sorte de não rever o corpo, não estava bonito para se ver, David não queria ir ao enterro em Morvan, onde morava a família de Muzil, temia não ter força moral para isso, eu queria que ele viesse, mas recusou até o fim, estava errado, o enterro foi bastante alegre e leve em comparação com a infelicidade das últimas semanas. Antes que os carros saíssem, houve vários movimentos de idas e vindas precipitadas em volta da pessoa de Stéphane, uma grande atriz amiga de Muzil deu-lhe uma rosa do seu jardim para jogar por ela na cova, foi nesse instante que a secretária de Muzil, que eu encontrava pela primeira vez, me disse que ele lhe tinha feito escrever, durante a última sessão de trabalho, respostas positivas a todos os convites que tinham chegado do mundo inteiro e cujas datas com frequência, tanto pior, dissera-lhe, se superpunham, sim, ele estava encantado por antecipação, esfregando as mãos, por fazer aquela conferência no Canadá, aquele seminário na Geórgia e aquele curso em Düsseldorf. Na estrada, com o assistente de Muzil e com Stéphane, paramos num restaurante e saboreamos, foi uma idéia de Stéphane que lembrou que Muzil as adorava, saísichas grelhadas. A mãe nos recebeu rígida, régua e transparente, sem uma lágrima, afundada na sua velha *bergère* sob um quadro do século XVIII, ela recebia rodeada de algumas mulheres dos homens ilustres do lugar vindas para lhe apresentar condolências, o semanário que tinha feito a capa com uma foto de Muzil estava colocado em evidência sobre a mesinha de centro. Com o irmão visitamos

a propriedade, e era muito grande, era inevitavelmente uma grande família burguesa de província, a família mais respeitada ali, com a figura prestigiosa do pai cirurgião na capital da região. Nunca havia imaginado que Muzil tivesse nascido de uma família tão abastada e no entanto, se se pensa nisso, tudo tinha uma relação: seu senso agudo de economia combinado com a irresponsabilidade em matéria de dinheiro, seu lado desconfiado e quase avarento contra todos os sinais de luxo, que eu teria tomado por um reflexo pequeno-burguês. O irmão, quase um sócio de Muzil, nos mostrou o jardim esplêndido, num momento, de cabeça baixa, disse: "É uma doença que não se pode tratar." Levou-nos até o escritório de Muzil, onde ele tinha trabalhado enquanto estudava, era o lugar mais pobre da casa, nunca aquecido, como uma cabana de jardineiro na qual ele tinha arranjado uma biblioteca, e onde a mãe depois tinha guardado todos os seus livros. Tirei um da fileira, o primeiro, e li a dedicatória: "Para mamãe, o primeiro exemplar deste livro que lhe pertence de direito e de nascença." Minha mãe me contou no dia seguinte pelo telefone que tinha ouvido no rádio uma entrevista com a mãe de Muzil, que recebia os jornalistas sentada sobre um banco dobrável diante do muro do cemitério, ela dava uma espécie de entrevista coletiva, e declarava: "Quando era pequeno, ele queria ser um peixinho vermelho. Eu lhe dizia: mas enfim, meu gatinho, não é possível, você detesta água fria. Aquilo o mergulhava num abismo de perplexidade, ele respondia: então, pelo menos por um segundinho, eu queria tanto saber o que ele pensa." Essa mãe fez questão de encomendar uma lápide tumular sobre a qual se indicaria o nome da instituição prestigiosa onde Muzil dava cursos no fim de sua vida, Stéphane tinha lhe dito: "Mas, afinal, todo mundo sabe", e ela: "Por certo que todo mundo sabe agora, mas dentro de vinte ou trinta anos não se pode garantir nada apenas com os livros." Um após outro jogamos na cova uma flor cortada que nos estendiam numa cesta, cada um de nós era fotografado pelos correspondentes de imprensa no momento em que jogava essa flor no túmulo. Ao voltar para casa à noite, telefonei para Jules, ele não podia falar muito tempo, estava transando com dois rapazes que acabara de aparar numa boate, tipos completamente drogados que lhe davam um pouco de medo. Berthe tinha ido para o campo com a filha deles de cinco meses.

40 A MINHA REAÇÃO, como é de costume quando o luto se abate sobre um amigo, foi não deixá-lo se afundar nos problemas de herança, estimulando-o em vez disso a fazer uma viagem para arejar a cabeça. Estava previsto que nessa época Muzil e Stéphane iriam nos encontrar na ilha de Elba, e, durante o semestre que precedeu a morte de Muzil, com frequência tínhamos falado nessas férias todos os três, Stéphane, como eu, acreditava sinceramente nisso, e no seu duplo discurso de lucidez e de engodo, Muzil nos fazia crer que ele também acreditava na iminência dessas férias, até o dia em que, por causa dos preparativos, teve que admitir pelas minhas costas para Stéphane, que me contou depois de sua morte, que ele nunca tinha acreditado na possibilidade daquela viagem. Inquieto quanto à sua própria saúde e quanto à eventualidade quase certa da transmissão do agente destrutivo que tinha matado Muzil, Stéphane consultou o especialista da clínica dermatológica que, sem saber grande coisa ele mesmo mas querendo tranquilizá-lo, comunicou-lhe que ele certamente tinha escapado do perigo, visto que a Aids, ao que parecia, se transmitia pela presença no interior do corpo, no mesmo momento, de pelo menos duas fontes de infecção diferentes, de dois espermatozoides contaminados que agiam juntos como uma deonação. Convidei Stéphane para nos encontrar na ilha de Elba, Gustave cedeu seu quarto à viúva, que não perdia uma chance de se lamentar em público ou, o que era ainda mais espetacular, de fugir das pessoas em pleno jantar e correr para se trancar no seu quarto. Eu era o indicado para bater na sua porta depois de uns 15 minutos, para estancar a cascata de lágrimas. Stéphane, que de início tinha se recusado a abrir, gritou no meio dos soluços: "Nunca poderia imaginar, que você fosse tão malvado, e Muzil também nunca poderia imaginar, você abusou de nós, você é a perfídia personificada, pobre Muzil, como se enganou a seu respeito!" Disse a Stéphane que realmente eu tinha dificuldade em me comportar dentro de um grupo, que não conseguia encontrar um meio-termo socialmente aceitável entre um estado de proscrição remunguento e de euforia agressiva, mas que Muzil, a quem eu tinha exposto esse dilema um dia, tinha me aconselhado a sobretudo não fazer esforço: os esforços eram a pior coisa que se podia infligir aos amigos, eu era o que era e quem me aceitava como tal gostava de mim assim mesmo. Stéphane só falou me beijar as mãos diante dessas palavras e não parou mais de me achar adorável e de desculpar

os meus caprichos junto aos outros. Confidenciei-me que se culpava ao máximo por ter sido a morte de Muzil que lhe dava acesso a uma casa tão bonita, cheia de rapazes tão belos. Foi naquele verão, por certo, que eu disse a Gustave, deitado nu ao meu lado sobre os rochedos onde nos banhávamos: "Nós todos vamos morrer dessa doença, eu, você, Jules, todos aqueles que amamos." Da ilha de Elba Stéphane partiu para Londres, onde entrou em contato com uma associação de ajuda mútua para as vítimas da Aids. Quando voltou, decidiu criar um organismo semelhante na França.

41 STÉPHANE me pediu, antes de tomar posse, que fotografasse o apartamento de Muzil tal como ele o havia deixado. Queria que eu fosse testemunha da transferência dos bens e fabricar um documento destinado aos pesquisadores. Chegando ao pátio, reparei que haviam cortado a herá do muro divisorio, espantando os pardais que faziam um barulho dos diabos quando eu o atravessava para ir jantar na casa de Muzil. Na manhã do encontro, e eu não tinha mais posto os pés no apartamento depois de sua morte, era um dia cinzento, a luz apareceu milagrosamente assim que peguei as máquinas fotográficas. Tinha levado a minha pequena Rolleiflex 35 para as fotos de conjunto, o salão com as máscaras africanas e o desenho de Picabia que parecia com ele, e pedido a Leica de Jules emprestada para marcar bem os detalhes: na cesta de papéis havia ficado um envelope amassado com um endereço que Muzil tinha começado a escrever. Em quatro meses, o tormento da ausência tinha tido tempo de se depositar sobre as coisas como uma poeira que era impossível tirar, elas já eram intocáveis, por isso era necessário fotografá-las antes de serem cobertas por novas desordens. Stéphane me mostrou, empilhados num armário, os manuscritos, todos os esboços e rascunhos do livro inacabado que não haviam sido rasgados. Nos sofás acumulavam-se documentos sobre o socialismo, Muzil preparava um ensaio sobre os socialistas e a cultura, mas na época daquele projeto, tinha me contado seu assistente no ônibus, ele já não estava com a cabeça perfeita. Stéphane fez questão que eu fotografasse a cama de Muzil, que ele próprio nunca tinha me mostrado, tendo o cuidado de fechar a porta atrás de si quando, nas raras vezes em que saíamos para

jantar, percebia que tinha esquecido as chaves ou o talão de cheques no bolso de outro paletó. De fato, o quarto de Muzil era um cubículo sem janela com um colchão de palha, quase um nicho, pois, à exceção do escritório espaçoso com a biblioteca, ele fez questão de ceder a Stéphanne, que se arrendia disso agora, a parte mais confortável e mais independente do apartamento. A contragosto, empurrado por trás por Stéphanne, que via nisso um documento inestimável para os pesquisadores, eu focalizei o pobre colchão no chão, é verdade que não havia profundidade para tirar a foto e eu sabia por experiência que não ia 'sair' nada, mas o disparador nem funcionou, o filme tinha acabado. Para essa série de fotos, das quais nunca tirei cópias, me contentando de mandar para Stéphanne uma cópia das folhas de contato, eu tinha me afastado como um feiticeiro de minha obsessão, circunscrevendo a cena destruída de minha amizade: não era um pacto de esquecimento, mas um ato de eternidade selado pela imagem. A associação humanitária de Stéphanne tinha começado a andar a todo vapor, nós havíamos sido os primeiros, com David e Jules, eu por intermédio do doutor Nacier, que tinha se engajado nela, a contribuir. Mas não era nada fácil no dia-a-dia, me disse Stéphanne, e era preciso ter bons nervos: "Nesse momento estamos cuidando de uma família de haitianos em que todos têm Aids, o pai, a mãe e as crianças, você pode imaginar o quadro." Ao sair do apartamento, quis olhar na biblioteca as referências de um volume de Gogol, que ia começar a ler, e Stéphanne, que tinha se aproximado por trás de mim para ver o que eu bisbilhotava, me disse: "Não, Gogol, não, mas se você quiser pode levar todos os Turguenev, não vou lê-los."

42 TINHA RETOMADO o trabalho no jornal. Eugénie me propôs ir ao Japão com ela e o marido, Albert, para as filmagens do novo filme de Kurosawa, era portanto inverno de 1984, pois meu livro sobre os cegos ainda não tinha saído, e estávamos surpresos, Anna e eu, numa calçada de Asakusa de termos tanto um quanto o outro começado ou planejado um trabalho sobre o mesmo assunto, os cegos. Havia encontrado Anna por acaso no *hall* do hotel Imperial, em Tóquio, onde Albert tinha marcado encontro com ela. Nossas relações eram frias. A aventureira saía, passavelmente zozna,

de uma viagem de três semanas de transiberiano na qual, através da Rússia e da China, o que ela só tinha feito fora pilhar o caviar e a vodka de um *appartatchik** de Vladivostok. Entrevistara-a antes de partir, para ilustrar o artigo ela me havia confiado uma foto dela aos sete anos tirada por seu pai, um exemplar único que prezava, me havia dito, como a menina dos seus olhos. Nunca havia perdido nada no jornal em oito anos de profissão e nada tinha sido roubado, mas eu tivera o cuidado de recomendar aquela foto para a paginadora, depois para a secretária que estabelecia a ligação entre a redação e a paginação, e de repente, por aquele cuidado excessivo com ela, a famosa foto se perdeu. Anna havia reclamado de maneira muito desagradável, chegando até a me ameaçar, embora eu tivesse virado de cabeça para baixo os cinco andares do jornal na esperança de encontrá-la. Ela tinha me dito: "Esjou me lixando para a sua esperança, mas exijo que você restitua a minha foto." Chegou a ir até minha casa, na véspera da sua partida, para me dar uma bronca. Deixei-a do lado de fora, fechando a porta na cara dela por causa de suas indiscricções notórias. Nesse meio tempo, a foto me tinha sido devolvida, por remorso, pela pessoa que havia roubado o álbum no qual, por azar, a paginadora havia enfiado a foto para protegê-la melhor; o ladrão ou a ladra, depois de um mês de recriminações públicas, havia simplesmente recolocado o livro com a foto no meu escaninho. Dei essa boa notícia a Anna, assim que a revi no *hall* do hotel Imperial de Tóquio, e a fofoqueira não achou nada de melhor para me dizer que: "Você escapou de boa." Decidi esnobá-la, mas ela continuou a se colar no pequeno grupo que formávamos com Eugénie e Albert. Uma noite em Asakusa, na ruazinha central que leva ao Templo, entre as lojas de zinco que vendem doces, leques, pentes, carimbos e sinetes em pedras preciosas ou falsas, enquanto Eugénie e Albert demoravam numa loja de chinelos, continuei mais na frente com Anna em direção ao pagode, até o caldeirão de cobre onde os peregrinos vinham pegar os vapores do incenso para esfregar, como um sabão de fumaca, suas bochechas, suas testas, seus cabelos. De cada lado se estendiam os balcões, com minúsculas gavetas que os fiéis puxavam ao acaso para ali descobrir um papelzinho contendo uma previsão ilegível, que le-

* Alto funcionário russo. (N. da T.)

vavam para um dos dois bonzos que officiavam simetricamente no altar com o seu Buda de ouro protegido por uma placa de vidro, em pé atrás das divisórias que faziam pensar num guarda-volumes, para decifrar em troca de uma oferenda e previsão em código. Se era benéfica, o fiel a jogava por uma fenda sob o vidro aos pés do Buda com os tenes que favoreciam sua realização. Se era maléfica, o crente a abandonava às intempéries, amarrando-a com um arame farpado, numa lata de lixo ou numa árvore, a fim de que, posta em penitência, ela se deixasse dissolver pelas potências infernais. Foi assim que em Kioto encontramos, em torno dos templos, árvores nuas farfalhando de papelinhos brancos que, de longe, acreditamos serem as tradicionais cerejeiras em flor. Acabara de entrar com Anna no templo de Asakusa; de repente, plantada diante de um tabernáculo translucido em forma de pirâmide onde cintilavam os clarões, Anna me estendeu um círio minúsculo dizendo: "Você não quer fazer um pedido, Hervé?" Naquele segundo um gongo soava, a multidão saía com precipitação, o Buda de ouro se apagava dentro de sua gaiola luminiscente, uma barra de ferro se encaixava batendo para renuir os dois batedes da entrada monumental, nós não tínhamos tido tempo de escapar à evidência de que estávamos fechados dentro do templo. Um bonzo nos fez sair por uma portinha traseira que dava num parque de diversões. Tinha sido interrompido na formulação do meu pedido, mas era só um adiamento, e o acontecimento na sua estranheza tinha selado nossa amizade com Anna. Partimos assim para Kioto, onde ela nos apresentou Aki, um pintor que voltava ao seu local de nascimento para os setenta anos de seu pai, que nos guiou pela cidade e nos fez visitar o Pavilhão de Ouro. Pessoas de Tóquio tinham nos recomendado visitar o Templo da Espuma, mas era necessário para isso a entrada do templo de um autôctone e reservar lugar numa lista limitada que dava direito a uma visita por mês. O Templo da Espuma encontra-se afastado do centro, no campo de Kioto. Era uma manhã fria e ensolarada, éramos uma dezena a esperar diante das grades que um bonzo viesse nos buscar, conferindo de início nossos nomes um por um com nossos documentos de identidade, depois nos levando a um guichê onde fomos cuidadosamente despojados de nossas fortunas. Após ter tirado os sapatos e atravessado de meias um páio de cascalho gelado, penetramos num grande recinto também glacial, atravancado por um imenso tambor na proximidade de um altar, uma dezena de escritaninhas

alinhadas no chão diante de almofadinhas, com seus pincéis, seus bastonetes de tinta para dissolver, seus potinhos e, pousados sobre a mesa, pergaminhos onde apareciam, bem claro, as filigranas de signos complexos que formavam, nos disse Aki, palavras até para ele incompreensíveis que acabavam por constituir, por seu número e por sua composição, uma oração, a oração ritual e misteriosa do Templo da Espuma, que seus monges, ao dar-lhe ritmo com batidas monótonas no tambor, nos obrigavam a pronunciar integralmente e em silêncio, se se quisesse ter acesso ao milagroso Jardim das Espumas e merecer a beleza daquela visão, desenhando um após outro cada um dos signos da beleza daquela visão, compreendê-la à força de preencher com tinta, o mais minuciosamente possível, o espaço vasado das filigranas. Albert, o marido de Eugénie, mandou às favas o seu pergaminho, reclamando: aqueles bonzos eram uns bandidos, eles nos haviam sequestrado, fazia um frio de matar, e seriam necessárias pelo menos duas horas, à razão de uns bons cinco minutos por signo, para chegar ao fim desse esfregão, que possivelmente não passava de um monte de asneiras, além disso estávamos com câimbras tremendas e formigamento nas pernas por ficar assim, sentados no chão de pernas cruzadas, ele saiu da sala e foi afastado do Jardim das Espumas. Anna e eu, lado a lado, entramos no jogo rivalizando no cuidado para redenshar os signos, o mais delicada e exatamente possível, sem fazer borrões. Aki tinha nos explicado que no fim devia-se, uma vez que ela estava terminada, escrever seu nome com um pedido em cima da prece, abandoná-la sobre uma prensa diante do altar, porque o trabalho dos monges do Templo da Espuma, é a isso que a vida deles é dedicada, consiste em rezar para que os pedidos depositados lá por alguns raros desconhecidos se realizem. Depois de duas horas de trabalho, numa concentração extrema que tinha absorvido as câimbras e encurtado o tempo, estava pronto para poder fazer meu pedido, meu pedido atrasado, que não iria se evaporar mais ao mesmo tempo que o círio que o levava. Mas tinha medo, por causa da curiosidade de Anna, que ela lesse o meu pedido, então tive a astúcia de fazê-lo em código, e me inclinei sobre o ombro dela para espiar o seu. Ela acabara de escrever: "A rua, o perigo, a aventura", depois tinha riscado "o perigo", e eu não queria mais saber pelo que o tinha substituído. Escrevi em código o meu pedido de sobrevivência, para Jules

e para mim, e Anna logo me perguntou o que significava. Então pudemos penetrar no inacreditável Jardim das Espumas.

43

EU ODIAVA MARINE. Ela tinha rodado seu filme nos Estados Unidos, os jornais haviam difundido os rumores de casamento, depois de rompimento e de retorno. Uma noite em que Hector tinha me convidado para jantar no restaurante Quai Voltaire, depois de ter deixado nossos sobretudos no vestiário, o *maître* faz-me sinal para segui-lo, desço três degraus atrás dele e penetro na sala onde, de imediato, topoi com Marine, sentada com seus óculos escuros no nicho do fundo, diante de um jovem, justamente ao lado da mesa onde o *maître* me convidava a sentar do lado da banquetta, constatando ao fazê-lo que uma divisória se separa de Marine, mas um espelho equidistante na parede oposta permite que nos vejamos um ao outro, apenas um ao outro. Reencontrando Marine ao fim de dois anos de silêncio e traição, naquele restaurante, vários pensamentos me passaram pela cabeça, hipóteses de conduta que rodam tão depressa quanto uma esfera de máquina de escrever eletrônica: aproveitar para ir dar-lhe uma bofetada, o que me tenta terrivelmente, ou beijá-la com carinho, o que me tenta da mesma forma, fugir imediatamente ou ao contrário ter força para prosseguir minha conversa com Hector com toda a calma, como se nada tivesse acontecido. A queda-de-braco com Marine durou vários minutos. Da mesa vizinha me chegam os sinais da desagregação. “Você não está se sentindo bem?”, pergunta o rapaz que, aparentemente, poderia ser meu duplo, um sonhador de cinema, um aprendiz de diretor que se deixa enganar inteiramente pela estrela. Ele não obteve resposta e recomeça: “Você vai sair de férias logo?” De repente, com um grande movimento, desloca-se a mesa do lado e, desviando um segundo o olhar do de Hector, que não percebeu nada, vejo Marine fugir a toda velocidade do restaurante, seguida pelo rapaz afobado que tropeça num degrau, escorrega uma nota de duzentos francos na mão do *maître* se desculpendo e se atrapalha na cortina que protege a porta das correntes de ar. Viro-me para a mesa do lado, com os guardanapos amassados, a garrafa de vinho apenas começada, estavam na entrada, eu ganhei a partida. Alguns meses mais tarde, numa noite, a voz de Marine me

arranca vagamente do torpor dos soníferos, ela me diz: “Estou ressuscitada.” Apesar do Témesta*, tive a presença de espírito para responder: “Então é preciso tocar os sinos?” Retruca algo de afetuoso no gênero: “Que é isso, Hervé?” Digo-lhe: “Você me fez muito mal.” Ela: “Isso não é nada comparado com o mal que causei a Richard.” Com essas palavras alucinadas, desliguei. Quando acordei, ao me lembrar que já tinha lido antes: “Um beijo, Marine”, tive a impressão de uma absolvição de além-túmulo. À tarde, um entregador de Dalloyau deixa na minha casa dois sinos de chocolate, um bem grande e outro pequenininho, sem uma palavra de acompanhamento, a Páscoa tinha acabado de passar. Alguns meses mais tarde ainda, quando ia almoçar com Henri no Village Voice, cheguei um pouco antes, sozinho no restaurante me instalei numa mesa lendo. Henri chega, ainda não tinha sentado, quando pula em cima dele, saindo a toda do fundo do restaurante, onde não tinha percebido a sua presença, Marine com seus óculos escuros, enormes cabelos de boneca Barbie até a altura dos rins, seguida como uma sombra por Richard, os dois num estado de agitação incrível. Ao avistá-los, num segundo meu sangue foge do meu corpo como de uma proveta, de alto a baixo fico gelado, pálido, Henri inquieto me pergunta o que houve. A aparição de Marine me causou um efeito atroz, como se tivesse visto um fantasma, uma aparição. Já em casa, peguei a caneta para escrever para a Marine que eu acabara de ver, de fato o fantasma do amor que tive por ela, e também o fantasma de nossa amizade de juventude, que ela tinha massacrado à custa de caprichos. Assim que acabei a carta, toca o telefone, é Jules que me diz: “Você está sabendo o que aconteceu com a Marine? Parece que ela está com leucemia, que caiu todo o cabelo, que está fazendo uma quimioterapia muito dura...” Havia a palavra sangue várias vezes na minha carta. Poderia tomar o telefone, mas Jules como um sinal do destino que me impediria de mandar a carta, desço imediatamente para postar aquela carta validada pelo rumor, posso muito bem dizer depois que o telefonema de Jules veio logo após. Mas no dia seguinte estava afogado em remorsos e me

* Nome de um sonífero. (N. da T.)

aliviei mandando para Marine outra carta que servia para apagar a precedente.

44 OS BOATOS que correm sobre Marine pioraram e chegam de toda parte: agora ela tem Aids, foi meu massagista que contou, ele soube pelo diretor da clínica. Um dia um informante diz que ela pegou se drogando com seu irmão, que é um pequeno viciado, no outro dia uma outra fonte de informação assegura que foi contaminada durante uma transfusão de sangue, um terceiro boato incrimina o americaninho seu amigo, que é um bissexual de primeira adepto de surubas, etcétera. A Aids de Marine, que, devo confessá-lo agora, me deu prazer, não como rumor mas como verdade, e menos por sadismo do que por essa fantasia de que estávamos definitivamente ligados, nós que algumas pessoas consideravam irmão e irmã, por um destino comum, acabou por vaziar nos jornais, o rádio anunciou que ela tinha sido hospitalizada em Marselha, um despacho da AFP fez a sua morte bater nos telex de todas as redações. Via Marine acossada, perseguida, fugindo até Marselha para pegar um barco com destino à Argélia, onde seu pai tinha nascido, e ser enterrada como ele, segundo as leis muçulmanas, em três lençóis, direto na terra. Revia seus longos cabelos postiços de boneca Barbie. Revia seus pulsos enfaixados no hospital americano, onde tinham acabado de lhe fazer uma transfusão. E nunca havia amado tanto Marine. Ela não demorou, escudada por seu advogado, a intervir no telejornal das vinte horas para desmentir os boatos, afirmar, apoiada numa declaração médica, que não estava doente, mas que ao mesmo tempo estava desolada por trair o campo dos doentes e ser obrigada a se destacar assim no dos saudáveis. Não vi Marine na televisão naquela noite, sua aparição tinha sido divulgada nos jornais e, antecipadamente, no momento em que ela desmentia, me decepcionava profundamente. Bill, que a viu, disse-me que tinha um ar de louca, dali só para o hospício. O indomável Matou, que não é de esbanjar elogios, me disse ao contrário que aquela aparição de Marine no jornal das vinte horas tinha sido para ele o evento televisivo mais intenso da sua vida. Pouco a pouco, eu doente sem que ela o soubesse e ela sem dúvida com boa saúde de verdade, à distância, lentamente me reduzui no meu senti-

mento por Marine, embora ela fizesse outros filmes que não os que eu gostaria de vê-la fazer, e que do seu lado, estou certo, ela lesse outros livros meus que não os que gostaria que eu escrevesse.

45 STÉPHANE entregou-se de corpo e alma à associação que tinha fundado, e encontrou nisso, é preciso que se diga, um sentido completo para a sua vida com a morte de Muzil, e, através de seu desaparecimento ou para além disso, o meio de realizar plenamente suas forças morais, intelectuais e políticas que até então, na sua sombra e no seu complexo, vegetavam e acabavam logo numa inação neurótica preenchida por telefonemas intermináveis que horripilavam Muzil, artigos em curso jamais acabados, tudo numa bagunça indescritível. A Aids tornou-se a razão social de inúmeras pessoas, sua esperança de posicionamento e reconhecimento público, especialmente para os médicos que tentaram através disso alçar-se acima do ramerrão de seus consultórios. O doutor Nacier, que tinha assim se fiado à associação de Stéphane, engajou nela o seu companheiro Max, que para mim era um ex-colega de jornal, e de quem Muzil dizia parecer-se com "o interior de uma castanha". O doutor Nacier e Max formavam uma dupla e tanto, o que alguns chamam de uma associação de malfetores. Penso que Stéphane se apaixonou pelo casal, especialmente pelo interior da castanha, Max e o doutor Nacier como seus braços direitos. Ao mesmo tempo, Stéphane cantava-lhes sempre a mesma canção: "Não vou demorar a passar a direção para vocês, coloquei as coisas em pé, agora tenho outras coisas para fazer, me aborrece ir falar na televisão, eu lhes peço, vão no meu lugar..." De fato, Stéphane inventou a traição de Max e do doutor Nacier como aqueles velhos que têm um prazer mais em estimular a cupidiez de seus herdeiros, fazendo-os imaginar coisas fabulosas, aquele colar de diamantes ou aquele armário de louças excepcionais, para no último momento legá-los ao seu massagista ou ao seu lixeiro. Como eu frequentava na época, ao mesmo tempo, Stéphane e o doutor Nacier, foi divertido para mim ouvir logo o primeiro me dizer: "Tenho a impressão que eles têm dentes longos e uma avidez que vai aparecer", e o segundo: "Temos dois flagelos para combater, a Aids e Stéphane." Com David, era a única ironia que nos permitíamos pelas costas de

Muzil, que teria achado engraçado o nosso maquiavelismo, tínhamos o cuidado de contar a Stéphanie todas as tentativas de desestabilização e de *putsch* que o doutor Nacier, que as tramava com Max, me contava com toda a inocência. Assim, Stéphanie pôde preparar uma trama destinada a vetar a dupla ambiciosa. Max escreveu-lhe uma carta fatal, onde dizia a Stéphanie que ele dava “uma imagem muito homossexual da associação”. Alguns meses depois de tê-lo fritado, e ao mesmo tempo mortificado por causa do interior da castanha, Stéphanie, que encontrei na rua, me disse: “Não vai me dizer que Nacier ainda é teu médico, isso me faria muito mal!” Não lhe confessei o nome do meu novo médico, que também era um de seus acólitos. David me disse que Stéphanie sem dúvida se enforcaria de desespero no dia em que se descobrisse um remédio contra a Aids. Revi um antigo amigo psiquiatra, que trabalhava na sua associação, e que tinha encontrado um bom jeito, me explicou, para falar com os doentes de Aids, ele lhes dizia: “Não vão me dizer que vocês não desejaram a morte num ou noutro momento do tempo que precedeu a doença de vocês! Os fatores psíquicos são determinantes no desencadeamento da Aids. Vocês quiseram a morte, pois aí está.”

46 MUZIL, nos últimos tempos que precederam a sua morte, tinha decidido, discretamente, sem rompimento, afastar-se um pouco do ser que amava, a ponto de ter tido o reflexo formidável, a descoberta inconsciente de poupar esse ser num momento em que quase tudo do seu próprio ser, seu esperma, sua saliva, seu suor, ainda não se sabia muito naquela época, tinha se tornado altamente contaminante, soube disso recentemente por Stéphanie, que fez questão de me anunciar, talvez mentirosamente, que não era soropositivo, que tinha escapado do perigo, embora tivesse se vangloriado, pouco depois de me ter revelado a natureza da doença de Muzil, que até então ele ignorara, de ter se esgueirado no hospital até o leito do agonizante e de tê-lo aquecido com a sua boca em diferentes pontos do seu corpo, que era um verdadeiro veneno. Essa proeza de Muzil, eu não consegui repeti-la com Jules, ou Jules não a conseguiu comigo, e nós não a conseguimos conjuntamente com Berthe,

mas tenho ainda por vezes a esperança de que as crianças ou pelo menos uma delas tenha sido ou tenham sido poupadas.

47 CONSULTANDO minha agenda de 1987, é no dia 21 de dezembro que datarei a descoberta debaixo da minha língua, no espelho do banheiro, lá onde tinha pegado o hábito de inspecionar mecanicamente, calcando meu olhar no do doutor Chandi durante minhas consultas, sem saber o teor nem a aparência daquilo que ele procurava ali, mas persuadido por esse exame repetido que ele espreitava a aparição previsível daquela coisa desconhecida para mim, os pequenos filamentos esbranquiçados, papilomas sem espessura, estranhos como aluviões sobre o tegumento da língua. Meu olhar se desmontou no mesmo segundo, assim como se desmontou por um 125 avos de segundo, transpassado e flagrado pelo meu como um culpado perseguido por um detetive, o olhar do doutor Chandi quando lhe mostrei a minha língua no dia seguinte, na consulta de terça-feira de manhã. Diante do signo catastrófico – o doutor Chandi é muito jovem para saber mentir –, como aquelas velhas raposas dos doutores Lévy, Nocourt ou Aron, seu olhar não está exercitado para se tornar opaco no momento certo, para não piscar por nada, ele conserva em relação à verdade uma transparência de um 125 avos de segundo, como o diafragma fotográfico se entreabre para absorver a luz, antes de se fechar de novo para pensar a respeito. Tinha que almoçar com Eugénie nesse dia, menti-lhe por omissão, de súbito ausente de qual quer presença e de qualquer amizade, inteiramente absorvido pela minha preocupação. Na véspera tinha estado à noite com Grégoire, e, antes da confirmação do doutor Chandi, era a mim mesmo que havia mentido, esperando ainda um pouco para ser tomado de uma repulsa formidável em relação ao único órgão sensual com o qual Grégoire permitia às vezes uma comunicação erótica. E também menti a Jules, ausente de Paris, num primeiro momento, por esse reflexo de omissão. O doutor Chandi não proferiu um veredicto, tanto mais que estava prevenido da realidade da minha doença por aquela zoster que tinha aparecido oito meses antes, quando eu ainda não era seu paciente. Simplesmente ele devia me levar, com a maior suavidade possível mas me deixando ao mesmo tempo livre, como tinha dito Muzil,

para saber ou para me enganar, a um novo patamar de consciência da minha doença. Com pequenos toques muito sutis, por sondagens do olhar que devia de repente frear ou recuar diante do piscar de olhos do outro, ele me interrogava sobre esses graus de consciência e de inconsciência, fazendo variar de alguns milésimos de milímetro o oscilômetro da minha angústia. Dizia: "Não, eu não disse que era um sinal decisivo, mas mentira se lhe escondesse que é um sinal estatístico." Se, 15 minutos depois, eu lhe perguntasse em pânico: "Então é um sinal de todo decisivo?", ele respondia: "Não, eu não diria isso, no entanto é um sinal bem determinante." Receitou-me um gorduroso líquido amarelo e nauseabundo, o Fongylone, no qual eu devia mergulhar a língua de manhã e à noite durante vinte dias, levei para Roma uma dezena de vidros que tinha dissimulado, de início na minha bagagem, depois, atrás de outros produtos, nas prateleiras do armário do banheiro e nas prateleiras da cozinha, onde me escondia então, pela manhã e à noite e à beira da náusea para ingerir o produto, sem que Jules e Berthe, que tinham me encontrado em Roma, o soubessem. Vivíamos juntos, Jules e Berthe dormiam na cama de casal do mezanino, eu na cama de baixo. Tinha avisado Jules pelo telefone, no dia de Natal, do que me acontecia e, fatalmente, do que nos aconteceria, e havíamos decidido não falar nada a Berthe para não estragar suas férias. Jules, como quem não quer nada, fazia mil planos e misturava Berthe, que não sabia da causa, em seus devaneios: que era preciso procurar o verde nos próximos anos, que Berthe devia pedir licença de seu cargo no Ministério da Educação Nacional, pelo menos um ano de férias, subentendendo que não devíamos desperdiçar esses poucos anos de agora em diante contados que nos restavam para viver. Da minha parte, eu escrevia meu livro condenado, e nele relatava justamente o tempo de nossa juventude, aquele em que nos tínhamos encontrado, Jules, Berthe e eu, e nos amado. Tinha começado a redigir o elogio de Berthe, nos termos em que Muzil antes de sua morte tinha pensado, sinceramente ou de brincadeira, em escrever o meu elogio, e tremia todo dia de medo que Berthe pusesse o nariz nesse manuscrito, que eu deixava confiante sobre a escriturinha.

48 NO DIA 31 DE DEZEMBRO, à meia-noite, Berthe, Jules e eu, no bar L'Alibi, beijamos um ao outro nos olhando nos olhos. É estranho desejar um feliz ano-novo a alguém de que se sabe que está ariscado a não vivê-lo inteiramente, provavelmente não há situação mais limite que essa, para assumi-la é preciso uma bravura reduzida à sua expressão mais simples, a franqueza ambígua do que não é dito, uma cumplicidade nas segundas intenções, disfarçada sob um sorriso, conjurada num riso, naquele instante o voto vibra com uma solenidade crucial, mas leve. Tinha passado o *réveillon* precedente na aldeia da ilha de Elba, em companhia do padre que se sabia estar condenado por um câncer da linfa, um linfoma que o doutor Nacier me decretou sem rodeios ter sido uma Aids mal tratada, tratada com raios X, seja para salvar a honra de um padre, fazendo passar a sua Aids por um câncer, com o risco de danos físicos, seja por incúria do sistema hospitalar na Itália. O padre tinha voltado de tratamento longo e muito penoso em Florença para dizer de novo a missa pela última vez na sua aldeia. Não o tinha revisito há meses, estava acompanhado daquele rapazinho apelidado de o Poeta, que nos chateava, a Gustave e a mim, por suas alternâncias histéricas de silêncio e de riso descontrolado. Na noite do *réveillon*, Gustave havia feito questão de assistir àquela última missa do padre, pretendia em seguida levá-lo até em casa de carro, prevenido que ele não teria mais força para subir os inúmeros degraus das ruazinhas em ladeira que levam ao *buccino*, literalmente o buraco do cu da aldeia, sua parte mais pobre também, onde residíamos. O Poeta estava atrado no sofá da sala, reproduzindo fortuita ou inconscientemente a pose um tanto lasciva do modelo de um quadro do século XIX que se encontra no Museu de Belas-Artes de Bruxelas, do qual o doutor Nacier tinha nos trazido uma reprodução em preto-e-branco feita numa antiga prensa de fotografias, colocada naquela noite numa mesa ao lado do sofá, junto com uma edição francesa do *Inferno* de Dante. Essa coincidência me deu a idéia de encenar um simulacro, de gosto meio duvidoso, segundo Gustave, em razão do estado de saúde do padre: quando ele chegasse na casa, surpreenderia o Poeta com aquilo com que nasceu, imitando ponto por ponto a pose do modelo. Nenhum de nós devia fazer a menor alusão àquele estado de nudez, o Poeta deveria participar da nossa noitada com a maior naturalidade, e essa idéia maluca o encantava. Eu tinha a intenção secreta, por aquele recurso, de fazer

uma oferta sublime ao padre, que não nos havia escondido por muito tempo a sua atração pelos rapazes jovens. Fisicamente, o Poeta representava uma mistura curiosa, um enxerto quase diabólico de vários tipos de fantasias: tinha o rosto de um garotinho, o torso de um adolecente e o sexo maciço e de um camponês. Gustave pegou o carro para descer até a aldeia e ir à igreja, onde o que viu o assustou: o padre não conseguia mais nem levantar o cibório, eram os coroinhas que precisavam segurá-lo por baixo de suas mãos. Gustave disse a si mesmo imediatamente que nossa brincadeira era, de fato, de um gosto pírdido e saiu da igreja para procurar uma cabine telefônica para nos dar a ordem de interrompê-la. Nesse meio tempo o Poeta, deitado nu sobre o sofá, se sacudia em acessos de riso que eletrizavam o seu corpo, por convulsões, tinha vontade de urinar, eu o impedi, tomei seu sexo na minha boca para aliviá-lo. As cabinas telefônicas não funcionavam ou não estavam livres, e Gustave não tinha ficha quando se achou na única cabine em funcionamento, a mercaria onde se compravam fichas estava fechada, já era tempo de voltar para a igreja. Quando o padre abriu a porta da casa, viu no alto dos degraus, exatamente no campo de visão de sua primeira olhada, enquadrado pelos batentes da porta, o Poeta nu sentado no sofá, que se levantou para apertar-lhe a mão, com civildade, um tanto friamente. Eu olhava de soslaio as reações do padre, a quem estava sendo dado, pela primeira vez, sem dúvida de toda a sua carreira eclesástica, ter uma verdadeira visão: ele estava encantado, ao mesmo tempo mortificado e aquecido pelo seu encantamento, prestes a se prosternar. Para disfarçar o embaraço, pegou sobre a mesa o exemplar do *Inferno* de Dante, na capa do qual estava desenhada uma degringolada em queda livre dos anjos traidores e decaídos, e pronunciou esta frase: "O diabo não existe, é pura invenção dos homens." Propôs que o acompanhássemos ao presbitério para festejar com champagne e trocar os votos. Sua mãe, velha e pequenina, toda enrugada, que lhe serviria de governanta e que ele chamava de sua cruz, nos trouxe o panelone, o pão ritual. Desejamos feliz ano-novo uns aos outros, os olhos do padre estavam cheios de reconhecimento para comigo, e eu estava com vergonha. Ele tinha preparado foguetes, fogos de artifício que solamos correndo em volta da igreja, mergulhando a praça numa nuvem cinzenta e flamejante, pesada e espetacular, de pólvora.

^{QUERER TER POR RELAÇÃO COM NEGATIVIDADE E POSSÍVEL ANOS 80?}
49 QUANDO VOLTEI para Paris, forçoso foi constatar que o tratamento com Fongylone, que tinha seguido sem parar durante 21 dias a fio para minha humilhação, me escondendo no banheiro para deixar minha língua de molho, sem que os outros soubessem, naquela espessa poção amarela que manchava tudo e me dava náuseas quando em jejum, não tinha conseguido livrar a minha língua de seus papilomas brancos, e passei a odiá-la como instrumento sensual, se bem que o doutor Chandi me tenha explicado que aquele cogumelo não podia em hipótese alguma se transmitir por nenhum contato erótico, e me recitou outro produto, o Daktarin, este branco, quase grumoso, que melava a boca com uma cola de gosto metálico, e não consegui, por sua vez, apesar de outros 21 dias de tratamento, suprimir aquele cogumelo da minha língua, à qual passei a recusar o desempenho de um papel sensual, limitando ainda as raras relações físicas que continuava a manter com duas pessoas, das quais uma estava avisada, e a outra, não. Havia decidido com Jules fazer afinal aquele famoso teste de soropositividade, para o qual tinha acumulado nos últimos anos tantas receitas prescritas pelo doutor Nacier sem nunca me resolver a me submeter a ele. No mês de janeiro de 1988, Jules estava persuadido, tinha necessidade de se persuadir de que éramos, um e outro, soronegativos e que aquele doutor Chandi era um louco furioso que, por incompetência, inquietava seus clientes erradamente. Era por isso que queria que fizéssemos o teste, sobretudo eu, com meu caráter: para me tranquilizar. David mesmo, que nunca tinha querido acreditar nos meus males, me disse rindo que eu ia ficar bem chateado de me render à evidência de ser soronegativo, dada a insignificância das minhas experiências sexuais, e que seria obrigado então a me suicidar pelo desespero de não ser soropositivo. O doutor Chandi, consultado por mim pelo telefone a propósito dessa decisão, fez questão de nos encontrar um e outro antes que fizéssemos o teste. Foi uma entrevista decisiva, se não determinante! Essas duas palavras voltaram à baila, o doutor Chandi teve que falar mais ainda por causa da atitude de Jules, que acolhia com agressividade a iminência de uma verdade que devia assim mesmo nos projetar num outro mundo e, por assim dizer, numa outra vida. O doutor Chandi compreendeu que podia dispensar uma preleção sobre os meios de proteção, os únicos a poderem barrar a epidemia, nós os usávamos um com o outro e com outros, há anos. Em vez disso, passou em revista todas as eventua-

lidades: um é soropositivo mas outro soronegativo, os dois são soropositivos, e como reagir diante de um ou outro desses casos diferentes, pois seria enganoso nos fazer acreditar que não eram tão limitados assim. Evocamos o problema do anonimato, que nos parecia a ambos absolutamente necessário, ao mesmo tempo por causa de nossas relações profissionais e de nossas relações de amizade. Na Baviera ou na União Soviética, falava-se de testes de controle obrigatórios nas fronteiras e para os grupos 'de risco' da população, igualmente apoiados pelo conselheiro médico de Le Pen. Digo ao doutor Chandi que por causa das minhas idas e vindas incessantes entre a Itália e a França, eu devia antes de mais nada preservar a minha liberdade de passar pela fronteira. Aconselhou-nos a fazer o teste anônimo e gratuito organizado pela *Médecins du Monde*,* todos os sábados de manhã, não longe da estátua de Joana d'Arc que existe no boulevard Saint-Marcel, na esquina de uma ruazinha, a rua do Jura, diante da qual meses depois eu não podia mais passar, no trajeto do ônibus 91, que tomava para ir aos jantares com David, sem sentir um arrepijo intolerável. Na manhã do sábado de janeiro em que fomos lá, Jules e eu, fizemos fila entre uma grande quantidade de africanos e africanas, numa população muito misturada, de todas as idades, de prostitutas, homossexuais e pessoas atípicas. A fila de espera estendia-se ao longo da calçada até o boulevard Saint-Marcel, porque englobava os que vinham buscar os resultados da semana anterior. Entre eles encontramos um jovem que vimos sair, depois de nossos exames de sangue que, para meu grande espanto, tinham sido feitos sem luvas nem precaução especial, totalmente desamparado, como se a terra tivesse literalmente se aberto sob os seus pés nessa calçada do boulevard Saint-Marcel e o mundo se tivesse balançado um instante em volta dele, sem saber mais nem aonde ir nem o que fazer de sua existência, vestido pelo notícia inscrita no seu rosto de repente levantado para o céu, onde não aparecia nenhuma resposta. Para Jules e para mim era uma visão apavorante, que já nos projetava para a semana seguinte e nos aliviava ao mesmo tempo no que ela tinha de mais insuportável, como se o vivêssemos no mesmo momento, de modo precipitado, por

* *Médecins du Monde* (médicos do mundo) é uma associação sem fins lucrativos que envia médicos para trabalhar gratuitamente em vários países do mundo. (N. da T.)

procuração, um exorcismo a baixo custo do qual esse pobre-diabo era a vítima. Previendo que nossos resultados seriam ruins e desejando acelerar o processo por causa da aproximação de minha volta a Roma, o doutor Chandi tinha nos enviado ao instituto Alfred-Fournier para fazer exames de sangue complementares ao teste, específicos para o avanço do vírus HIV no corpo. Naquele instituto, que ficara famoso na época da sífilis, usavam-se luvas de borracha para tirar o sangue e pedia-se que a gente mesmo jogasse num saco de lixo o algodão sujo de sangue que tinha segurado na dobra do braço. Jules, que havia decidido fazer no mesmo momento os mesmos exames que eu, fora obrigado a adiar este último, enraivecido, por não ter seguido a recomendação de estar em jejum. Esperou que eu acabasse a minha parte. A enfermeira perguntou-me, depois de ter olhado minuciosamente a minha receita: "Há quanto tempo você sabe que é soropositivo?" Estava tão surpreso que fui incapaz de responder-lhe. Os resultados dos exames deviam nos chegar dentro de dez dias, antes do resultado do teste, nesse intervalo preciso de incerteza ou de incerteza fingida, e não podendo recebê-los em minha casa, de onde a correspondência era sistematicamente expedida para Roma, eu tinha dado o endereço de Jules como sendo o meu, e ele segurou os meus exames, que tinha dissecado e interpretado, até a manhã da leitura do teste. Foi no táxi que apanhei para pegá-lo em casa, que nos conduzia à rua do Jura no escritório da *Médecins du Monde*, que me avisou que nossos exames estavam ruins, que já se percebia ali o sinal fatal sem conhecer o resultado do teste. Naquele momento compreendi que a infelicidade tinha caído sobre nós, que inaugurávamos uma era ativa de infelicidade, da qual não estávamos perto de sair. Eu era como aquele pobre-diabo escaldado por seu resultado, aparentemente de pé, mas derrubado naquele pedaço de calçada que não acabava mais de se abrir em volta dele. Sentí uma imensa piedade de nós. O que me fazia mais medo era saber que, apesar de tudo que dizia para me preparar para a condenação, Jules ainda tinha uma esperança que os nossos testes, ou talvez o dele, se revelassem negativos. Cada um de nós tinha no bolso um cartão com um número, ao qual tínhamos recusado emprestar, durante toda a semana, qualquer superstição boa ou má. Um médico devia abrir o envelope que tinha aquele número, e no qual o veredicto estava inscrito, tinha o encargo de retransmiti-lo usando certas receitas psicológicas. Uma pesquisa publicada por um cotidia-

no informou que dez por cento das pessoas que faziam o teste naquele centro eram soropositivas, mas esse número não era significativo para o conjunto da população, visto que aquele centro visava precisamente as faixas ditas de risco. O médico que me anunciou o resultado me era antipático e evidentemente recebi a notícia com frieza, para acabar o mais depressa possível com esse homem que fazia seu trabalho mecanicamente, trinta segundos e um sorriso e um folheto para os soronegativos, de cinco a 15 minutos de entrevista 'personalizada' para os soropositivos, intertrava-se da minha solidão, me enchia de material de propaganda da nova associação do doutor Nacier e me aconselhava, para mitigar o choque, a voltar uma semana depois, o tempo de fazer um contraste que talvez, havia uma chance em cem segundos ele, contradissem o primeiro. Mas o que se passou na cabine em que Jules tinha entrado, eu o ignoro, e de fato não quis saber, mas sai da minha e vi que a presença de Jules naquela cabine, onde eu olhava a porta que se abriu e fechou várias vezes para passagens precipitadas, causava uma grande confusão no centro, que a recepcionista pedia um segundo médico, depois chamou uma assistente social. Acho que Jules, aparentemente tão forte, desmaiou ao ouvir de um estranho aquilo que ele já sabia, que essa certeza tornada oficial, mesmo continuando anônima, mostrava-se então intolerável. Era isso que nos estendia os seus braços, era sentir o amigo, o irmão, tão indefeso diante do que lhe acontecia, era fisicamente insuportável. Acompanhiei Jules até a loja de disfarces Ruggieri, no boulevard Montparnasse, onde tinha que comprar enfeites e bombinhas para as crianças por causa do Carnaval.

50 NO ESPAÇO DE UMA SEMANA, as coisas tinham tido tempo de mudar profundamente, porque ao sair pela primeira vez do centro da rua do Jura onde acabávamos, Jules e eu, de fazer o teste, fui constrangido à honestidade de um pensamento incon-fessável: que auferia uma espécie de prazer com o sofrimento e com a dureza da nossa experiência, mas não podia partilhar isso com Jules, teria sido obsceno querer torturá-lo nessa simplicidade. Desde os meus 12 anos, e desde que ela é um terror, a morte é uma obsessão.

Ignorava a sua existência até que um colega de turma, o pequeno Bonnetière, me levou ao cinema Styx, onde a gente se sentava na época em caixões, para ver *Obsessão macabra*, um filme de Roger Corman baseado num conto de Edgar Allan Poe. A descoberta da morte por intermédio daquela visão horrível de um homem que urra de impotência no interior de seu caixão tornou-se uma fonte captilosa de pesadelos. A partir daí, não parei de procurar os atributos mais espetaculares da morte, suplicando a meu pai que me emprestasse o crânio que o tinha acompanhado nos seus estudos de medicina, me hipnotizando com filmes de terror e começando a escrever, sob o pseudônimo de Hector Lenoir, um conto que descrevia os tormentos de um fantasma acorrentado nos porões do castelo dos Hohenzollern, me entupindo de leituras macabras até as histórias selecionadas por Hitchcock, errando pelos cemitérios e estreando a minha primeira máquina fotográfica com fotografias de túmulos de crianças, me deslocando até Palermo apenas para contemplar as múmias dos capuchinhos, colecionando aves de rapina empalhadas como Anthony Perkins em *Psychose*, a morte me parecia horrivelmente bela, feérica-mente atroz, e depois tomei horror disso tudo, guardei o crânio do estudante de medicina, fugi dos cemitérios como da peste, tinha passado para um outro estágio do amor pela morte, como que impregnado por ela, no meu íntimo, não tinha mais necessidade do seu cenário, mas de uma intimidade maior com ela, continuava incansavelmente a buscar seu sentimento, o mais precioso e o mais detestável entre todos, seu medo e sua cobiça.

51 NA SEMANA SEGUINTE à confirmação de minha soropositividade e à leitura pelo doutor Chandi de exames de sangue que não eram verdadeiramente alarmantes, mas revelavam uma deterioração pelo vírus HIV das minhas quotas globulares e mais especificamente linfocitárias, fiz tudo o mais depressa possível e da maneira mais ordenada: acabei a revisão de um manuscrito que estava em preparação há meses e levei-o para o editor depois de ter pedido a David que o relese, telefonei para um certo número de conhecidos mais ou menos perdidos de vista que de repente tinha vontade de rever, depusitei os cinco cadernos do diário que mantenho desde 1978

no cofe-forte de Jules, dei de presente uma luminária e um manuscrito diretamente às pessoas a quem tinha pensado legá-los por testamento, liquidei no banco no dia 27 de janeiro um plano de poupança que se tornava absurdo e me informei sobre a possibilidade de uma conta conjunta com Jules ou com Berthe, consultei no dia 28 de janeiro o conselheiro jurídico de minha editora a respeito dos direitos de herança e do exercício do direito moral que pretendia confiar a David, encontrei a 29 de janeiro um arrecadador de impostos para esclarecer minha situação fiscal, jantei de novo, pela primeira vez depois de muito tempo, no dia 31, com Stéphane, tomado um especialista no assunto, que me forneceu notícias alarmantes e patéticas sobre os doentes de Aids, e reví no dia seguinte, também pela primeira vez depois de muito tempo, o doutor Naclier, o outro especialista em Aids antagonista de Stéphane, aproveitei um almoço durante o qual me exercitei em falar fechando a boca por medo de que ele detectasse aquela leucoplasia, na verdade invisível pois situada sob a língua, tendo talvez assim o desejo inconsciente de deixá-lo com a pulga atrás da orelha, para lhe extrair com conta-gotas as informações mais ignóbeis sobre as condições de morte dos doentes de Aids. Nesse meio tempo, havia consultado de novo o doutor Chandi, a quem tinha confiado a minha vontade expressa de morrer "longe do olhar dos meus pais", e diante do qual, ao evocar o coma no qual tinha caído Fichart, amigo de Bill, retomei as palavras do único testamento autográfico de Muzil: "a morte, não a invalidez". Nada de coma prolongado, nada de demência, nada de cegueira, a supressão pura e simples no momento adequado. Mas o doutor Chandi se recusava a levar em conta o que quer que fosse de definitivo, limitando-se a indicar que a relação com a doença não cessava de se transformar, para cada indivíduo, no curso da própria doença e que não se podia antecipar as mutações vitais da nossa vontade.

52 JULES, por sua vez, viveu da pior maneira possível a transição entre o impreciso e lento estado de semi-inconsciência e o período de plena consciência que lhe sucedia brutalmente. Revoltava-se não contra o destino, mas contra o agente que, assim acreditava, o tinha obrigado a se projetar naquela inútil

lucidez, ou seja, o doutor Chandi, a quem não queria ver mais para submeter-lhe os seus exames, e a quem nunca deixava, enquanto eu só tinha louvores a seu respeito, ridicularizando-os, de xingar de todos os nomes. Quando eu saía melhorado de uma visita ao doutor Chandi, Jules tinha um prazer evidente em me dizer: "É claro, depois de ter feito você mergulhar na angústia, não podia fazer outra coisa senão tranquilizá-lo." Quando o doutor Chandi, ao contrário, me assustava a propósito de tal ou qual sintoma que eu ligava imediatamente ao vírus mortal, Jules resmungava: "De qualquer maneira, essa bicha bigoduda é completamente tantã!" O doutor Chandi tinha sentido aquele desprezo venenoso, quando insisti que voltasse a ver Jules, ele me disse: "Sabe, há muitos outros médicos especialistas nessa doença, eu não sou o único na praça de Paris." Disse ao doutor Chandi que era preciso ultrapassar o lado ácido de Jules para encontrar o rapaz encantador que ele era, a palavra ácido, que eu preferira a espinhoso, fez o doutor Chandi sorrir. Fui ajudado por uma circunstância nas minhas tentativas de reaproximação entre Jules e Chandi. Falava várias vezes por dia com Jules pelo telefone, numa noite de angústia havia hesitado em lhe telefonar para não estragar o seu ânimo, mas ele me ligou para dizer que estava obcecado pela notícia, ao desligar tinha vontade de chorar, as lágrimas não saíam, engoli meu sonífero. Jules tinha tomado uma decisão categórica quanto a suas atividades profissionais para preservar o tempo que podia dedicar a seus filhos e reia pela décima vez cada um dos parágrafos da apólice de seguro de vida que havia feito exatamente seis anos antes, o tempo de incubação do vírus. No dia seguinte ao dessa noite de desânimo, em que as lágrimas tinham me recusado o seu aconcheço, Jules me disse ao telefone que tinha pensado bem e que induzir Berthe a fazer o teste seria um suicídio, que era preciso por todos os meios que ele e eu a impedíssemos de fazer aquele teste; evocando o destino de repente terrivelmente amalgamado de seus dois filhos, de Berthe, dele e meu, apelidou-nos de Clube dos 5. Dois dias depois, tinha passado para jantar na casa deles, indispоста, Berthe estava na cama com um livro e um pouco de febre, subi para vê-la, ela me sorriu com docilidade: cada qual sabia que o outro sabia, mas não falávamos. Há muito Berthe era a pessoa que eu mais admirava no mundo. No domingo de manhã sua febre tinha subido, e era impossível conseguir um médico, Jules apelou para mim em pânico, procurei no catálogo o número do telefone pessoal do

doutor Chandí fazendo uma dedução para a escolha do bairro a partir de um elemento de nossas conversas particulares. Eu, que tinha me sentido tão arrasado e tão indefeso naqueles últimos dias, o mal do outro levantava o meu ânimo, era clássico: recuperei uma força capaz de prestar socorro. Na mesma hora o doutor Chandí se dirigiu ao domicílio da família, o que eliminou o rancor que Jules lhe tinha. De fato, Berthe, que as circunstâncias levavam à beira do horror, estava apenas com uma simples gripe. Tinha se tornado árduo para Jules e para mim tomar a fazer sexo juntos, é claro que não havia mais nada a artiscar a não ser uma recontaminação recíproca, mas o vírus se colava entre os nossos dois corpos como um espectro que os repelia. Sempre achara esplêndido e forte o corpo de Jules nos momentos em que se despia, mas notava agora a contragosto que ele tinha se desnudado e que não estava longe de me inspirar pena. Por outro lado, o vírus, que tinha tomado uma consistência quase corporal ao se tornar uma coisa confirmada e não apenas temida, fizera crescer em Berthe, contra a sua vontade, um processo de nojo em relação ao corpo de Jules. E nós sabíamos, tanto um quanto o outro, que Jules, por sua constituição psíquica, não poderia viver nem sobreviver sem atrações dirigidas ao seu corpo. Um desinteresse erótico provocado pelo vírus como um de seus efeitos secundários seria para ele, num primeiro momento pelo menos, mais fatal que o próprio vírus, ele o descartaria moralmente de modo mais grave do que fisicamente. De aparência tão sólida sob todos os pontos de vista, Jules no cinema cobria os olhos como uma criança muito sensível ou como uma mulher à aproximação de crueldades. Naquele dia ele deveria passar no oftalmologista, perto da minha casa, estava um pouco adiantado, eu tinha decidido mudar nossa mecânica de relação sexual colando-me em suas costas e levantando o seu suéter à procura dos mamilos, para machucá-los, para lhe causar dor, a maior dor possível, esmagá-los até sangrarem entre as minhas unhas, até que ele se virasse de frente para mim e se agachasse a meus pés gemendo. Mas já estava na hora da sua consulta. Quando voltou do oftalmologista, Jules anunciou que não tinha conjuntivite, mas um vên branco sobre a córnea, e que isso devia ser uma manifestação da Aids, ele tinha medo de perder a vista, e eu, diante do seu pânico, sem opor-lhe nenhum freio, estava prestes a me dissolver ali mesmo. Voltei a atacar-lhe os mamilos, e ele rapidamente, mecanicamente, se ajoelhou diante de mim, as mãos imagi-

nariamente amarradas nas costas, e começou a esfregar os lábios na minha bragilha, me suplicando por seus gemidos e grunhidos que lhe desse de novo a minha carne, para compensar a mortificação que lhe impunha. Escrever isso hoje tão longe dele torna ereto o meu sexo, desativado e inerte há semanas. Aquele arremedo de relação sexual me parecia na hora de uma tristeza intolerável, tinha a impressão de que Jules e eu nos achávamos perdidos entre as nossas vidas e a nossa morte, e que o ponto que nos situava juntos nesse intervalo, de ordinário e por necessidade bastante impreciso, tinha se tornado átrozmente nítido, que acertávamos os ponteiros, por esse acoplamento físico, sobre o quadro macabro de dois esqueletos sodomitas. Planado no fundo do meu cu na carne que rodeava o osso da bacia, Jules me fez gozar me olhando nos olhos. Era um olhar insustentável, muito sublime, muito dilacerante, ao mesmo tempo eterno e ameaçado pela eternidade. Bloqueei meu soluço na garganta, fazendo-o passar por um suspiro de distensão.

53 O DOUTOR CHANDÍ, para preparar a data que havia programado para o teste e a análise detalhada do sangue, tinha posto como principal a descoberta de uma molécula que reftreava a dizimação progressiva pelo vírus HIV dos linfócitos, que garantiam as defesas imunológicas. Uma vez que a verdade foi bem esclarecida e que se reduziram na medida do possível as áreas de atribuição, o doutor Chandí me propôs entrar num grupo de experimentação dessa molécula, batizada de Defenhíol, que havia sido testada deficientemente nos Estados Unidos e cujas bases estatísticas tinham sido incorretamente colocadas na França, retardando de saída de seis meses a um ano o momento em que se poderia jurar sobre a sua eficácia ou sua inutilidade. O doutor Chandí, fazendo como se fosse detalhar a minha ficha de paciente, me disse: "Uma zoster, agora esse cogumelo e sua taxa de T4 lhe dariam o direito de entrar nesse grupo de pesquisa." Foi nesse momento que o doutor Chandí me explicou o princípio do duplo cego, que eu não conhecia e que evidentemente me cativou: para levar a bom termo uma experiência desse gênero, era preciso administrar de um lado o verdadeiro remédio, de outro, um placebo, o duplo cego, numa proporção igual nos doentes de um

mesmo perfil, de modo que uns e outros, sem saber a que grupo pertencem, admitem a lei do sorteio ao acaso, até que se retire, depois de eventuais danos num dos campos, a venda do duplamente cego. Na hora, o sistema me pareceu abominável, uma verdadeira tortura, tanto para uns como para os outros. Hoje, quando a iminência da morte se aproximou tanto de mim, mesmo se continuo um suicida em potencial, aliás talvez por isso mesmo, creio que saltaria de pés juntos na lagoa do duplo cego, e que me debateria no seu precipício. Perguntei ao doutor Chandri: "Afinal, o senhor me aconselha a entrar nesse grupo de pesquisa?" Ele respondeu: "Não lhe aconselho nada, mas posso lhe dar a segurança de que tenho a quase certeza pessoal, e isso sou eu que digo, que os efeitos desse remédio são em todo caso inofensivos." Recusei-me a tomá-lo, ele ou seu duplo vazio. Teríamos ficado nisso no assunto do Defenthioi se, meses mais tarde, durante um almoço, o doutor Chandri não tivesse me confessado que já tinha a certeza, na época em que o havia proposto a mim, de que aquele remédio era tão nulo quanto o seu duplo. Mas os laboratórios que o produziam, em disputa com os outros e por não terem conseguido alguma coisa eficaz, retardavam o veredicto da experiência e subornavam os cientistas para fazerem comunicações favoráveis que impediam que se retirasse o produto do mercado. De minha parte, quando hesitava em tomar ou não esse remédio ou seu substituto vazio, diante de Stéphanne que consultei como quem não quer nada a propósito disso, fingindo confundir por indiferença o Defenthioi com o AZT, eu me ouvi dizendo que o princípio do duplo cego fazia aqueles que se submetiam a ele perderem a cabeça: raramente agüentavam mais do que uma semana e, no limite de suas forças, corriam para um laboratório para mandar analisar o remédio que lhes havia sido fornecido, tendo necessidade de saber a qualquer custo se era verdadeiro ou falso.

54 COMEÇAVA-SE a ler nos jornais casos de indivíduos que, por intermédio dos tribunais, tentavam extorquir dinheiro de prostitutas ou de parceiros eventuais que os teriam contaminado com pleno conhecimento de causa. As autoridades bávaras recomendavam tatuar uma sigla azul nas nádegas das pessoas infec-

tadas. Trazia que a mãe do Poeta exigisse de seu filho, pressupondo que tinhamos tido relações físicas, que ele se submetesse ao teste da Aids muito antes que eu fizesse o meu. Sempre tinha tomado precauções com o Poeta, mesmo quando me pedi para tratá-lo como uma cadela e o entreguei a Jules, me servindo de Jules como de um pênis artificial que eu não desejava ser. Tinha sentido logo antes do orgasmo um suor muito estranho subir de nossos três corpos imbricados, era o mais voluptuoso dos odores, o mais vertiginoso também: perguntei a mim mesmo se não teríamos nos tornado, Jules e eu, um casal de assassinos selvagens, sem fé nem lei. Mas não, tinha tido o cuidado de colocar uma nova camisinha em Jules antes de cada penetração no rapaz que ele deflorava, e eu me segurava para não gozar na boca do Poeta, porque chupar um pau era aparentemente o que mais excitava esse pequeno hétero que choramingava que as mulheres não chupavam, por substituição ou por projeção inversa, ele queria ser tomado como uma depravada. O que me inquietava naquela exigência de sua mãe é que eu sabia, pelos relatos dele, que o Poeta se recheava com o primeiro que aparecesse, tomava no cu de velhos sujeitos imundos, quando pegava carona na estrada entre Marselha e Avignon. Trazia uma grande injustiça porque aos olhos de sua mãe eu era o único amante identificável, portanto o suposto assassino. O Poeta acabou me escrevendo: "Segundo os exames, não tenho Aids." Mas dizia isso como um lamento, aquele jovem que só pensava no suicídio ou na glória.

55 NA HORA em que escrevo estas linhas, ainda pensionista dessa academia, dessa cidadela da infelicidade, onde as crianças não param de nascer anormais e as bibliotecárias neurastênicas de se enforcar na escada dos fundos, onde os pintores são antigos loucos reciclados que ensinavam aos loucos nos asilos a pintar, e onde os escritores, subitamente, desprovidos de qualquer personalidade, se põem a parodiar os mais antigos, escreve Thomas Bernhard por pura diversão, para aliviar um pouco o discurso de sua progressão tão inelutável quanto a progressão destrutiva do vírus HIV no sangue e nas células, uma mulher de pensionista que o marido abandonou com os dois filhos perdeu a cabeça, nos confiando de ini-

cio hipocritamente o cuidado do seu bebê, a nós, co-pensionistas de seu marido os quais ela se recusava a cumprimentar, depois indo sempre mais longe, perseguindo-nos com incessantes telefonemas e toques de campainhas nas horas mais impróprias, até a urrar de terror uma noite inteira pela aproximação dos monstros que somos, que sequestramos seu marido a fim de fazer violências contra seus filhos, demência conseguiu enfim chamar a atenção sobre si, ela que sempre havia sido considerada uma resmungona que só servia para parir e amamentar, olha como justamente se revela incapaz de dar corretamente a mamadeira e lambuza de leite o rosto do seu recém-nascido, que também se apavora gritando assim que ela se aproxima, mas nos sorri a nós violadores de bebês, e tem-se medo de vê-lo voar pela janela, eu que não me aventure nunca naquela parte dos jardins, cheguei essa manhã até debaixo de suas janelas, meus passos como que contra a minha vontade me levaram sob a maior concentração presente da infelicidade, e olhei disfarçadamente a varanda aberta ao sol com o edredom que estava arejando, temendo ver passar o rosto da louca e receber o bebê na cabeça e esperando isso ao mesmo tempo, pois imaginando-o para tragar como todo mundo o sofrimento da mãe que se revelou como pintora e rabisca agora suas paredes com batom com o nome de um de nossos co-pensionistas, pelo qual ela desenvolveu uma fixação porque era o único amigo do seu marido, nós os pensionistas que não nos dirigimos a palavra nunca e que nos evitamos mesmo quando nos cruzamos nas aleias, eis que nos encontramos ligados pela infelicidade daquela mulher, com a preocupação hipócrita de proteger mas na realidade com a forte vontade coiletiva de levar aquela mulher ao fim de sua infelicidade, e que nossa academia obsoleta encontra enfim uma razão de ser, um motivo de vida e de circulação, uma vocação na infelicidade daquela mulher, eis que nossa academia morredoura tornou-se uma fábrica ruidosa de infelicidade.

56 TINHA VOLTADO PARA ROMA deixando em Paris o segredo da minha doença. Tive no entanto que fazer uma exceção para Matou de tanto ser questionado por ele sobre a causa da minha tristeza. Não havia um dia em que não voltasse à carga: "Mas

afinal o que está acontecendo com você, Herveilino? Você ficou todo esquisito... Você mudou... Alguma coisa te preocupa? Gosto muito de você, é normal que me preocupe contigo..." De início fiz de conta que não entendia o sentido de suas perguntas, depois mandei-o passar, mas ele não desistia. Enfim, quando estávamos os dois sozinhos, contei a verdade, disse textualmente que estava preocupado com a minha saúde, e, sem exigir nenhum detalhe suplementar, ele não me fez mais perguntas. Mas a confissão tinha qualquer coisa de atroz: dizer que estava doente só fazia dar crédito à doença, de repente ela se torna real, irrevogável, e parecia tirar sua eficácia e suas forças destrutivas do crédito que se dava a ela. Além disso, era um primeiro passo na separação que devia levar ao luto. Na mesma noite, Matou batia na minha porta para me dar o objeto que eu procurava há semanas, uma luminária estelar, ele a tinha desencavado num passe de mágica, e era a sua maneira de me dizer que a luminária em forma de estrela, apesar da minha inquietação, ainda iria me dar luz por muito tempo. E fomos dançar juntos, até o extremo limite das nossas forças, para demonstrar a nós mesmos que ainda tínhamos alento e estávamos bem vivos. Mas eu estava preocupado também por causa de Matou, porque, antes de se tornar meu grande amigo, ele tinha sido meu amante, cinco anos antes, num período que devia coincidir com o tempo retroativo da contaminação, segui-lo ou precedê-lo de pouco. Sua namorada não parava de tossir, estava sempre doente e ainda por cima esperava um bebê. Com todo o cuidado, declarei a Matou que por causa dessa situação, da gestação da criança que começara há três meses, eu o aconselhava a fazer o teste, sem no entanto falar com a namorada, para não alarmá-la. Mergulhei Matou num estado de angústia abominável, que ele foi obrigado a enterrar no mais fundo de si, voltando para sua terra e se interrogando sem descanso durante as suas insônias, olhando as folhas de freixo que farfalhavam na sombra pela janela, sobre o acerto daquela decisão, torturado por sua hesitação, decidindo fazer o teste, depois desistindo dele. Na manhã da sua partida, cansado de tudo, ele foi estender o braço à agulha, do mesmo modo que somos capazes de pular de um muro muito alto para fugir de um perigo real, e apanhou em troca como que um número de loteria, que entregou a uma pessoa de sua absoluta confiança. Matou havia voltado a Roma, andávamos juntos no jardim, sua namorada mais afastada com uma outra conchecida, nesse dia ele usava o impermeável azul e seu chapéu, já fazia

dias, desde sua volta, que estava caladão, pálido e agressivo, me cochichou: "Pois é, fiz o teste..." Perguntei-lhe com avidez: "E aí?" Era um momento difícil, em que se podia pensar que o outro tinha dívidas sobre a verdadeira transparência, nesse instante, do nosso coração. Matou acabara de receber o telefonema daquele amigo que se fizera passar por ele com o seu número. "E aí, está bom...", me disse Matou sem entonação. Sorri, eu estava, não é esquisito ter que explicar?, profunda e sinceramente aliviado.

57 DESDE QUE EU estava certo da presença do vírus HIV dentro do meu corpo, que nele se escondia, num ponto não se sabia qual, ou do sistema linfocitário ou do sistema nervoso ou do cérebro, polindo suas armas, o arco esticado ao máximo nessa mecânica de relojoaria que havia fixado sua detonação para dali a seis anos, sem falar no cogumelo sob a língua que tinha se tornado esta-cionário e que tínhamos renunciado a tratar, havia contraído vários males secundários que o doutor Chandi havia tratado, com frequência pelo telefone, uns após os outros: placas de eczema nos ombros com um creme de cortizona, o Locoïd a 0,1%, diarreias com o Ercelfulril 200 à base de uma cápsula de quatro em quatro horas durante três dias, um terçol duvidoso com o colírio Dacrine e um creme de Aureomicina. O doutor Chandi tinha me dito inicialmente: "Até hoje não existe um verdadeiro tratamento contra a Aids, tratam-se sucessivamente os sintomas à medida que aparecem, e na fase terminal temos agora o AZT, mas uma vez que se começa a tomá-lo não se deve mais parar." Não dizia até a morte, dizia até a intolerância. De volta a Roma, percebi um gânglio um pouco dolorido que inchava à esquerda do pomo-de-adoão, acompanhado de um pequeno acesso de febre. Alertado por aquele sinal, que todos os jornais há anos nos repetiam ser decisivo no desencadear da Aids, telefonei para o doutor Chandi em Paris e ele me recebeu um antinflamatório, o Nifluril, esquecendo de me fornecer ao mesmo tempo a composição do produto que me poderia permitir encontrar um remédio similar fabricado na Itália. Em vez disso, corri depressa, sem cessar de apalpar o meu gânglio, para a farmácia da praça de Espanha, que me enviou à farmácia internacional da praça Barberini, que me mandou à far-

mácia do Vaticano, forçando-me a descobrir aquele mundo inacreditável onde, para a obtenção de um remédio, é preciso, depois de sofrer o interrogatório de um suíço, fazer fila diante de um guichê, apresentar um documento de identidade, esperar que o passe com suas cópias e seus carbonos sejam copiosamente carimbados, estendê-lo a um vigilante antes de poder penetrar na cidade santa, que parece os acessos de um hipermercado na periferia de uma cidade do interior, com consumidores que empurram carrinhos transbordando de faldas descartáveis e de caixas de água mineral benta, porque tudo é mais barato na cidade santa, que é uma cidade completa no interior da cidade e que lhe faz concorrência, com sua agência de correios, seu tribunal e sua prisão, seu cinema, suas igrejas de bolso onde se vai rezar entre duas compras, e, depois de ter me perdido, entrei afinal na farmácia, branca e futurista, desenhada pelo cenógrafo de Kubrick em *Laranja mecânica*, com seu balcão onde, de um lado, as irmãs com hábitos cinza apenas recobertos por um jaleco branco vendem cosméticos e Opium de Yves Saint Laurent em sistema de *duty free*, enquanto, de outro lado, padres de gola cinza visível sob o jaleco vendem pacotes de aspirina e preservativos, me fazendo dizer no fim das contas que já não fazia questão de desencavar o Nifluril em nenhuma farmácia desta cidade, nem mesmo naquela do Vaticano. Jules veio passar uma semana em Roma e sua presença só fez aumentar o meu pânico. Duas Aids eram demais para um homem só, pois tinha de agora em diante a sensação de que formávamos um único e mesmo ser, sem espelho no meio, e que era a minha voz também que eu recobrava quando lhe falava ao telefone e que era o meu próprio corpo que reconquistava cada vez que tomava o dele nos meus braços, esses dois focos de infecção latente tinham se tornado intoleráveis dentro de um só corpo. Se apenas um de nós estivesse doente, isso teria sem dúvida criado um equilíbrio de proteção que eliminaria metade do mal. Juntos, nos estragávamos nessa dupla doença, nos afundávamos inelutavelmente, e nenhum chegava a conter o outro em relação a essa atração comum para o fundo, o mais fundo dos fundos. Jules se debatia como um infeliz, recusava-se a ser meu enfermeiro, já estava de saco cheio, me mandava passar, e eu o xingava, dizia que não estava chatado que ele me desse razões para odiá-lo. Acabava de me contar que um mês antes todo o seu corpo, da garganta até a virilha, passando pelas axilas, tinha inchado com o crescimento dos gânglios, que ainda tardaram uma

semana antes de sumirem sozinho, mas ele, como sempre, tinha tido a força moral de segurar isso com ele e sozinho, de dissolver em si mesmo a sua inquietude em vez de propagá-la para os outros, como eu costumava fazer: não há ninguém como eu para jogar a minha aflição na cara dos amigos. David diz que isso é nojento. Um fim de semana com Jules em Assis e Arezzo, que são duas cidades mortas, acabou conosco, choveu sem parar, eu batia os dentes, dormitava num quarto de hotel mal aquecido cuja varanda dava para uma vista absurdamente suntuosa, e ao longo dos dias e das insônias eu esmagava o meu gânglio entre o polegar e o indicador, Jules fugia, ia andar de baixo da chuva, preferia essa garoinha suja e gelada a mim. De volta para Roma, apressamos a sua partida, não agüentávamos mais um ao outro, Jules me deixou, enquanto eu me retorcia de angústia e em prantos na cama, suplicando-lhe que me levasse para o hospital. Assim que ele desapareceu, me senti melhor, eu era o meu melhor enfermeiro, ninguém melhor do que eu para estar à altura do meu sofrimento. O gânglio desinchou sozinho, como Muzil para Stéphane, Jules era a minha doença, personificava-a, e, sem dúvida, eu era a sua. Repousava sozinho e em paz, a maior parte do tempo, esperando que um anjo me salvasse.

58 Jules me fez reparar que puseram um carpete novo no instituto Alfred-Fournier, um pouco decadente desde a sífilis e, de uma hora para outra, próspero como uma fábrica de camisinhas, lubrificado pelo sangue dos soropositivos que devem fazer um controle a cada três meses, a avaliação sanguínea específica do vírus HIV custa 512,50 francos, e já se pode pagar com cartão de crédito. As enfermeiras são muito chiques, com meias ligeiramente coloridas e sapatos baixos, saias feitas sob medida e colares sóbrios que descem abaixo do jaleco, dir-se-ia que são professoras de piano ou bancárias. Enfiam suas luvas de borracha como luvas de veludo para uma noite de gala no Ópera. Topei com uma enfermeira de uma delicadeza maravilhosa, discretamente atenta ao quociente de palidez repentinamente aparecido no rosto. Ela vê correr ao longo do dia aquele sangue envenenado e, apesar de suas luvas translúcidas, passa

justo ao lado da fonte do envenenamento, tira suas luvas com um estalo para apoiar os dedos nus com o esparadrapo sobre a picada e fala de coisas inteiramente diferentes, diz: "Seu perfume é Habit Rouge? Reconheci na hora. É claro que não é grande coisa, mas eu gosto muito desse perfume, e senti-lo nesta manhã cinzenta é para mim uma pequena bênção."

59 NO DIA 18 DE MARÇO DE 1988, de volta a Paris, jantei na casa de Robin em companhia de Gustave, na véspera da partida deles para a Tailândia. Também estão presentes, lembro-me precisamente e até de sua disposição em volta da mesa: Paul, Diego e Jean-Jacques, assim como Bill, chegado naquela manhã dos Estados Unidos. Éramos portanto naquela noite seis homens testemunhas do seu discurso. Bill está num estado de excitação indescritível, que vai açambarcar o nosso jantar e monopolizar todas as conversas: anuncia-nos de repente que acabam de preparar na América uma vacina eficaz contra a Aids, não realmente uma vacina, para ser exato, pois em princípio uma vacina é preventiva, digamos uma vacina curativa, obtida a partir do vírus HIV e administrada nos soropositivos não-sintomáticos, chamados inicialmente de 'portadores', até que se colocasse em questão o lado são de um homem contaminado pela Aids, de modo a bloquear sua virulência, a impedir o vírus de pôr em marcha o seu processo de destruição, mas é um segredo absoluto, Bill conta com a inteira discrição de todos nós para não dar falsas esperanças aos pobres doentes que, ainda por cima, por sua precipitação, poderiam atrapalhar a experiência que deveria se realizar logo na França, estamos todos aqui presentes, é claro que conhecemos doentes de Aids, mas é óbvio que nenhum doente se esconde entre nós. Sou um dos primeiros naquela assistência, mas como saber se sou realmente o primeiro, pois todo mundo mente sempre a respeito da doença, a ficar, no meu íntimo, perturbado pelo relato de Bill, que está contradizendo, se não questionando, a minha conformação com uma morte muito próxima. Tenho medo de estar pálido, ou de repente vermelho demais, tenho medo de me trair, e para me livrar de uma vez daquele medo, dirijo-me a Bill com ironia: "Então você vai poder

nos salvar, a todos que estamos aqui?" "Não diga besteiras", retruca Bill, atropalhado no desenrolar do seu relato, "Você não é soropositivo." Depois, virando-se para a assistência: "Mas vamos poder salvar gente como Eric, e também teu irmão", diz, diante de cinco outras pessoas, para Robin. Eu ignorava completamente que Eric, morto no verão passado, e o jovem irmão homossexual de Robin, que tinha partido hoje para uma volta ao mundo em veleiro, fossem como eu soropositivos. Bill prosseguia: acabam de ser obtidos, nos Estados Unidos, os primeiros resultados, depois de três meses de observação, de uma primeira leva de experiência realizada em soropositivos assintomáticos, nos quais foi administrada a vacina no dia 1º de dezembro passado. Toda a presença do vírus no interior de seus corpos, e em cada um dos seus veículos transmissores, o sangue, o esperma, as lágrimas e o suor, parecia totalmente eliminada pela vacina. Esses resultados são tão fabulosos que se vai lançar, a partir de 1º de abril, uma segunda faixa de experiência, na verdade a terceira, porque uma primeira amostra anterior tinha reunido pessoas num estágio muito avançado da doença, que hoje estão todos mortos ou moribundos, dessa vez com sessenta soropositivos assintomáticos, reagrupados sob a denominação 2B, nos quais se vai injetar numa metade deles a vacina, na outra, o seu duplo cego. Esperam-se resultados quase definitivos para daqui a seis meses, isto é, na volta às aulas, em seguida ao que, se forem tão favoráveis como deixam pressagiar os da amostra 2A, terá início na França uma experiência desse gênero, passível, repete Bill, de atingir gente como Eric ou como o teu irmão, Robin. Bill achava-se estreitamente associado à preparação daquela vacina e à sua eventual comercialização, na qualidade de diretor do grande laboratório francês produtor de vacinas e amigo íntimo de longa data do inventor dessa nova vacina, Melvil Mockney. A descoberta de Mockney consistia em fabricar a vacina a partir do núcleo do vírus HIV, enquanto que seus confrades, depois que se havia conhecido o esquema do vírus, tinham se exercitado em utilizar seu envoltório, acumulando fracassos que se tornavam cada dia mais evidentes e que viriam à tona, segundo Bill, durante o congresso mundial de Estocolmo, onde se reuniriam de 11 a 18 de junho próximos os pesquisadores do mundo inteiro. Bill estava excitadíssimo com a vacina, por isso consultava aqueles que eram seus amigos mais próximos, porque ela ameaçava transformar a sua vida em tudo e por tudo. Bill

tinha acabado se chateando com a rotina estafante, que inevitavelmente acentuava sua solidão, de idas e vindas entre a França e a África, onde desenvolvia atividades médicas paragovernamentais. Tinha estado associado à política médica dominante, que estava a ponto de cair na França às vésperas de novas eleições presidenciais, tinha pensado em se lançar por conta própria na política, mas esbarrava sempre na idéia de que os homens políticos são incompetentes e estúpidos. Não há mais nada de verdadeiramente interessante para empreender hoje em dia a não ser a luta contra a Aids, por causa do desenvolvimento catastrófico da epidemia. Mas era preciso andar depressa. Era provável que ele tivesse que ir se instalar nos Estados Unidos, em Miami, onde se produziria a vacina aos hectolitros em cubas imensas, vigiando para que o vírus corretamente desativado, criogenizado, depois descongelado e neutralizado por raios *laser*, não pudesse contaminar os laboratoristas. Bill podia, como amigo há vinte anos de Melvil Mockney e diretor desse grande laboratório produtor de vacinas, estar envolvido na descoberta que ia salvar a humanidade do seu maior perigo contemporâneo. A vacina também era para ele, não se escondia isso, se bem que nunca subesse o que fazer do diabinheiro, o meio de ganhar realmente uma fortuna. Bill me levou em casa no seu Jaguar, eu não disse uma palavra em todo o trajeto, devia estar na noite seguinte a sós com ele, antes que partíssemos cada qual para o seu lado, ele para Miami, eu para Roma. Não dormi a noite inteira, meu estado de efervescência não deixava nenhum lugar para o repouso. Abstive-me de dizer a Jules o que acabara de saber, e ia me abster também de colocar Bill a par da minha doença. Recontei os dias da minha agenda; entre o 23 de janeiro, quando na rua do Jura recebi a notícia irrevogável da minha doença, e aquele 18 de março, quando uma segunda notícia podia se revelar decisiva na contradição daquilo que a primeira havia homologado em mim de irreversível, 56 dias haviam se passado. Tinha vivido 56 dias me habitando, ora com alegria, ora com desespero, ora no esquecimento, ora numa obsessão feróz, à certeza da minha condenação. Entrava numa nova fase, de suspensão, de esperança e de incerteza, que era talvez mais atroz de viver que a precedente.

60 NAQUELA NOITE confirmava para mim mesmo que eu era um fenômeno do destino: por que era eu que tinha pegado Aids e por que era Bill, meu amigo Bill, que ia ser um dos primeiros no mundo a ter a chave capaz de dissipar meu pesadelo ou minha alegria de ter enfim chegado ao objetivo? Por que será que esse sujeito tinha vindo sentar na minha frente na drogaria Saint-Germain, onde eu estava jantando sozinho naquela noite do outono de 1973, há mais de 15 anos, quando eu estava com 18? E ele, que idade podia ter naquela época? Trinta, 35, a idade que tenho hoje? Estava terrivelmente sozinho e ele devia estar outro tanto, se não mais: sem dúvida tão sozinho, e desprevenido diante de um rapaz, quanto o sou hoje em dia. Tinha me proposto, de cara, acompanhá-lo até a África no avião de serviço que pilotava. Foi ele que pronunciou, naquela noite, as palavras que vieram afinal a ser postas na boca de um ator que fazia o seu papel num filme cujo roteiro escrevi: "Sabe, não é nem um pouco complicado ir à África, basta tomar as vacinas, tifo, febre amarela, e começar a partir de amanhã a tomar Nivaquine para se prevenir contra o impaludismo, um comprimido pela manhã e à noite, 15 dias antes da partida, nós vamos sair de Paris justamente daqui a 15 dias." Por que desisti no último momento de partir com aquele sujeito que não voltara a ver, mas com quem tinha ficado durante 15 dias em contato telefônico para preparar a nossa partida, que para mim estava fora de qualquer dúvida, tanto que havia tomado as vacinas e começado o Nivaquine? Por que nos perdemos de vista e nos reencontramos, cinco anos mais tarde, numa noite de julho de 1978, em Arles, onde assistíamos um e outro aos Encontros da Fotografia? Mas aquele Bill não era, mais ainda do que eu, um daqueles fenômenos surpreendentes do destino, um daqueles monstros absolutos da sorte, que eles parecem torcer e esculpir à sua vontade? Não havia entre ele e esse pesquisador que devia garantir a sua fortuna tantas relações, quase sobrenaturais, apesar da diferença de idade que devia ser a mesma, que entre ele e eu? Melvil Mockney tornou-se célebre descobrindo, em 1951, a vacina contra a poliomielite. Criança depois da guerra, Bill foi de repente atacado, assim como sua irmã, pelo vírus da poliomielite, que paralisava uns após os outros os centros responsáveis pela mobilidade, da fisionomia, crispando para sempre uma parte do rosto, até o sopro vital, destruindo o reflexo da respiração, forçando suas vítimas, em geral crianças, a serem trançadas vivas nos

famosos 'pulmões de aço' que respiravam no lugar delas, até a sufocação total. A Aids em fase terminal, pela pneumocistose ou o cogumelo de Kaposi que ataca os pulmões, também leva a uma sufocação completa. Mas Bill, já com toda uma metade do rosto paralisada, que impedia o fechamento de um olho e os reflexos motores da parte direita dos lábios, pois essa zona morta do seu rosto se encontra à esquerda do meu olhar quando janto diante dele, o Bill criança ameaçado pela progressão do vírus não teve o milagre da invenção daquele que iria se tornar seu parceiro e amigo. Desde 1948, três anos antes que Mockney chegasse a essa vacina antipólio, o pequeno Bill conseguia domar em si, apenas pela força da sua vontade ou por milagre do acaso, a potência destrutiva do vírus da poliomielite, pará-la, como uma criança que se sentasse em cima de um leão furioso, e expulsá-la para sempre fora do seu corpo sem a intervenção da vacina. Melvil Mockney, me contou Bill, não foi agraciado com o prêmio Nobel por causa de sua descoberta, recusando-se a se submeter às regras que conduzem às honrarias e detestando suas tramóias, ele tinha se retirado para um centro em Rochester para levar a termo pesquisas sobre o cérebro, logo estabelecendo que o cérebro não transmitia unicamente impulsos nervosos para todo o corpo, mas também fluidos que têm ações igualmente decisivas.

61 JANTEI então com Bill no sábado 19 de março, Jules, com quem havia falado de manhã pelo telefone, tinha me dado ordem de pô-lo a par da nossa situação, e Edwige, a quem consultara durante o nosso almoço ritual dos sábados, me aconselhou a mesma coisa com veemência, no entanto eu continuava meio hesitante nessa decisão, não que não tivesse uma confiança absoluta em Bill, mas temia ver transtornado por um novo pacto com a sorte aquele estado progressivo, mais apaziguador, em última análise, da morte inelutável. Jules, num momento em que não acreditava que estávamos infectados, tinha me dito que a Aids era uma doença maravilhosa. E é verdade que eu descobria algo de suave e de fascinante na sua atrocidade, não deixava de ser uma doença inexorável, mas não era fulminante, era uma doença de patamares, uma escada muito alta que levava certamente para a morte, mas em que cada degrau representava

uma aprendizagem sem par, era uma doença que dava tempo de morrer e que dava à morte o tempo de viver, o tempo de descobrir o tempo e de descobrir enfim a vida, era de alguma maneira uma genial invenção moderna que nos tinham transmitido aqueles macacos verdes da África. E a infelicidade, uma vez que se estava mergulhado na doença, era muito mais fácil de viver que o seu pressentimento, muito menos cruel afinal do que se poderia pensar. Se a vida era apenas o pressentimento da morte, nos torturando sem descanso quanto à incerteza de sua chegada, a Aids, ao fixar um termo determinado para a nossa vida, seis anos de soropositividade, mais dois na melhor das hipóteses com o AZT, ou alguns meses sem, fazia de nós homens plenamente conscientes de nossas vidas, livrava-nos de nossa ignorância. Se Bill, com a sua vacina, questionasse a minha condenação, ele me recolocaria no meu estado de ignorância anterior. A Aids tinha me permitido dar um salto formidável na minha vida. Bill e eu decidimos ir ao cinema ver *O império do sol*, uma porcaria palpitante que conta, através de sua típica seqüência americana de estereótipos, o *struggle for life* de uma criança projetada no mundo mais duro possível: a guerra sem a ajuda dos pais, um campo de reeducação onde reina a lei do mais forte, as bombas e as sevícias, a fome e o mercado negro, etcétera. Sentia no escuro, pelas deglutições de Bill em acordo com o patético das imagens ou o seu relaxamento, virando-me às vezes discretamente para aquele brilho muito acentuado do olho, essa mola de lágrimas contidas refletida pela tela, que ele entrava no esquema, e que se identificava, talvez não com o personagem infantil, mas com a mensagem simbólica do filme: que a desgraça é o destino comum dos homens, mas que, com vontade, a gente sempre se livra. Sabia que Bill, apesar de sua inteligência, é um extraordinário espectador ingênuo, ao qual se pode quase fazer engolir qualquer coisa, mas aquela ingenuidade no momento me repugnava, e me repugnava sobretudo ter que opor a incrível, inesperada, diria um inimigo, perspectiva de inteligência que a Aids abria na minha vida, repentinamente limitada por aquela ingenuidade de donzelinha. Tomei a decisão, ao sair do cinema, de não dizer uma palavra a Bill de nada do que estava previsto ou que se impunha por simples reflexo de sobrevivência. Já era tarde, as portas dos restaurantes se fechavam com a nossa chegada e era complicado estacionar o Jaguar nas ruazinhas estreitas daquele bairro do Marais. Aterrissamos por acaso num alucinante restaurante

judu, conduzidos marcialmente por um garçom bicha fantasiado de cossaco, espremidos entre casais que trocavam olhares ternos por cima de um prato báltico à luz de velas, impedindo-nos, é claro, de abordar o assunto. Mas Bill só tinha aquilo no pensamento e, uma vez trocadas duas ou três palavras banais sobre o filme, decidi, apesar da minha desistência, o que talvez fosse o seu abandono, interrogar Bill sobre o assunto que nos preocupava por razões diferentes e o abordei imediatamente sob forma de código, bombardeando-o de perguntas: como se fabricava o troço, e a partir de que momento os troços podiam tomar o troço, nossos vizinhos devem ter pensado que éramos magnatas da droga. Sendo levado em casa no Jaguar de Bill que rodava silenciosamente pelas ruas desertas de Paris, que quase voava acima delas com os acordes da música, perguntei a Bill se era capaz de guardar um segredo. Abri o jogo, como se à minha revelia, concretamente ao que tinha jurado a mim mesmo, teleguiado por meus amigos e pelo bom senso, e eu via bem pelo brilho do seu olho, que não parava de olhar o caminho, o caminho além do pára-brisa como a interminável estrada semeada de armadilhas do Vietnã que acabávamos de ver na tela, que Bill estava perturbado pelo que eu lhe anunciava de patético, que o era tanto quanto – num outro gênero – o filme que tinha nos atordado. Bill se refez e disse: “De qualquer maneira, eu sabia. Desde a zoster eu já sabia e foi por isso que te encaminhei ao Chandi, para que você ficasse em boas mãos... Mais que nunca, o que você me confirma me faz pensar que é preciso andar depressa, muito depressa.” Bill partia no dia seguinte para Miami. Antes, tinha me perguntado: “Você está com quanto de T4?”, já menos de 500, mas ainda mais de 400, o limite fatal era de 200.

62 A PARTIR DAQUELE DIA Bill não deu mais notícias, e não telefonou mais, enquanto nos últimos tempos tinha quase me importunado em Roma, de noite, com telefonemas intermináveis, ele em geral tão breve, tão diligente, me telefonava quando não tinha nada para fazer de seu escritório de Miami, no fim de uma daquelas jornadas de trabalho que tinha começado às sete horas e só fora interrompida por um intervalo de 15 minutos para um sanduíche, ao cair da noite o absurdo da agitação desaparecida torna-

va-se intolerável e acentuava a solidão, secretárias e colegas voltavam para suas casas, e Bill ficava sozinho na sua sala deixando os olhos vagarem pelo caderno de endereços que de repente lhe parecia vazio e transparente, afinal de contas eu era um de seus únicos amigos nesse planeta, ele não tinha nada de especial para me dizer que não fossem o seu esgotamento e as suas dúvidas, a sua incapacidade de viver aventuras, e, sempre de modo bastante licencioso, propunha que eu me tornasse durante o tempo da conversa o emissário dessas aventuras que não era mais capaz de ter e inventava alguém na minha cama quando me falava, eu que estava sozinho nela, e repelia a respiração ofegante de ginásticas inverossímeis, quando na verdade minha voz estava simplesmente pastosa por ter sido tirado do sono para atender solicitamente a um amigo, nesses momentos eu tinha pena de Bill. Ele não suportava nenhum tipo de obrigação entre amigos, embora estivesse cheio de obrigações profissionais, era isso a sua doença, sua obsessão, a gangrena de suas relações. Queria ficar livre até o último minuto, para ser dono de suas noites e se apresentar no último minuto, como que para testar a fidelidade e a disponibilidade de alguns raros amigos seus, nunca aceitava marcar uma data para um jantar que não fosse organizado por ele, o encontro devia ser marcado um quarto de hora antes, entre sete e oito, mesmo que ele já o tivesse decidido vários dias antes. E chegava, régio, na complicada seara dos nossos amigos, correndo com o seu Jaguar para seqüestrar um de nós, convidando-o para jantar num grande restaurante ou depositando com a maior naturalidade, como oferta, na soleira da porta onde ele aparecia, uma caixa de Mouton-Rothschild pela qual tinha pago alguns milhões num leilão do Drouot. Ter a obrigação de levar em casa algum dos convivas no fim da noite o deixava doente, tirava-lhe a fala, sufocava-o, e ele seria capaz de demolir a marteladas o seu Jaguar, que se estava tomando por um microônibus, ou o crânio do amigo que com isso injuriava a nobreza do seu automóvel praticado todo-poderoso, no qual se ouvia Wagner. Quando dirigia o seu Jaguar, nada devia resistir a ele, tinha enfiado suas lervas de couro arcejadas e tudo sem exceção devia se dobrar a ele no seu campo de visão, vencido pelo movimento contínuo de sua direção sem falhas, os pedestres que queriam atravessar fora das faixas, assim como os outros carros que tinham a audácia estúpida de não se submeter, nesses momentos Bill se tornava o justiceiro imperioso do trânsito parisiense, e eu tre-

nia de medo com a idéia de atropelarmos um imprudente. Ao longo dos anos nos acostumamos assim mesmo um ao outro. Praticamente a única pessoa que ele aceitava levar em casa na saída de um de nossos jantares era eu, com o risco de usufruir grosseiramente esse privilégio em relação aos outros, pelo menos eu o tinha conquistado de modo bem difícil. Preferia realmente ser levado em casa por Bill, o que qualquer chofer de táxi podia muito bem fazer, sem o Jaguar, porque isso custava muito a Bill, devido à sua fobia da obrigação amigável, de fazer esse pequeno desvio que desafiava a intransigência do seu orgulho e o nivelava, não à função de chofer, como ele fingia, resmungando, pensar, mas simplesmente à posição de amigo fiel, o que para mim era um triunfo. Assim, há meses, desde a revelação da minha doença, Bill não dava mais nenhum sinal de vida, eu sofria de vez em quando, isso às vezes aumentava a minha ansiedade, ou o meu arrendimento por ter lhe falado, mas, para dizer a verdade, o seu silêncio não me espantava muito, e poderia até dizer que estava contente com isso, porque por esse silêncio repentino, que teria podido parecer para qualquer outro uma monstruosa abdição, Bill accedia dessa vez ao lugar de personagem ambíguo. Imaginava a sua vertigem: ele, que se sentia perseguido pela obrigação de levar um amigo no carro, com que terror não devia se sentir pressionado, agora que era capaz de ter os meios, ou que em todo caso acreditava ter ou que o amigo acreditava, pela obrigação insuportável de salvar a vida de um amigo? Havia realmente o bastante para sair correndo, tirar o telefone da lista e se omitir de uma vez.

63 ALGUNS ANOS ANTES, eu situaria esse acontecimento em 1983 ou 1984, Bill tinha nos enviado de Portugal, ele tão sóbrio no registro da efusão com os amigos, uma longa carta de cortar o coração. Dizia-se atingido por uma grave doença de fígado, ligada a um microbo africano, que talvez pusesse sua vida em risco, assim que voltasse devia ser hospitalizado para sofrer uma ablação, tinha decidido antes fazer aquela viagem que sonhava há muito tempo, e passava seus dias, escrevia ele num papel timbrado do maior palácio de Lisboa, a visitar casas de verão na costa atlântica, nos arredores de Sintra, residências de sonho, nas quais, de repente,

naquela verdadeira declaração de amizade que era a sua longa carta, nós imaginava, nós seus amigos até então um pouco secundários, re-velados bruscamente aos seus olhos, por sua doença e a ameaça de um desenlace fatal, como amigos de absoluto primeiro plano. A carta de Bill tinha me emocionado, respondi-lhe algumas palavras muito calorosas. Bill sofreu aquela ablação de parte do fígado, restabeleceu-se rapidamente, e nunca mais se falou daquelas férias de verão numa casa de sonho na costa atlântica de Portugal.

64 APENAS NA NOITE DE 14 DE JULHO, em La Coste, na casa de nosso amigo comum Robin, foi que revi Bill, havia chegado de avião, pela manhã, de Miami, tinha tido apenas tempo de encontrar seu anestesista em Val-de-Grâce, depois tinha tomado o TGV* até Avignon, onde havia alugado um carro. Devia partir no dia seguinte para ser hospitalizado e operado no outro dia de uma ruptura da cintura abdominal, que acontece com frequência aos homens quarentões. De minha parte, tinha deixado Paris cheio de solidão porque todos os amigos haviam saído da capital e eu estava entregue às mãos das minhas duas velhas tias-avós, que se tornam vampiros impiedosos e sugam as minhas forças até a última gota de sangue assim que descobrem uma ferida por onde se enfiar. Bill estava esgotado e meio desmoteado por suas viagens, quase sonâmbulo, talvez abatido ainda por cima pelos calmanes que tinham começado a lhe administrar em vista da operação. É claro que para mim era sumamente importante revê-lo e falar-lhe, mas diante dos outros não demonstrei nada. Nem tive que dirigir meu interrogatório, os outros amigos já bombardeavam Bill com perguntas. A experiência continuava, os resultados continuavam favoráveis. O congresso de Estocolmo, que eu havia acompanhado pelos jornais dia a dia sem encontrar nada relativo à famosa vacina, não tinha sido decisivo como se esperava, a presença de Mockney havia sido discreta, sua comunicação abafada por um comitê de sábios que a tinham considerado pre-

* Trem de Grande Velocidade, que liga várias cidades da França. (N. da T.)

matura, portanto perigosa, os colegas de Mockney tinham lhe caído em cima com paus e pedras porque os primeiros bons resultados da experiência de sua vacina obtida a partir do núcleo do vírus só faziam reforçar o fracasso maciço das inúmeras outras experiências feitas com o envoltório do vírus. O maior problema agora, acrescentava Bill, era resistir às pressões dos *capitalist adventurers*, esses aventureiros, esses pioneiros capitalistas que tinham o faro para investir muito rápido num novo produto, fazendo subir seus preços. “Se eles puserem a mão na vacina de Mockney”, explicava Bill, “as doses vão custar mil dólares, quando deviam custar dez, e isso vai ser um massacre para a humanidade.” Jantávamos, em companhia de alguns adolecentes deslumbrados, sob o caramanchão do bar, como de costume, coisas cruas, misturas exóticas propostas por Robin, frutas vermelhas e os iogurtes Alpa em potes de porcelana e entre os quais eram especialmente disputados os de framboesa, baunilha e chocolate, as colherinhas para degustá-los leves e enfiadas numa minúscula caneca de estanho. Assim como eu, Bill tinha que voltar para o hotel, o bar estava tomado por uma horda de jovens tailandeses que certamente tinham sido colocados lá por seus pais, como assinalou o dono do restaurante do monte Ventoux, para sua viagem de estudos na França. Bill não se agüentava mais em pé quando fomos para o hotel, mas fez questão de tornar a sair, depois de ter deixado a bagagem no quarto e apesar da hora tardia, para irnos beber um trago no terraço do Café du Commerce onde em frente tocava uma pequena orquestra, para falar um pouco a sós. De imediato, sem que eu tivesse que fazer nenhuma pergunta, piscando os olhos vencidos pelo cansaço, Bill me pediu notícias de Jules, de Berthe e das crianças, depois como eu me sentia e como estavam os meus exames, e me disse: “Se tudo der certo, a experiência para a França deverá começar em setembro, no mais tardar no início de dezembro, já se terão então resultados realmente significativos para o grupo 2B.” Perguntei a Bill se ele continuava podendo, como tinha proposto, fazer com que Jules, Berthe e eu entrássemos nesse grupo de pesquisa e se deveríamos nos submeter ao princípio do duplo cego. “Não, certamente vocês não”, respondeu Bill, “mas ninguém precisa ficar sabendo, aliás o sigilo é uma condição prévia no protocolo que nos liga, os produtores da vacina, com o hospital do exército onde será realizada a experiência.” Disse a Bill: “Você vai fazer isso com a cumplicidade do Chandl?” “Não, sem

EXDIOTRR - ESSE LAVGE DO
BILL E DE COMO ELE SE TORNOU
"GSTERVUAL"

ela, ele será efetivamente o médico designado para controlar o estado dos sujeitos vacinados no curso da experiência, mas justamente ele não vai saber que tiramos vocês antes da loteria estatística do duplo cego. Pelo contrário, ele vai ser encarregado de explicar a vocês a necessidade de aceitar se submeter ao princípio do duplo cego, e vocês têm que entrar no jogo." Bill deu uma parada na sua exposição, depois acrescentou: "Em todo caso, se houver qualquer problema na realização da experiência para a França, eu levo vocês três para Miami, Jules, Berthe e você, e os farei vacinar por Mockney em pes-
soa."

65 VOLTAMOS COM BILL E DIEGO, como todos os aviões estavam lotados para o fim de semana do 14 de julho, num TGV entupido, onde organizamos alternativas de conforto entre o bar e os recantos do compartimento onde podíamos ficar sentados no chão. Rindo, Bill lia meu livro que eu acabara de receber do editor e que tinha lhe dado com a mais pensada, mais grave e mais afetuosa das dedicatórias que já lhe fizera, era sem dúvida arriscado da minha parte. Guardava na ponta dos dedos o prazer que tinham tido na noite anterior ao acariciar as costas daquele jovem maravilhoso, Laurent, e esse formigamento me chegava até o coração, aquele exemplo perfeito de *sager-sex* involuntário o inundava de sensualidade. Bill entrou no dia seguinte no hospital de Val-de-Grâce onde devia sofrer a sutura cirúrgica da sua cintura muscular, e eu tinha que esperar, descendo febrilmente todas as manhãs para procurar na minha caixa de correio o grosso envelope do instituto Alfred-Fournier que havia posto no nome de Gustave e que trazia atravessado o carimbo "Sigilo médico", carimbo das doenças mortais, os resultados dos últimos exames que tinha feito antes de minha partida para La Coste. Quando fora ao instituto, em jejum, e de lá saíra, me precipitando para o boteguim mais próximo a fim de matar a sede com cafés e me empanturrar histericamente com *croissants* e brioches, sentira-me muito fraco e atacado pela doença, estava certo de que os resultados seriam ruins e me fariam passar para outro estágio de consciência da minha doença e da atitude do doutor Chandi e da instituição médica em relação a ela. Ora, acontece que essa correspondência espessa do-

brada em quatro que eu desamassava com a maior pressa ou com uma lentidão suspeita diante da minha caixa de correio, correndo para a folha que trazia a indicação do nível dos T4, me revelava que naquele momento em que me sentira tão enfraquecido pela doença eu me encontrava numa fase de estagnação e mesmo de recuo da doença, porque o meu nível de T4 tinha subido a mais de 550, numa média que se aproximava do normal, e a um grau que nunca tinha atingido desde que fazia aqueles exames da ação do vírus HIV sobre o despoamento dos linfócitos, meu corpo tinha realizado o que o doutor Chandi denominava uma melhora espontânea, sem o recurso de nenhum medicamento, nem Defenthiol nem o que quer que fosse. Senti, em pé diante da caixa de correio, como que uma chamada para a vida, um sentimento de evasão, um alargamento da perspectiva geral: o mais doloroso nas fases de consciência da doença mortal é sem dúvida a privação do longínquo, de todos os longínquos possíveis, como uma cegueira inelutável na progressão e no encurtamento simultâneos do tempo. Meus resultados deixaram o doutor Chandi alegre no seu consultório, ele ria, me disse que a ilha de Elba, os banhos de mar e o sol, o repouso, esse tipo de vida, davam certo comigo, mas que ao mesmo tempo eu não devia abusar do repouso, como ele pressentia, que um repouso forçado podia ser fatal para as atividades vitais. Fui levar meus resultados para Bill no Val-de-Grâce, ele acabava de acordar da anestesia, estava com sede, proibiam-no de beber, pedi-me que falasse com ele, continuasse a falar, para impedir-lo de cair de novo no sono, depois a luta foi tão penosa que pedi que eu me calasse para deixá-lo afundar, tinha sorriso ao ouvir a minha nova taxa de T4. Ia vê-lo todos os dias, depois do almoço, levando-lhe o *Le Monde* e o *Libération*, com frequência havia alguém no seu quarto, não um amigo ou um membro da família, mas um colaborador, um companheiro de trabalho, os especialistas se sucediam à procura de emprego diante daquele homem acamado, que continuava a telefonar para Miami e para Atlanta para dar suas diretivas. Seu cirurgião o tinha prevenido, sua cintura abdominal se fissurou de novo, ele tinha que ser mais prudente. Bill contratou um rapaz para ajudá-lo a sair do hospital, para transportar suas bagagens, para dirigir o seu Jaguar e para lhe dar o braço, um belo rapaz mestiço que o acompanhou até Miami.

66 NO FINAL DE SETEMBRO, Bill telefonou de Paris para a ilha de Elba para me avisar que estava com o jatinho da sua sociedade e que pretendia passar para nos ver na ilha depois de fazer uma escala em Barcelona, onde estava à sua espera o jovem campeão de corrida, Tony, que era na época o garoto dos seus sonhos, Bill me disse: "Em princípio, parto amanhã de manhã para Barcelona, se o tempo continuar bom; só queria me certificar se vocês estarão aí nos três ou quatro próximos dias; de qualquer maneira, torno a telefonar de Barcelona." Mas Bill, definitivamente, não veio à ilha de Elba, não se deu nem ao trabalho de telefonar de novo, arrasado, assim parecia, como soubemos depois, pela desistência do seu Tony. Considerei a atitude de Bill para comigo, se não criminosa, e se era realmente criminosa é claro que, do modo como estou, só podia ficar mais chateado, no mínimo a mais inamistosa possível e simplesmente grosseira. Obtivemos por intermédio de Robin, que a contou a Gustave, uma informação extra quanto ao abandono de Bill: os resultados da experiência da vacina revelavam-se menos garantidos do que tinha esperado.

67 BILL só reapareceu no dia 26 de novembro, com três idas e vindas entre Miami, Paris e Marselha, onde se encontrava a sede de seus negócios, jantamos juntos no Grill Drouant, acabava de receber meus últimos resultados, ruins, que tinha ido buscar no instituto Alfred-Fournier por causa da greve geral que paralisava o correio e os transportes, li na rua abrindo o envelope que meus T4 tinham caído para 368, perto de atingir o limite abaixo do qual a vacina de Mockney não podia mais ser aplicada. Bill tinha me dito várias vezes: "Faremos a experiência nos soropositivos assintomáticos que conservam mais de 300 T4", e eu me aproximava ao mesmo tempo do limiar dos ataques irreversíveis, a pneumocitose e a toxoplasmose, que se desencadeiam abaixo de 200 T4 e cujo prazo se retardava, de agora em diante, pela prescrição de AZT. Assim como me sentira extremamente fraco e diminuído por minha doença, no mês de julho, indo em jejum no sol deixar tirarem o sangue que revelou que eu estava em boa forma, sentia-me poderoso e eterno indo em jejum na neve tirar o sangue que revelou que minha saúde tinha se degrada-

do vertiginosamente no espaço de quatro meses. Além de mim, esses novos resultados inquietaram o doutor Chandí, ele pediu uma análise complementar, uma antigenemia, isto é, a pesquisa no sangue do antígeno P24 que é o anticorpo associado a uma presença ativa e não mais passiva no vírus HIV no interior do corpo. Naquele mesmo dia, corri a pé numa Paris paralisada pela greve para ir buscar esses maus resultados no instituto Alfred-Fournier e, depois de tê-los transmitido por telefone ao doutor Chandí, pegar no seu consultório a receita que pedia essa pesquisa do P24, com a qual na mesma hora retornei ao instituto Fournier para fazer o exame de sangue que se seguia em menos de uma semana ao precedente, via-se ainda na dobra do braço o hematoma no qual a gorda enfermeira desagradável reenfiou a ponta da agulha. Naquele dia teriam podido me trepanar, me encher de seringas na barriga e nos olhos, eu só teria trincado os dentes, havia lançado o meu corpo em alguma coisa que o privava aparentemente de uma vontade autônoma. O doutor Chandí, em vista dos maus resultados, tinha tentado me explicar a seqüência do processo: se a antigenemia se mostrasse positiva, seria necessário refazer um mês depois o mesmo tipo de exame para seguir a evolução, e se a taxa do antígeno P24 continuasse a subir ao mesmo tempo em que despencava a dos T4, era preciso pensar num tratamento. Sabia que o único tratamento possível era o AZT, ele me havia dito um ano antes, e tinha me prevenido, que só se administrava o AZT na fase terminal, até a intolerância, evitando a palavra morte. Mas a partir daí nem ele nem eu fomos mais capazes de pronunciar o nome desse remédio, o doutor Chandí tinha percebido pela minha maneira de contornar a palavra que eu não desejava ouvi-la nem tampouco formulá-la. Jantei com Bill no intervalo entre o anúncio dos maus resultados e o resultado da antigenemia. De modo calculado, eu tratava de ser alegre, leve, de não me enredar no clima patético da condenação. Bill dizia, olhando o meu rosto iluminado pela vela colocada sobre a toalha branca: "O mais incrível é que não dá pra notar, te garanto que olhando o teu rosto ninguém poderia imaginar, de tal modo você se acha em boa forma, a ofensiva que se trama aí por trás." Compreendia que isso lhe proporcionava uma espécie de vertigem: a proximidade enfim delimitada da morte, a ameaça também de sua transmissão, dissimulada naquele rosto agradável, no momento inalterado, isso o fascinava e lhe dava medo. Bill me confessor, naquela noite, o que Robin já tinha

contado por intermediário de Gustave: que os resultados da vacina não eram tão bons quanto se havia esperado, que nos sujeitos testados, o vírus HIV, depois de haver abandonado qualquer presença no interior de cada praça-forte ou veículo de seus corpos, cérebro, sistema nervoso, sangue, esperma e lágrimas, reaparecia malignamente ao fim de nove meses. Tinha sido feito imediatamente um reforço da vacina, mas não se podia ter certeza do resultado. Bill me fez compreender que Mockney estava desautorado pelo que considerava um fracasso provisório: que pensava atualmente em aperfeiçoar sua vacina, juntando anticorpos produzidos por soronegativos, voluntários ou amigos ou parentes próximos dos soropositivos que estavam em suas experiências, que concordariam em ser inoculados pelo vírus HIV inativa-do. Interrompente, eu procurava o parente ou o amigo a quem poderia recorrer, se isso se concretizasse embora já estivesse descrente na época, com um pedido tão indizível e não conseguia evocar nenhum nome nem nenhum rosto sem sentir subir em mim um nojo invencível e como que uma rejeição de todo o meu corpo pelo corpo estranho que não tinha sido contaminado. Ou seja, por qualquer corpo que não fosse o de Jules, Berthe e eventualmente o das crianças, com os quais eu constituía imaginariamente um corpo único absolutamente solidário.

68 A ANTIGENEMIA revelou-se positiva, soube-o, depois de dez dias de espera no consultório do doutor Chandi, por sua vez, no momento em que ele falava pelo telefone com o laboratorista do instituto Fournier, que lhe dava a taxa: 0,010; a presença ofensiva do vírus HIV, que ela fazia aparecer no fundo, começava em 0,009. A notícia que já esperávamos, preparada com precaução pelo doutor Chandi há semanas e meses, mesmo assim me arrasou. De novo tudo vacilava. Isso significava o AZT, e talvez a sua intolerância, incessantes exames de sangue de controle para verificar se a quimioterapia não levava a uma anemia, que a hemorragia dos glóbulos vermelhos não fosse o mal necessário para atenuar a linfopenia, e isso significava, no fim de contas, a morte aproximada de vários graus de um só golpe, na própria cara, a morte entre agora e dois anos se não acontecesse um milagre, se a vacina de Mockney continuasse a

falhar ou se a aceleração de minha doença me colocasse fora do campo da experimentação. Disse ao doutor Chandi que antes de começar a tomar esse remédio eu gostaria de refletir. Subentendendo: escolher entre o tratamento e o suicídio, entre um novo livro ou dois novos livros sob tratamento e graças ao prazo que ele me concedia ou o suicídio, igualmente para me impedir de escrevê-los, esses livros atozes. Cheio de autocomiseração diante do doutor Chandi, eu estava à beira de lágrimas que me repugnavam. Pequeno, frágil e desamparado, assustado por aquele simulacro de determinação, o doutor Chandi me disse que fazia questão absoluta de me ver de novo, pelo menos uma vez antes de minha volta a Roma. Eu tinha consultado alguns dias antes no Vidal* das minhas tias-avós ex-farmacêuticas as doses em gotas de Digitalina, que o doutor Nacier tinha me aconselhado e que deveria permitir a minha supressão numa pretensa tranquilidade.

69 ALMOCEI finalmente no dia 2 de dezembro com o doutor Chandi no restaurante Le Palanquin. Havia escolhido uma mesa à parte, embora tivéssemos adquirido o hábito de falar tudo aquilo por meias palavras, de qualquer modo não estava mais ligando para a idéia do segredo, tendo aliás levado ao meu editor este manuscrito no qual não me escondia da minha doença, um tal elemento introduzido num manuscrito entregue naquele editor não deixaria de, sob a promessa de segredo, fazer rasilho de pólvora, rumor que eu esperava calmamente e com uma espécie de indiferença, porque estava na ordem das coisas, eu que sempre tinha procedido assim em todos os meus livros, trair os meus segredos, ainda que este último fosse irreversível e me excluísse sem volta da comunidade dos homens. Como das outras vezes, eu e o doutor Chandi falamos de início, por civilidade e para aliviar um pouco o nosso almoço de seu objetivo patético, disso e daquilo, da música que era a sua paixão, dos meus livros, das nossas vidas respectivas. Contou-me que passava pelo

* Vidal é o catálogo de todos os medicamentos publicado anualmente e de uso corrente entre os médicos franceses. (N. da T.)

inconveniente de se encontrar de mudança entre dois apartamentos e de ter que visitar cada dia outros novos, de não poder dispor dos seus livros empilhados em caixas, ele havia deixado o amigo com quem tinha vivido mais de dez anos, e, acrescentou ruborizando-se, "meu novo amigo tem o seu nome", e disse o meu nome. O doutor Chandi negou o que Stéphane me dissera, que me preocupava tanto, que o quase me levava a tomar minha decisão, ainda que precipitada, que a suicídio era um reflexo de boa saúde, eu receava o momento em que a doença me tiraria a liberdade do suicídio. "Não muito depois do último dia em que você foi me ver no consultório, tive a prova disso, assim que você saiu fiquei sabendo que um dos meus pacientes que se tratava há um ano com o AZT tinha acabado de pôr fim aos seus dias, foi seu amigo que me telefonou para avisar." Quis saber como ele tinha feito. Enforcamento. "Mas também tenho pacientes tratados com AZT", continuou o doutor Chandi, "que estão em plena forma física e moral. Para um deles, de uns cinquenta anos de idade, tudo vai às mil maravilhas, só que não tem mais ereções, e que se ponha a culpa no remédio, o que me surpreenderia, ou se fale de um distúrbio psicológico ligado à doença, o que eu acharia mais plausível, a verdade é que esse homenzinho muito ativo recusa aceitar a verdade, diz que acabou de encontrar um novo namorado, que pretende honrar, e toda semana, além dos exames de sangue de controle, toma injeções no pênis para endurecê-lo." Em seguida o doutor Chandi me contou a história de um rapaz epiléptico e soropositivo que, durante uma crise, tinha mordido o irmão quando este tentava introduzir um pedaço de pau entre seus dentes para impedi-lo de engolir a língua. Tinha feito pesquisas no sangue e no soro do irmão para saber se ele havia sido contaminado pela mordida, e os médicos, em caso afirmativo, pensavam em receitar o AZT a título preventivo.

70 A PENÚLTIMA VEZ até agora que reví Bill foi no dia 23 de dezembro, no dia seguinte ao da minha primeira visita ao hospital Claude-Bernard, jantamos os dois no restaurante italiano da Grange-Batelière, um de nossos únicos hábitos. O restaurante estava praticamente vazio, continuava ali o garçom agressivo que a nossa frequência acabara por tornar mais camarada, ele imagi-

nava que Bill tinha uma vida de milionário dietante, que se deslocava pela terra à medida que o sol acariciava suas praias, embora Bill estivesse pálido, estressado pelos *timings* dos negócios americanos, inquieto quanto ao sucesso da vacina na qual tinha investido. Contou-me ter visitado em Atlanta jovens do grupo B aos quais tinha sido ministrada a vacina de Mockney e que havia encontrado, me disse isso com uma certa lassidão, seres resplandecentes, em perfeita saúde, que se dedicavam a esculpir o corpo. Exigira-se um silêncio absoluto dessas cobaias, que deviam assinar não apenas contratos pelos quais a firma produtora da vacina declinava de toda a responsabilidade em caso de morte ou de agravamento da doença, mas ainda promessas firmadas pelas quais se comprometiam a um mutismo total e que os impediam, sob pena de processos judiciais, de comunicar a quem quer que fosse a experiência de que eram objeto. Bill me descreveu entre eles um rapaz de vinte anos, especialmente bonito, especialmente musculoso, mas infelizmente soropositivo. Bill disse que a experiência na França deveria começar em janeiro e que Mockney pretendia adicionar à sua vacina injeções intravenosas de gamaglobulina que seria obtida a partir de placentas de mães do Zaire contaminadas pelo vírus. Bill acrescentou que o laboratório que dirigia era o maior comprador do mundo de placentas que forneciam a matéria-prima das gamaglobulinas. Mas estava cansado e eu também, e era, languidamente, como se não acreditássemos mais, nem um nem outro, na hipótese daquela vacina e de sua ação para refrear o curso da minha doença, e como se, no final das contas, não ligássemos a mínima em definitivo, mas então de verdade e completamente.

71 NESSE MEIO TEMPO tinha ido com Jules festejar em Lisboa o nosso ritual aniversário comum. Foi uma carnificina reiproca, eu levava Jules para o mais fundo do fundo do abismo que causava em mim a sua presença ao meu lado, levava-o obstinadamente e sem descanso até a sufocação final. Ele tinha se esquivado, por força ou por fraqueza de caráter, ao sofrimento emocional, o tinha ignorado, salvo ao acompanhar seus próximos que estavam contaminados, pois podia-se dizer que, de propósito, só escolhia para amigos seres inclinados àqueles excessos de sofrimento, ainda tive

que, numa noite do verão passado, consolar o amante de Jules que soluçava no quarto ao lado, e eis que eu o empurrava para descobrir por sua própria conta o efeito devastador do sofrimento emocional, que eu parecia exercer como um carrasco enquanto sua ação visível sobre ele me torturasse bastante, e se juntasse à minha, prostrando-me ao longo dos dias como um inválido, eu havia me tornado quase um moribundo, havia me tornado por antecipação o agonizante que não vou tardar a descobrir, não podia mais nem subir uma ladeira nem subir a escada do hotel, não podia deixar de deitar às nove horas da noite, e isso depois de ter feito a sesta a tarde toda. Não éramos mais capazes, Jules e eu, do menor calor físico. Disse-lhe: "Você sofre por causa da falta de amor?" Ele respondeu: "Não, eu sofro simplesmente." Na sua boca, era a palavra mais obscena que eu já tinha ouvido. Foi no trem entre Lisboa e Sintra, num dia claro e ensolarado, que o seu sofrimento chegou ao auge, eu tinha sentado do outro lado do corredor, os bancos tinham mais ou menos seis lugares, estávamos cada um colado na vidraça oposta, na partida o trem estava quase vazio, mas se encheu rapidamente ao longo daquela linha de subúrbio onde as pessoas andavam pelos trilhos, mas o meu banco continuava vazio, ninguém queria sentar ao meu lado ou na minha frente ou mesmo perto de mim, eu que no entanto evitava olhar quem quer que fosse nas paradas do trem, porque tinha compreendido, com um espanto irônico, que as pessoas teriam preferido se empilhar nas cabeças umas das outras em vez de pegar um lugar folgado ao lado daquele sujeito especial, cuja distância deles me devolvia a imagem, todos tinham virado aqueles gatos que fogem de mim, os gatos alérgicos ao diabo. Evidentemente Jules tinha reparado, iam sentar-se evitavam o meu banco, como se eu estivesse fedendo, iam sentar-lhe ao seu lado, mas eu não ousava virar na sua direção para mostrar-lhe que tinha compreendido a manobra deles e acusá-lo de ser cúmplice, ele estava muito tolhido pelo sofrimento. Na passagem coberta de um pátio de edifício, próximo à vitrine de uma mercearia, no bairro da Graça em Lisboa, tinha percebido na contraluz uma prateleira de objetos translúcidos que pareciam feitos de açúcar, voltei lá para comprá-los, eram cabeças de cera de garotinhos que os pais, antigamente, iam depositar como ex-votos na igreja quando o filho tinha meningite. Mas há muito tempo que não se haviam registrado casos de meningite no bairro, e o comerciante estranhou livrar-se de cinco cabeças de

uma vez. Assim que as dispus no rebordo da varanda para fotografá-las diante do panorama que englobava o castelo com seus estandartes, o rio dourado, sua ponte suspensa, o Cristo gigante da outra margem e os aviões que se encaixavam entre os arranha-céus, Jules me fez reparar que aqueles ex-votos que eu escolhera um a um, sem refletir muito, entre tantos outros eram em número de cinco, lembrando-lhe aquele Clube dos 5 que simbolizava para ele a nossa família engajada e unida na aventura da infelicidade. Não me havia escapado que Jules, durante aquela estada em Lisboa, contrariamente aos seus hábitos durante as nossas viagens rituais de aniversário precedentes, tinha evitado a todo custo falar com Berthe para saber notícias dela e das crianças. Jules havia fugido de Paris numa situação calamitosa: esgotada pelo primeiro trimestre escolar, Berthe, ainda por cima com uma oite aguda, tinha decidido aceitar do doutor Chandi uma licença de uma semana para tratamento de saúde, enquanto as duas crianças pegavam uma após a outra o vírus da gripe chinesa, que já tinha levado para a cama 2,5 milhões de franceses, e o pequeno Titi, sempre translúcido, quase azulado, não parava de botar os bofes pela boca, regularmente radiografados e massageados por um fisioterapeuta que tentava expulsar o catarro. Na manhã da nossa partida, ao embalar minhas cinco figurinhas de cera, decidi, preocupado porque Gustave, que não atendia mais ao telefone, não tinha nos telefonado para desejar feliz aniversário, falar com Berthe para saber notícias. Atendeu a mãe dela, sempre agridoce, que riu na minha cara quando tentei mostrar um pouquinho de polidez: "Eu vou muito bem, meu caro Hervé, deve estar fazendo um tempo esplêndido aí onde vocês estão, mas aqui, imagine só, estamos em pânico, Berthe acaba de sair às pressas para levar Titi ao hospital, ele está com uma erupção de placas vermelhas no corpo todo, as pálpebras inchadas, já nem estamos vendo mais seus olhos, um edema nos joelhos e as pernas tortas, por falar nisso, você passou boas férias com Jules?" Desliguei, Jules estava em pé ao meu lado, em alerta. Disse-lhe que as notícias não eram a bem dizer excelentes, não podia esconder-lhe o que a mãe de Berthe tinha me dito. Queria ir deixar os meus cinco ex-votos numa igreja, já que era esse o costume em caso de doença, eles tinham sido moldados para isso, e como estávamos sem dúvida todos os cinco doentes... Jules me disse que não acreditava naquelas besteiras, o tom subiu entre nós, tínhamos muito pouco tempo antes da partida, e me apres-

MISTICISMO / RELIGIÃO / FÉ : AS FUSCAS

PELA ESPERANÇA

sei a sair com o saco plástico onde tinha guardado as figurinhas para levá-las à igreja mais próxima, que víamos à esquerda quando nos debruçávamos na varanda, que é, descobro hoje inspecionando o mapa de Lisboa que conservei, a basílica de São Vicente. Passávamos quase todas as noites, voltando para o hotel, diante de uma nave lateral da basílica de São Vicente, ao longo da qual se distribuíam, segundo os cartazes, a sacristia e a câmara ardente, cuja porta ficava com frequência aberta, protegida apenas por uma cortina cor de malva, que eu havia uma vez entreaberto e me tinha revelado um morto estendido num catafalco branco, rodeado de velhas senhoras que rezavam. Mas não era na câmara ardente que queria jogar a minha pequena família, devia deixá-la junto às preces para os desconhecidos, como os pedidos japoneses no Templo da Espuma, sobre um altar, entrei pela fachada da basílica de São Vicente, gelada, vazia, atravancada de andaimas, sobre os quais dois ou três operários raspavam e batiam, trocistas. Dei várias vezes a volta na basílica, enquanto Jules me esperava lá fora. Não havia nenhum lugar, visível, onde pudesse depositar os meus ex-votos, com exceção de uma mesa de cirios que se derretiam, entre os quais eles teriam imediatamente chorado todas as lágrimas de sua alma de cera. Uma sacristã desconfiada cuidava de prender novos cirios e de raspar os amontoados de flada cuidava de prender novos cirios e de raspar os amontoados de cera nos regos do candelabro, olhando o meu saco de plástico, que ela via passar com desconfiança pela terceira vez, sai da igreja. Dirigi-me em companhia de Jules, que estava à procura de brinquedinhos para as crianças, para a segunda igreja que tinha achado, que é, segundo as indicações do mapa desdobrado hoje sobre a minha mesa, a igreja de São Roque, cujos altares percorri um por um até que o sacristão, que vinha atrás de mim apagando as luzes, me expulsou da igreja. Disse a Jules: "Ninguém quer as minhas oferendas." Hesitava em deixá-las na primeira lata de lixo.

72 Eu AMAVA aquelas crianças, mais que a minha carne, como a carne da minha carne, embora não o fosse, e sem dúvida mais do que se o fosse realmente, talvez sinistramente porque o vírus HIV tinha me permitido tomar um lugar no sangue delas, partilhar com elas esse destino comum do sangue, embora

rezasse todo dia para que não o fosse a nenhum preço, embora as minhas conjurações se excessassem continuamente para separar meu sangue do delas a fim de que jamais tenha havido, por nenhum intermediário, nenhum ponto de contato entre elas, meu amor por elas era no entanto um banho de sangue virtual, no qual as mergulhava com terror. O enfermeiro psiquiátrico que veio dar a injeção na mulher de pensionista que ficou louca, depois que numa alternância de prostração e de agressividade encontrou forças para tentar se jogar pela janela, impulsionando o corpo, contido na última hora por um soco no estômago, que antes tinha tentado atirar por ali o seu recém-nascido e todos os objetos do apartamento, inclusive os meus livros, que ela colecionava, soube-se depois, e lambuzado as paredes com o sangue de suas regras, esse estranho que ela esbofeteou assim que ele entrou disse aos próximos da louca: "Agora só resta rezar." Há um estado da infelicidade, mesmo quando se é ateu, em que não se pode fazer mais que rezar ou se destruir inteiramente. Não acredito em Deus, mas rezo pelas crianças, para que continuem vivas muito tempo depois de mim, e imploro orações à minha tia-avó Louise, que vai à missa todas as tardes. Não há nada atualmente que me mobilize tanto quanto procurar presentes capazes de contentar essas crianças: vestidos de fada, como ela os chama, de batista ou de seda para Loulou, penhoares e carros luminosos para Titi. Nada me perturba tanto como apertá-las nos braços nas minhas voltas de Roma, sentar Loulou no meu colo para ler uma história, escutar o segredo maldoso que me sopra na orelha contra o seu irmãozinho, e receber no meu ombro, no seu movimento de abandono, a cabecinha loura de Titi, depois de a ter apertado, com os cotovelos na mesa, entre os dois punhos colados nas têmporas, sinal de uma fadiga, é o que temo, descendente da minha. Nada me encanta tanto como ouvir a sua voz aflautada atender ao telefone e gritar depois de ter reconhecido a minha: "Alô, cabeça de banana? Cocô de cabrito! Bunda!" Acho que os prazeres que me dão essas crianças superaram os prazeres que me dariam a carne, outras carnes atraentes e saciadoras, às quais renuncio no momento por lassidão, preferindo acumular em volta de mim objetos novos e desenhos como o farão que prepara a armadura do seu túmulo, com a sua própria imagem em tamanho reduzido que designará o acesso ou, ao contrário, o complicará com desvios, mentiras e pistas falsas.

73 JULES tinha voltado traumatizado de sua viagem a Lisboa, e em sua volta precipitada encontrou o corpo de sua progénie coberto de erupções vermelhas, os olhos inchados quase costurados, um edema nos joelhos, disse ele, e as pernas tortas, a perdiatira decretou que a criança de três anos tinha uma broncopneumonia complicada por uma alergia aos antibióticos, eu telefonava todos os dias de Roma, para onde tinha voltado, para saber notícias, estava obcecado, paralisado por aquela imagem de Titi, incapaz de fazer o que quer que fosse, até mesmo continuar a leitura de *Perturbation*, de Thomas Bernhard. Eu odiava esse Thomas Bernhard, ele era negativamente bem melhor escritor que eu, mas não passava de um enchedor de linguiça, um enrolador, um masturbador intelectual, um fazedor de obviedades silogísticas, um virgem tuberculoso, um tergiversador de obviedades silogísticas, um crítico metido a besta e negativo, um contador enganador, um crítico metido a besta e negativo, um contador de vantagens que fazia tudo melhor que todo mundo, andar de bicicleta, livros, pregar pregos, tocar violino, canto, filosofia e uma raiva limitadora, um urso mal-humorado cheio de tiques à força de dar sempre as mesmas patadas, com sua gorda pata pesada, pata teimosa de babaca holandês, sobre as mesmas quimeras, seu país natal e seus patriotas, os nazistas e os socialistas, as freiras, gente de teatro, todos os outros escritores e especialmente os bons, assim como os críticos literários que incensassem ou desprezassem os seus livros, sim, um pobre Dom Quixote imbuído de si mesmo, esse miserável vienense traído em todos os sentidos, que nunca acabava de proclamar a sua genialidade ao longo de seus livros, que não passavam de coisinhas insignificantes, de ideiazinhas, de rancorezinhos, de imagenzinhas, de impotenziazinhas sobre as quais esse mau violinista enrolava e enchia lingüira em duzentas páginas, sem se mover o mínimo sobre o fragmento que tinha se proposto a polir, com sua inigualável grandeza, até o clário final ou o apagamento, o embaralhamento de suas linhas, prendendo a atenção do leitor com as repetições de sua mesmice obsessiva, trabalhando os nervos deles com pequenos golpes de arco tão exasperantes como um disco com um sulco arranhado, até que aqueles minúsculos quadros (uma criança durante a guerra treina violino no armário de sapatos do orfanato), aquelas minúsculas descobertas (o falso musicólogo que leva um volume inteiro para descobrir que é definitivamente incapaz de escrever um ensaio sobre Mendelssohn-Bartholdy) se tornam, inchadas em bloco pela beleza da es-

crita — era preciso se render num momento ou noutra desta sátira —, mundos inteiros em si próprios, perfeitas cosmogonias. Tinha tido a imprudência, por minha vez, de entrar num jogo de xadrez renhido com Thomas Bernhard. A metástase bernhardiana, semelhante à progressão do vírus HIV que destrói no interior do meu sangue os linfócitos, fazendo desmoronar minhas defesas imunológicas, meus T4, diga-se de passagem no desvio de uma frase, hoje, 22 de janeiro de 1989, como precisei de dez dias para me decidir a confessá-lo, para resolver, assim, pôr um fim no suspense que tinha iniciado, porque a 12 de janeiro o doutor Chandi me revelou pelo telefone que a taxa deles tinha caído para 291, em um mês de 368 para 291, o que dá margem a pensar que, depois de um mês suplementar de ofensiva do vírus HIV no interior do meu sangue, minha taxa de T4 não passará de (faço a subtração embaixo da página) 213, me colocando assim, a não ser que haja improváveis transfusões, fora da possibilidade da experiência da vacina de Mockney e de seu eventual milagre, e beirando o limite catastrófico que deveria ser recuado pela absorção do AZT se eu o preferir à Digitalina, da qual decidi comprar um vidro aqui na Itália, onde se vende quase tudo sem receita, e se ainda por cima o meu corpo tolerar essa quimioterapia, paralelamente portanto ao vírus HIV a metástase bernhardiana se propagou à velocidade com V minúsculo nos meus tecidos e nos meus reflexos vitais da escrita, ela a fagocita, a absorve, cativa-a, destrói toda a sua naturalidade e personalidade para estender sobre ela sua dominação devastadora. Assim como tenho ainda a esperança, mesmo não ligando a mínima no fundo, de receber em mim a vacina de Mockney, que me livrará do vírus HIV, ou mesmo de receber o seu simulacro, o seu duplo cego, da mesma forma como aspiro a ser picado não importa onde, não importa quando, não importa por quem, como nos meus sonhos para ser injetado com água ou com nada de nada que tomarei firmemente ou com ceticismo como sendo a vacina salvadora de Mockney, pronto para me fazer inocular ao mesmo tempo por mãos sujas a raiva, a peste e a lepra, espero com impaciência a vacina literária que me livrará do sortilégio que me infligi de propósito por intermédio de Thomas Bernhard, transformando a observação e a admiração da sua escrita, embora até hoje só tenha lido uns três ou quatro livros dele e não a soma perturbadora que se estende na lista “do mesmo autor”, em motivo de paródia da escrita, e em ameaça patogênica, em Aids,

escrevendo assim um livro essencialmente bernhardiano, em princípio, realizando pela truçagem de uma ficção imitativa uma espécie de ensaio sobre Thomas Bernhard, com o qual de fato quis rivalizar, quis pegar pelo alto e superar na sua própria monstruosidade, como ele próprio fez ensaios falsos disfarçados sobre Glenn Gould, Mendelssohn-Bartholdy ou, acho, Tintoretto, e como ao contrário do seu personagem Wertheimer, que renunciou a se tornar um virtuose do piano no dia em que ouviu Glenn Gould tocar as *Variations Goldberg*, eu não baixei os braços diante da compreensão do gênio, ao contrário, me rebeliei diante da virtuosidade de Thomas Bernhard, e eu, pobre Guibert, entrava no jogo para valer, polia minhas armas para igualar um mestre contemporâneo, eu pobre pequeno Guibert, ex-senhor do mundo que havia encontrado algo mais forte que ele na Aids e em Thomas Bernhard.

74 HESITO em fabricar essa receita falsa, anotada às pressas num pedaço de papel, com suas abreviações e, verdadeiras, suas correções e suas posologias ditadas pelo cardiologista que eu teria procurado em Paris, apressadamente, por causa da crise Digitalina, que seria o contraveneno radical do vírus HIV ao apagar as suas ações malfazejas ao mesmo tempo que as batidas do meu coração, porque temo que me bastaria ter o vidro, tê-lo ao alcance da mão, para imediatamente passar ao ato, sem reflexão, sem que meu gesto esteja ligado a nenhuma decisão decorrente do abatimento ou do desespero, eu poria num copo de água aquelas setenta gotas, engoliria, e depois, o que faria? Deitaria na cama? Desligaria o telefone? Ouviria música? Que música? Quanto tempo seria necessário para meu coração parar de bater? Em que iria pensar? Em quem? Não teria vontade de repente de ouvir uma voz? Mas qual? Não seria uma voz que eu nunca teria podido imaginar ter vontade de ouvir naquele instante? Gostaria de me masturbar até que meu sangue parasse, até que minha mão voasse longe do meu punho? Não acabo de fazer uma grande besteira? Não seria melhor ter me enforcado? Matou diz que basta um radiador, dobrando os joelhos. Não teria feito melhor esperando? Esperando essa falsa morte natural liberada pelo vírus? E

continuar a escrever livros, e a desenhar, tanto e tanto, quantos quisesse, até a loucura?

75 MEU LIVRO CONDENADO, aquele que iniciei no outono de 1987 ignorando tudo ou fingindo ignorar tudo ou quase tudo daquilo que ia me acontecer, esse livro acabado e que decreti inacabado, cuja destruição pedi a Jules, não tendo coragem para fazê-lo eu mesmo e lhe pedindo que aceitasse o que eu tinha recusado a Muzil, esse grosso livro interminável e fastidioso, chato como uma cronologia, que contava a minha vida dos dezoito aos trinta anos, chamava-se *Adulter!* Tinha previsto acrescentar-lhe uma epígrafe tirada de uma conversa inédita com Orson Welles, que datava de 1982, anotada por minha conta quando de nosso almoço com Eugénie no restaurante Lucas-Carton: "Quando era pequeno, eu olhava o céu, levantava meu punho contra ele e dizia: 'Sou contra.' Agora, olho o céu e digo: 'Como é bonito.'" Quando eu tinha 15 anos, queria ter vinte, escapar de todas as atitudes da adolescência. A adolescência é e poderia também tornar-me um criminoso. Adoro a juventude. Aquele momento em que se está passando a ser um homem ou uma mulher, mas em que ainda não se escolheu o lado completamente. Aquele momento perigoso. É uma verdadeira tragédia querer ficar na infância. Sofrer de falta de infância. Chama-se a isso *'bleeding childhood'*, uma juventude que continua a sangrar. Tinha aquele livro chato e laborioso nas mãos e, mesmo antes de tê-lo começado, sabia que ele seria de qualquer maneira incompleto e bastardo, porque não tinha coragem de enfrentar a sua verdadeira primeira frase, que me vinha aos lábios e que repelia cada vez para o mais longe possível de mim como uma verdadeira maldição, tratando de esquecê-la porque era a premonição mais injusta do mundo, porque temia validá-la se a escrevesse: "Era preciso que a infelicidade nos atingisse." Era preciso, que horror, para que meu livro existisse.

76 ENCONTREI o meio de fazer o verdadeiro fechamento do hospital Claude-Bernard, na manhã de 1º de fevereiro de 1989, nem ao menos queriam mais o meu sangue, teria complicado a mudança. As gaiotas voavam na bruma, examinei os montículos de detritos um por um como se os fotografasse: uma velha balança de madeira, pantuflas numa caixa com ampolas de cloro de potássio, cadeiras, colchões, mesas-de-cabeceira, um equipo de soro. maçã no qual a neve se tinha sedimentado, furado por tubos de soro. Enfim, naquele deserto, chegou uma ambulância diante do pavilhão da doença mortal, dois padioleiros foram descarregar uma maca com o seu ocupante, mudei de caminho para evitá-lo, não queria vê-lo, tinha medo de ver alguém que conhecesse. Mas o cadáver de olhos vivos me alcançou no corredor, ele não podia esperar o dia seguinte para a ocupação dos novos locais no hospital Rothschild, precisava morrer bem no meio da mudança. Não queria vê-lo, mas ele me viu, e o olhar do cadáver vivo é o único olhar inesquecível no mundo.

Acima das almofadas manchadas se espalhavam os cartazes da associação de Stéphane com suas propagandas de lanches e das sessões de relaxamento. O doutor Chandi trouxe diante de mim o doutor Gulken para dar um outro parecer. O doutor Gulken disse com uma voz pausada: "Não posso esconder-lhe que o AZT é um produto de toxidez muito alta, que ataca a medula óssea, e que, por bloquear a reprodução do vírus, congela ao mesmo tempo a reprodução viral dos glóbulos vermelhos, dos glóbulos brancos e das plaquetas que permitem a coagulação." O AZT, hoje fabricado industrialmente, foi feito em 1964 a partir do sêmen de arenques e de salmões, no quadro da pesquisa contra o câncer, que logo abandonou a experiência por causa de sua ineficácia. Em dezembro, o doutor Chandi dizia: "De agora em diante não é mais uma questão de anos, mas de meses." E fevereiro, tinha dado um salto, e dizia: "Agora, se não fizermos nada, vai ser uma questão de grandes semanas ou de pequenos meses." E fixava precisamente o prazo dado pelo AZT: "Entre doze e quinze dias de vida diante dele. A 10 de fevereiro, peguei na farmácia do hospital Rothschild as minhas cartelas de AZT, que escondi debaixo do casaco ao sair porque os drogados na calçada me olhavam como se me quisessem roubá-las para os amigos africanos, mas até hoje, 20 de março, quando acabo de passar a limpo este livro, ainda não engoli

nem uma cápsula de AZT. Na bula do remédio, todo doente pode ler a lista dos efeitos "mais ou menos incômodos" que ele pode acarretar: "Náuseas, vômitos, perda de apetite, dores de cabeça, erupção cutânea, dores de barriga, dores musculares, formigamento das extremidades, insônia, sensação de grande fadiga, mal-estar, sonolência, diarreia, vertigens, suor, falta de ar, digestão difícil, perturbações do paladar, dores torácicas, tosse, baixa da capacidade intelectual, ansiedade, necessidade frequente de urinar, depressão, dores generalizadas, urticárias, coccenas, síndrome pseudogripal." Desativação do aparelho genital, desintegração das facultades sensuais, impotência.

77 NO DIA 28 DE JANEIRO, em casa de Jules e Berthe, onde tinha se convidado para jantar no intuito de festejar seu quinquagésimo aniversário, Bill dizia que não há lugar para o imprevisito na América, no negócio dos 'capitalist adventurers', não há lugar para mim, o amigo condenado, naquele país onde as distâncias sociais não param de crescer, dizia Bill, onde os ricos como ele podem deduzir tudo de seus impostos, seus carros, seus iates, seus apartamentos e seus sistemas de proteção contra os negros pobres, reparem esses infelizes, dizem os parceiros entediados de Bill depois de seus jantares entediados, trancando a fechadura automática de suas portas no sinal vermelho para não ter que dar um centavo ao vagabundo negro lavador de pára-brisas, são todos negros e dormem nas calçadas, entolados em papelões, como vocês querem ajudá-los depois disso, com seus reflexos de animais? Num país que diz isso, não há tempo nem lugar para apresentar um amigo condenado a seu colega, o grande pesquisador, e fazê-lo ser vacinado sem desregular todo o sistema e se desvalorizar a si próprio aos olhos do grande pesquisador. Para Bill, eu já sou um homem morto. Um homem em vias de tomar AZT já é um homem morto, que já não se pode mais salvar. A vida sempre muito frágil não tem o que fazer com o tram-bolho de uma agonia. Para Bill, é preciso andar para a frente se não se quiser afundar também. Segurar a mão de um outro amigo que tinha entrado em coma e enviar-lhe o efeito da sua presença pela pressão dos dedos, já tinha renunciado a isso, era demais para ele, eu também teria desistido como Bill. Ao me levar em casa no seu Jaguar na noite

de 28 de janeiro, Bill me disse duas frases edificantes: "Os americanos precisam de provas, por isso não param de fazer experiências aqui e ali, e enquanto isso as pessoas morrem como moscas em torno de nós." E: "De qualquer maneira, você não ia suportar envelhecer." Mas eu gostaria que Bill matasse Mockney para roubar a sua vacina, e me trazê-la no cofre-forte gelado do seu jatinho funcional, aquele que fazia a ponte aérea entre Uagadugu e Bobo-diuosso, e que desaparecesse com o avião e a vacina que me teria salvo em pleno oceano Atlântico.

78 TERMINEI MEU LIVRO no dia 20 de manhã. Mergulhei na tarde engolindo aquelas duas cápsulas azuis que me recusava a tomar há três meses. Distinguiu-se sobre a cápsula um centauru com uma cauda bifurcada que lançava raios, o remédio era rebatizado de Retrovir, *vade retro* Satanás. No dia 21 de manhã, começava um outro livro, que abandonava no mesmo dia, seguindo o conselho de Matou, que tinha me dito: "Senão você vai enlouquecer, pára imediatamente de tomar esse produto, isso me cheira a uma porcaria danada." No dia 22 senti-me perfeitamente bem, mas tive dores de cabeça violentas no dia 23, e logo depois náuseas, um nojo pela comida e especialmente pelo vinho, que era até então o principal reconforto das minhas noites.

79 DESDE QUE GUARDAVA aquelas munições, escondidas num saco de papel branco atrás das roupas no fundo de uma gaveta, a questão tinha sido a de saber com que posologia devia começar o tratamento. O doutor Gulken tinha me indicado de seus homólogos romanos, o doutor Otto, que trabalhava no hospital Spallanzani, onde eu devia fazer a cada 15 dias uma avaliação sanguínea e receber novas provisões do produto. O doutor Chandí afirmava que eu devia começar com 12 cápsulas por dia, mas o doutor Otto era a favor de seis cápsulas apenas, ele dizia: "Com doze miligramas você vai ter imediatamente uma anemia, vai precisar de transfusão, é totalmente inútil." Ao que o doutor Chandí replicava: "Seria

besteira privar-se da eficácia máxima do produto." Essas tergiversações me ajudavam a recuar diante do tratamento, também tinha o pretexto de precisar acabar o meu livro. Deixei uma mensagem na secretária eletrônica de Bill em Miami, ele me telefonou de volta à noite. Fingi consultá-lo sobre a posologia, o que, por certo, era uma maneira de suplicar-lhe: tire-me dessa, faça alguma coisa por mim, dê-me ao menos os nove meses de prazo da vacina. Mas ele fez ouvindo de mercador e se limitou cuidadosamente ao problema da dosagem: "Não sei muita coisa sobre o AZT", disse ele, "mas tenho a impressão de que Chandí tem a mão um pouco pesada, no teu lugar eu preferiria seguir o conselho do italiano." Tinham me entregado, no hospital Spallanzani, a ficha que programava meus controles sanguíneos por vários meses, mas eu ainda não tinha começado a tomar o produto. Voltei a ver o doutor Otto para confessar-lhe que não conseguia me decidir, ele respondeu: "Se você começar agora ou mais tarde, se parar amanhã e recomeçar depois de amanhã não tem nenhuma importância, porque não se sabe nada a esse respeito. Nem quando se deve começar o tratamento, nem em que doses. Quem lhe disser o contrário está mentindo. O seu médico da França lhe prescreveu doze cápsulas por dia, eu seis, então vamos cortar a maçã pelo meio, digamos oito por dia." O doutor Chandí depois considerou essas afirmações perigosas.

80 ÀS SETE HORAS, cruzei com a minha faxineira na praça San Silvestro. Espantada de me encontrar tão cedo, ela me disse: "Bom trabalho!" Ia fazer um exame de sangue, ela não estava de todo errada. Meu prontuário no hospital ainda não estava regularizado, faltavam vários documentos a serem pedidos às administrações francesa e italiana. O doutor Otto tinha me dito que me apresentasse assim mesmo às oito horas, que ia avisar uma enfermeira, mas ele tinha esquecido, tive que esperar até depois das dez pela sua chegada. Vagava entre os degraus do pavilhão onde batia sol e os dois bancos de fórnica do primeiro andar que constituíam a sala de espera. Uma moça toda de preto, com um chapéu preto, apertava uma echarpe preta contra a bochecha, gemendo, e gemia mais alto ainda nos momentos em que o médico passava. Quando ele entrava e

saía do consultório, era como uma revoada de pardais aflitos diante da porta. Um velho homossexual encolhido lia, num dicionário dos compositores, a vida de Prokofiev. Um jovem drogado, de cara fechada, doce, com olheiras negras, colocou o seu blusão forrado de pele de carneiro no corrimão da escada e se virou para olhar as pernas das enfermeiras. A maior parte dos doentes é de drogados envelhecidos antes do tempo, por volta dos trinta mas parecendo cinquenta, só os todos sem fôlego no primeiro andar, a pele enrugada, azulada, são aqueles drogados que se conhecem e se encontram por acaso para fazer o exame de sangue bimensal e levar suas doses de AZT, são aqueles, brincam com as enfermeiras. A moça de preto saiu toda saltitante da consulta, a echarpe caída do rosto, sem se dar ao trabalho de fazer nenhum cinema, pois enganou todo mundo. O jovem drogado foi chamado pelo sobrenome: Ranieri. Minha enfermeira vem me buscar na minha vez e me leva para uma sala comum vazia, senta perto de mim num leito para pôr o garrote. Conversa comigo enquanto o sangue pinga gota a gota no tubo: "Você escreve o quê? Romances policiais?" "Não, romances de amor." Ela morre de rir: "Não acredito, você é muito jovem para escrever romances de amor." Eu mesmo tenho que levar o meu tubo no laboratório. Ao voltar pela aléia, cruzei com a minha enfermeira num carrinho desconjuntado, ela buzinou sorrindo. Mais adiante, ao continuar até a parada de ônibus, percebi que andava atrás de Ranieri. Com o blusão no ombro, o braço nu aparecendo da camisa arregaçada, eu o vi arrancar o curativo ao passar diante de uma lata de lixo. Havia uma energia maravilhosa no seu andar, hesitei em abordá-lo e deixei-o desaparecer.

81 CADA VEZ QUE EU IA ao Spallanzani, e voltava lá mais do que seria razoável, com uma animação, como se fosse a um bom encontro, partindo de manhãzinha no ar ainda fresco para pegar na praça de Veneza o 319, que atravessava o Tibre até a via Portuense, de fato para observar de dentro as cenas que surpreendia ali ao deixar a minha cota de sangue, esperando a doçura que não deixava de surgir dentro da maior selvageria, errando entre os pavilhões desertos, em barricadas como no Claude-Bernard mas com

qualquer coisa de estival concebido para a sesta, com suas persianas venezianas nas fachadas rosa e ocre, suas palmeiras, passando diante do laboratório Fleming para atingir o Hospital-Dia, eu era sempre ultrapassado por um carro funerário vazio que ia lá buscar um corpo. Gostava de encontrar o pessoal do Spallanzani: a enorme freira com véu branco limpo, com sua cara de buldogue com veiazinhas rosadas, um sorriso calmo desenhado nos lábios, deslizando sobre seus colunns brancos, sempre com alguma coisa na mão, uma receita, a nova nota interna catastrófica ou a cesta de madeira quadrada com o barulho de vidro dos tubos cheios de sangue que escorregam nos encaxes; a velha aplicadora de injeções como uma catfina empoadada e maquiada, que já passara por tudo, resmungona como ninguém mas com um coração de ouro, o cabelo louro muito fino recém-livrado dos *bobs*, bastante chateada que todos os seus filhos estejam doentes ao mesmo tempo; a morena cacheada não-maldosa, no fundo, mas categórica quanto ao regulamento, a melhor aplicadora de todas; o enfermeiro forte como um armário com os pêlos emergindo do colarinho desabotoado, suas grossas patas enluvadas de borracha, que mira o paciente sem jamais revelar a menor expressão de nojo ou de simpatia no rosto, fechado de uma vez por todas; o bravo napolitano compreensivo, que tem sempre uma palavra calorosa em francês. O doutor Otto pregou em cima do seu computador uma citação de São Francisco de Assis: "Ajude-me a suportar o que não posso compreender. Ajude-me a mudar o que não posso suportar." Os doentes, qual quer que seja a sua idade, 18 ou 35 anos, vêm na sua maioria acompanhados de um parente, as filhas com o pai, os filhos com a mãe. Não se falam, esperam pacientemente lado a lado no seu banco, immanados na desgraça, de repente têm um impulso extraordinário de ternura, dão-se as mãos, o filho deita a cabeça no ombro da mãe. Um cadáver vivo, que não tem nenhum parente para acompanhá-lo, que só vive de idas e vindas entre a hospitalização e um improvável domicílio com uma mala cheia que não consegue mais carregar, então lhes deram uma velha freira toda de preto, resignada, plácida, com o queixo pontudo, um sorriso imutável na boca chupada pela ausência de dentadura, ela mexe com a boca lendo uma fotonovela. São os mundos mais opostos possíveis, mas eles se compreendem e, nesta situação, pode-se dizer que se gostam. O cadáver vivo com o crânio pelado, com o cabelo como tufos de algodão cinzento colados sobre

uma calota de plástico, volta da cozinha, onde a mulher ou a irmã de um outro cadáver vivo acaba de mendigar numa cumbuca um resto de purê, com metade de uma laranja, da qual estende um quarto à freira, que fica bem contente de ter um pouco de frescor e acidez na boca.

82 NA SEXTA-FEIRA, 21 de abril, jantar em Paris com Bill, a sós, no Vaudeville. Bill: "Mas você não está absolutamente com os olhos amarelos como eu esperava, tinha pensado também que a tua pele ia levar uma lambada dos diabos, aparentemente você está suportando muito bem o produto..." Depois: "Já se poderá dizer que a Aids terá sido um genocídio americano. Os americanos visaram precisamente as suas vítimas: os drogados, os homossexuais, os prisioneiros. É preciso deixar à Aids o tempo de fazer a sua limpeza sorrateira, lenta e profundamente. Os pesquisadores não têm a menor idéia do que seja a doença, eles trabalham nos seus microscópios, sobre esquemas, abstrações. São bons pais de família, nunca estão em contato com os doentes, não podem imaginar o seu medo, o seu sofrimento, o sentimento de urgência, eles não o têm. Por isso se perdem em protocolos que nunca estão no ponto e em autorizações que levam anos para chegar, enquanto as pessoas morrem ali do lado, quando poderiam ter sido salvas... Quando penso em Olaf, é claro que ele me deu um golpe sujo me deixando depois de seis anos de vida em comum, mas apesar de tudo eu lhe devo muito. Sem ele, eu teria continuado a minha vida de bebedão e teria infalivelmente pegado essa porcaria, você ia me ver em maus lençóis hoje em dia." Bill me anuncia naquela noite que ele e Mockney tomaram a decisão de inocular em si próprios o vírus desativado para mostrar aos céuticos que não há nenhum risco.

83 REVI RANIERI, o drogado do Spallanzani, ele paquerava tu-ristas alemãs nos degraus da praça de Espanha. Nossos olhares se cruzaram, ele também me reconheceu, mas eu tinha uma vantagem sobre ele, ele não sabe o meu nome. De agora em diante, encontro-o regularmente, em geral à noite, quando pego a via

Fratina com David para ir jantar. Ranieri está com dois amigos. Assim que detectamos a presença do outro, alguma coisa desmorona em nós, somos virtualmente desmascarados e denunciados, somos o veneno que se esconde na multidão, um pequeno sinal a mais é tatumado nas nossas testas. Qual de nós vai chantagear o outro primeiro, para obter seu corpo ou o dinheiro para comprar pó? Ainda agora, eu andava na rua esvaziada pelo calor quando, numa curva, dei de cara com Ranieri, todos os dois dissimulados atrás de óculos escuros, não nos desviamos, não mudamos em nada nossa direção nem a velocidade dos nossos passos, e nenhum quis ceder a vez ao outro. De repente, avançávamos lado a lado, cada qual como a sombra do outro, com um passo igual e na mesma direção, não podíamos mais nos descolar sem virar bruscamente ou então fugir. Disse a mim mesmo que o destino me impulsionava em direção àquele rapaz e que não devia evitá-lo. Continuando a andar no mesmo passo que ele, virtei-me em sua direção para lhe dirigir a palavra. Seu rosto transpirava, reparei por trás dos óculos a fixidez vítreia dos seus olhos. Ranieri opôs à minha voz, como se fosse uma lança ou um escudo, um gesto mínimo do seu indicador levantado, que agitou debaixo do meu nariz sem mexer a mão para me dizer não, que era bem mais violento que um soco ou uma cusparada. Pensei então que o destino, apesar das aparências, continuava a cuidar de mim.

84 BILL telefonou para Roma, de Paris onde acabava de chegar, durante o mês de maio. Disse-lhe imediatamente que tinha começado a desenvolver um ressentimento em relação a ele e que preferia confessar-lhe para tratar de esvaziar isso e restaurar a amizade que ele estava minando. Para começar, reclamar da sua indelicadeza, todo aquele "Você até que não está com a pele tão amarela" ou "Felizmente que eu tive Olaf, senão estaria em maus lençóis hoje em dia". E o mais grave, suas promessas, feitas há um ano e meio, que não tinha honrado até então. Lembrei-lhe que tinha me garantido, embora eu não o tivesse encostado na parede, não lhe pedia nada, inclusive por força das próprias circunstâncias, que ele poria como condição para o estabelecimento do protocolo francês a aceitação dos seus amigos, e que, se houvesse o menor problema, nos

levaria para os Estados Unidos para nos fazer vacinar por Mockney. Ele ainda não havia feito nada; em vez disso, tinha me deixado sozinho no vazio e na zona de todas as ameaças. Falamos durante uma hora. Foi um alívio formidável de parte a parte, Bill me disse que tinha sentido tudo isso e que estava consciente da legitimidade das minhas críticas, que não tinha medido bem o tempo. Mas no dia seguinte me telefonou do seu carro, que rodava na direção de Fontainebleau, para voltar ao assunto, só que virando contra mim os elementos da acusação, ele disse: "Não entendo como é que você pode lamentar que Olaf tenha me impedido de pegar o vírus." Respondi: "Nunca, nunca disse isso, mas, como você mesmo disse, era como se um amigo falasse para o outro: você está do lado da desgraça e eu não estou, graças a Deus... Mas o que te recrimino é bem mais grave..." Bill encurtou imediatamente a conversa: "Eu te telefono amanhã", disse, "me dá um frio na espinha só de pensar que alguém possa nos escutar..." Disse-lhe: "Quem você acha que pode nos escutar? Até certo ponto, sabe, esse é o gênero de coisa que a gente nem liga." Pensei que Bill não devia estar sozinho no carro, e que tinha ligado o alto-falante do telefone para o seu vizinho. Ele não telefonou mais, nem no dia seguinte, nem durante todo o verão.

85 UMA MANHÃ, no Spallanzani para a minha avaliação sanguínea, o anúncio do meu nome criou uma confusão, a enfermeira virava de costas para me esconder alguma coisa: que os dez tubos preparados com meu nome, com as etiquetas, já estavam cheios de sangue e esperavam na sua cesta de madeira para descer para o laboratório. Tive que procurar com a enfermeira, no que restava de tubos vazios, um nome que pudesse corresponder ao sangue que enchia os seus. Decidimos que era uma tal de Margherita que tinha enchido os tubos de Hervé Guibert. Meu nome foi recoberto pelo dela nos primeiros tubos, e a enfermeira fez novas etiquetas para cobrir os tubos marcados com o nome de Margherita. Imagine-se quantos mal-entendidos poderia causar a inversão. A gaveta da minha sobre a qual eu fechava o punho ficava sempre aberta com sua almofadinha de gaze verde-cinza de poeira, sua velha tira de borracha para o garrote e a seringa com o tubo de plástico flexível no qual se

encaminhava o sangue tirado por um sistema de pressão a vácuo. Pensava muitas vezes, encontrando aquele material já preparado, que ele devia ter servido ao meu predecessor, ainda mais que a enfermeira não dava mostras de apressar-se em jogá-lo fora quando eu ia embora.

86 UMA OUTRA MANHÃ no Spallanzani, tive que brigar para que fizessem meu exame de sangue, porque eu tinha passado dez minutos além de um horário que não estava em vigor da vez anterior. Depois de 15 minutos de tergiversações com as enfermeiras, tive praticamente que fazê-lo eu mesmo, coletando os tubos vazios com o meu nome no monte de tubos inutilizados, amarrando a tira de borracha em volta do braço e estendendo-o à enfermeira até que ela se decidisse a picá-lo. Nesse instante, por acaso, vi-me num espelho e me achei extraordinariamente belo, enquanto fazia meses que não via mais que um esqueleto. Acabara de descobrir uma coisa: seria preciso que eu me habituassem àquele rosto descartado que o espelho me devolve toda vez como se não me pertencesse mais, mas sim ao meu cadáver, e seria preciso, por cúmulo ou interrupção do narcisismo, que eu conseguisse gostar dele.

87 CONTINUAVA a não ter o produto para o suicídio, porque cada vez que tinha tirado numa farmácia a minha receita falsa escrita a mão pelo telefone na urgência de uma crise de taquicardia de minha tia com a qual, para todos os efeitos, eu fazia uma viagem à Itália, apesar da veracidade aparente do número do telefone de seu médico em Paris, que era de fato o meu, que não ia atender, e as falsas rasuras e correções quanto ao nome do produto e à sua posologia, e embora me encontrando diante de uma pessoa de boa vontade, que consultava o catálogo, telefonava para o depósito central ou se inclinava sobre a tela do computador para constatar que o produto não estava mais disponível, minha tentativa falhava, eu me encolhia e me dizia que o destino queria me impedir isso. Mas, uma vez que sem nenhuma segunda intenção, num dia de tempo bom no qual tinha entrado numa farmácia com a idéia de comprar pasta de

dentess e sabonete, acrescentei de repente à lista, depois da palavra Fluocaryl, Digitalina em gotas, a farmacêutica me disse de início que não se fazia mais o produto. Perguntou para quem era, e por quê. Respondi da maneira mais desligada (na verdade, eu tinha renunciado àquela empreitada e desejava no fundo que ela falhasse de uma vez por todas): "É para mim, tenho problemas de ritmo cardíaco." A farmacêutica, como as outras, folheou o seu Vidal, procurou no computador e me trouxe dois produtos similares em gotas. O fato de eu hesitar em pegar esses sucedâneos contou a meu favor: demonstrava o contrário de uma impaciência ligada a uma dependência. A farmacêutica me disse para passar no dia seguinte, ia fazer o possível para encontrar o produto original para mim. Quando, no dia seguinte, entrei por acaso na farmácia, assim que passei pela porta, apesar do acúmulo de clientes que esperavam para serem atendidos e dos óculos escuros que escondiam o meu rosto, a farmacêutica detectou imediatamente a minha presença e me avisou da outra extremidade da loja, com um ar triunfante: "Já chegou a Digitalina!" Nunca na minha vida nenhum comerciante me vendeu nada com tanta animação. A farmácia emburrou o produto num pedacinho de papel pardo, minha morte custava menos de dez francos. Desejou-me bom-dia com um ar radiante e solene, como se fosse uma funcionária de uma agência de turismo que acabava de me vender uma volta ao mundo e me desejava boa viagem.

88 QUINTA-FEIRA, 14 DE SETEMBRO: estou impaciente, indo jantar em casa de Robin, para conhecer Eduardo, o jovem espanhol que Bill botou de baixo da asa depois que souberam de sua soropositividade. Eduardo chegou naquela mesma manhã de Madri e parte de novo no dia seguinte para encontrar Bill nos Estados Unidos. Robin me fez sentar ao lado dele, eu o observei de viés, discretamente. É um jovem gracioso, parece um bânbi trôpego, que se ruboriza facilmente, está vestido sem graça, mas cada um de seus gestos é de uma elegância lânguida. Ele não fala. Quer escrever. Seu olhar já tem aquele pânico que surpreendo no meu há dois anos. Assim que começamos a comer, toca o telefone, é Bill, nosso demiurgo nos espiona à distância, Robin se levanta da mesa para falar com

ele tranquilamente da escada. Volta me dizendo que Bill está me chamando. Ele nunca mais me telefonou desde o mês de maio, aquele famoso telefonema do carro. Hesito em mandar dizer que estou afônico, seria muito espetacular em relação à platéia. Robin diz, me estendendo o telefone sem fio: "Leva lá para a escada, você vai ficar mais à vontade." A voz de Bill, longínqua e chiada, com o eco que nos corta: "Então, você continua ressentido comigo?" Há uma tal arrogância no tom que finjo não compreender e emendo: "Você está em Miami? Em Montreal?" "Não, em Nova York, esquina da 42 com a 121, septuagésimo sexto andar. Mas eu perguntava se você ainda estava zangado comigo..." Continuei a me fazer de surdo: "Você vai ganhar ou vai perder?" (Fala-se nos jornais da briga sem quartel que opõe a firma Dumontel, para a qual trabalha Bill, à firma inglesa Milland na competição pela compra de um produtor de vacinas canadense, que poderia difundir em grande escala o soro de Mockney.) "Perdemos o primeiro tempo", responde Bill, "mas ainda não dissemos nossa última palavra. Te telefono amanhã, você podia chamar Eduardo?" Hesito em voltar para a mesa com o telefone portátil, em sacudir a assistência: "Estão chamando o próximo soropositivo." Tive uma suspeita naquela noite, mas foi muito fugaz para que eu mesmo acreditasse.

89 DIA 20 DE SETEMBRO, jantar no China's Club com Robin: seu modo de ouvir extraordinariamente atento e amigável me permite, pela primeira vez, expor mais claramente a minha teoria acerca de Bill, que Jules se recusava a escutar até então, dizendo que em certos momentos não se devia abafar o sentido de urgência com divagações romanescas. Assim como a Aids, disse eu a Robin, contornando o núcleo da minha hipótese, terá sido para mim um paradigma no meu projeto de revelação de mim e do enunciado do indizível, para Bill a Aids terá sido o protótipo do segredo de toda a sua vida. A Aids permitiu-lhe tomar o lugar de mestre-de-cerimônias do nosso pequeno grupo de amigos, que ele manipula como se fosse um grupo de experimentação científica. Arrolou o doutor Chandri como intermediário, como bionbo para ele entre o mundo dos negócios e o dos doentes. O doutor Chandri é um executor de seus de-

signios, um pólo encarregado de reter os dados mais secretos e, paradoxalmente, de não difundí-los. Durante um ano e meio, supostamente para salvar a minha pele, tive que ser transparente em relação a Bill: ter que responder a qualquer momento sobre a taxa dos seus T4 que degradingam, é pior que ter que mostrar o que se tem nas calças. Bill, graças ao engodo da vacina de Mockney, terá conseguido me fazer ficar empolgado um ano e meio na frente dele. Quando quis sair fora desse domínio, denunciando-o, ele deve ter se sentido desmascarado e temeu perder seu lugar de mestre-de-cerimônias naquela rede de relações amigáveis que teceu sabiamente entre você e eu, teu irmão, Gustave, Chandi, e todo o pequeno clã, confiando a uns o que escondia dos outros. Penso que se fixou especialmente em você por intermédio do destino do teu irmão, e em mim, diretamente ameaçado, porque nós somos pessoas que realizamos o que se chama uma obra, e porque a obra é o exorcismo da impotência. Ao mesmo tempo, a doença inelutável é o cúmulo da impotência. Serás potentes por sua obra, reduzidos à impotência, são essas as criaturas fascinantes que Bill pode modelar ao estender sobre elas a potência fictícia da salvação. Bill não podia suportar minhas recriminações: se eu as comunicasse ao nosso grupo, elas poriam abaixo o seu empreendimento. Tomou a dianteira ao voltá-las contra mim, salpicando-as sobre as diferentes antenas do grupo: Chandi, você, Gustave, me criticando por ter-lhe feito críticas injustificadas e mascarando a acusação principal sob críticas perféricas, que podiam com efeito passar por bobagens. É por isso que eu penso que havia alguém no seu carro no momento em que me telefonou e me disse, cauteloso: "Paro a nossa conversa por aqui, tenho muito medo que alguém possa nos escutar", porque tinha necessidade de uma testemunha naquela reviravolta das peças de acusação. A partir daí, ele tinha o pretexto para me deixar de lado sem precisar prestar contas ao grupo ("ele perdeu a cabeça, não se pode fazer mais nada por ele") e pregar um outro modelo no seu plano, que funciona como uma miragem. O próximo trouxa é, assim, Eduardo, o jovem espanhol, que lhe permite fazer durar ainda um pouco esse jogo que, por coincidência, ele sabia tão bem dominar. Não foram exatamente essas as palavras que eu disse diante de Robin, mas ele me disse no fim: "Nunca esquecerei nenhuma das palavras que você proferiu esta noite."

90 ACREDITEI ter visto de novo Ranieri, o drogado, nos jardins da Villa. Esgueirava-se pelo bosque em direção ao meu pavilhão. Voltei à farmácia para pedir, com três semanas de intervalo, a segunda dose de Digitalina necessária para fazer parar o coração. Dessa vez a farmacêutica tinha qualquer coisa de inquieto no rosto, e me perguntou: "Faz-lhe bem esse produto?" Eu respondi: "Sim, ele é muito suave."

91 SÁBADO, 7 DE OUTUBRO, na ilha de Elba: acabamos de voltar para casa com os objetos e as caixas que trouxemos do meu pavilhão em Roma, o telefone toca, Gustave atende, ouço-o dizer: "Sim, Bill." Na maior excitação, Bill telefona de Nova York, ficamos sabendo que levou uma bronca de Robin, diz que a vacina de Mockney finalmente tinha recebido, na véspera, a licença de uma organização muito pouco tolerante, que bloqueava tudo até segunda ordem, o que ia permitir multiplicar as experiências nos Estados Unidos: "Assim, se houver o menor problema para você no protocolo francês, você virá três ou quatro dias a Los Angeles, e os reforços serão feitos em Paris." Depois de uma passada em Genebra, Bill estará em Paris no fim de semana, propõe que esclareçamos as coisas todos os três com Chandi, "mas", acrescenta, "não sou eu que posso marcar esse encontro."

92 SEXTA-FEIRA, 13 DE OUTUBRO, ao meio-dia, no consultório do doutor Chandi. De saída ele me diz que será preciso tratar pacesar para me fazer entrar no protocolo francês. Trata-se do primeiro grupo, que abrange apenas uma quinzena de pessoas, sem duplo cego, destinado a testar a toxidez do produto. Os candidatos não devem ter tido nenhum tratamento e ter mais de 200 T4. Os últimos exames me dão 200 exatos. Não basta mentir dizendo ao médico do exército, responsável clínico pela experiência: "Eu nunca tomei AZT", mas fazer desaparecer qualquer traço do produto no meu sangue. O AZT se revela imediatamente por um aumento do volume globular, para fazê-lo baixar de novo nos meus exames, seria preciso

que eu parasse o tratamento pelo menos um mês antes do primeiro exame de sangue. E essa interrupção do tratamento arrisca a me fazer cair abaixo dos 200 T4, o que também me expulsaria. O doutor Chandí, muito apressado a me falar da vacina, nem reparou em que estado estou: emagreci cinco quilos e o esgotamento me espicaça de novo. No seu olho, eu leio o pânico: estamos num beco sem saída, um e outro, por causa de Bill, a não ser por acrobacias improváveis. Pela primeira vez tive pena do doutor Chandí, que vejo de repente, no espaço daquele segundo de verdade, no qual ele deve me ver como o homem irremediavelmente condenado, como um serviçal de Bill.

93 O ENCONTRO foi marcado no domingo, 15 de outubro, às 15h30min, na casa de Bill. Até o último minuto, pensei que ele ia cair fora. O doutor Chandí disse: "É importante cercá-lo, para empurrá-lo contra a parede, assim serviremos cada um de testemunha para o outro em vista dos eventuais compromissos da parte de Bill." Cheguei adiantado, me encolho num banco da praça que beira a igreja de Notre-Dame-des-Champs, e vejo Bill chegar, sair do Jaguar, com seus óculos escuros e as chaves na mão, atravessando a avenida com seu passo gingado de velho vaqueiro pacificado, logo seguido pelo doutor Chandí, que estaciona seu carro vermelho novo atrás do Jaguar de Bill, e anda correndo, com a camisa entreberta, usando tênis e carregando dossiês de baixo do braço. Tive de repente a impressão de que sou eu que manipulo aqueles dois indivíduos. Deixo passar alguns segundos antes de me enfiar por minha vez sob o pórtico onde acaba de desaparecer Chandí, assim nossa entrevistista a três não terá tido nenhum pré-âmbulo a dois. Bill me acolhe calorosamente: "Aí está o nosso caro Herveilino, que afinal não se acha com o aspecto ruim!" Percebo, pois Bill nos afoga imediatamente com palavrões, temos direito a uma conferência magistral sobre o histórico da vacina e os problemas éticos correlatos, que não levam a nada, penso eu, que sou objeto, desde o aparecimento da minha doença, de uma espécie de esquizofrenia: enquanto compreendo perfeitamente o discurso de Bill, por mais complexo que seja, na medida em que fica na generalidade científica, por outro lado me torno opaco desde que se trata do meu próprio caso. Não compreendo mais nada, me bloqueio,

se faço uma pergunta crucial logo esqueço a resposta. Chandí cortou o discurso bem preparado de Bill: "E o que você pode fazer concretamente por Herveé?" O doutor Chandí, todo trêmulo com a importância do seu pedido, acabou ligando ao meu caso um outro caso-limite que lhe é caro, o de um paciente que navega em torno de 200 T4, e que se trata com AZT, ele diz a Bill: "Se você vai vacinar Herveé nos Estados Unidos, será que podia também fazer alguma coisa por um segundo caso análogo?" Vejo pela cara de Bill, que não quer deixar transparecer nada, que aquele pedido lhe dá um júbilo profundo, que o conforta no sentimento do seu poder, e que manter a sua palavra ou traí-la só fará reforçar nele esse poder cego. Tem um estranho sorriso crispado nos lábios, uma ausência momentânea ligada à sua fúria, e para Chandí, que lhe pede a graça de um homem, ele retruca vulgarmente: "Contanto que isso não se torne um comboio... Sim, foi o que fiz por Eduardo, posso muito bem fazê-lo afinal de contas por Herveé e por um desconhecido, por que não..." Foi então, com a maior calma do mundo, que Bill se pôs a explicar essa coisa chocante: como procedeu com Eduardo, que há três meses nem conhecia, que é irmão de Tony, por quem ele estava apaixonado, e cujos pais se opuseram a que fosse viver com Bill nos Estados Unidos. Eduardo acabava de ser infectado por seu amante, um fotógrafo de moda, que estava morrendo num hospital madrileno, em condições, diz Bill, que ultrapassam de muito as que você conheceu em Roma. Avisado por seu irmão da posição-chave de Bill, Eduardo escreveu-lhe cartas perturbadoras, "vou te dar para ler", me disse Bill, "você vai julgar, mas creio que nasceu um escritor". Quando Bill nos faz compreender que a injeção de Eduardo já aconteceu, eu só falto sair dali batendo a porta, mas me controlo e, escuto aquele relato tão emocionante com um sorriso enternecido. Chandí tem uma espécie de mal-estar físico, como se sufocasse, vira a cabeça para trás, fecha os olhos, aperta-os, respira com dificuldade. Depois tira a correspondência que recebeu da sociedade Dumontel, que lhe especifica de que maneira será remunerado o seu trabalho quanto à experiência: como um caçador de cabeças, pelo número de pacientes recrutados e inoculados, o que absolutamente não corresponde ao que lhe tinha feito entrever Bill. Pergunto: "E o que se vai fazer se eu cair abaixo de 200 T4?" "Seria preciso roubar o produto", responde Chandí. E Bill: "Entraremos na clandestinidade." Nada de concreto foi decidido na hora a meu respeito. Mas devia jantar naquele-

la noite com Bill, ele me deu a entender por um piscar de olhos no momento em que me despedi na avenida junto com Chandí.

94 EDWIGE assim como Jules, avisados pelo telefone, me dizem que eu tenho uma coragem louca de ir jantar com aquele safado. Jules está ao mesmo tempo muito indignado contra Bill, revoltado, enojado, tem lágrimas nos olhos e me diz: “Você não é propriamente um miômano; o que é grave não é que Bill não tenha cumprido suas promessas, mas que as tenha feito a você. Compreendo agora até que ponto o Chandí é generoso.” Propõe que eu leve uma agulha, que esprema meu dedo picado, assim que Bill levantar da mesa, em cima do seu copo de vinho tinto e só lhe converse no dia seguinte. Decidi ficar calmo, ir até o fim nessa lógica romanesca, que me hipnotiza, em detrimento de qualquer idéia de sobrevivência. Sim, posso escrevê-lo, e sem dúvida essa é a minha loucura, eu faço mais questão do meu livro do que da minha vida; não renunciaria ao meu livro para conservar a minha vida, eis o que será mais difícil de fazer crer e compreender. Antes de ver o safado em Bill, vejo nele um personagem de ouro maciço. Ao abrir a porta, ele toma logo a iniciativa e diz: “Você viu aquela perturbação que o Chandí teve, que coisa esquisita, como é que você explica aquilo?” Depois, fingindo me estrangular: “Ah! Ora bolas, você ficou ressentido comigo, mas fique sabendo que tive ódio de você, ódio, está me ouvindo, você sabe o que é isso?” Sentando no sofá e pegando um cigarro, me esgrimindo com um isqueiro no formato de uma garrafa de Coca-Cola, eu lhe digo: “É um sentimento muito forte, com efeito, você quer falar sobre isso?” Mas Bill não quer falar disso, justamente desvia a conversa para os sempiternos problemas da ética, sobre a desonestidade dos pesquisadores e a urgência de salvar os doentes. Disse-lhe que emagreci cinco quilos e que sinto como que uma atrofia das minhas capacidades musculares. Ele me pergunta se tive diarreias: “Então, é a tua intolerância ao remédio, teu fígado saturado não pode mais filtrar os alimentos, é por isso que você definha. Chandí te dá essa porcaria continuamente, sem fazer pausa? Ele é perfeito, o Chandí, infelizmente não tem titulação universitária, e vamos ter que substituí-lo para a experiência por um chefe de clínica...” Pergunto a

Bill, já que ele próprio teve problemas hepáticos, se o fígado se regenera rapidamente: “E como! Não te enxertar um pedacinho à toa de fígado, não chega nem a um lobo, hein, e vai crescer que nem erva daninha!” Digo-lhe: “Foi o que fizeram com você?” E ele: “Alto lá! Que é que você pensa? Não, comigo o que fizeram foi apenas uma biópsia, felizmente, a retirada de uma partículazinha de nada do fígado para ver como é que me curava da minha hepatite.”

95 JULES tinha me perguntado como é que a substância imunogênica de Mockney podia substituir o vírus. “Ela não o substitui”, respondeu Bill, “e é por isso que é tão criticada, porque apesar de tudo é o vírus que se injeta, mesmo sendo desativado, e os pesquisadores concorrentes dizem que não se pode injetar o vírus em soronegativos, faltam ainda ao produto certos coadjuvantes, as gamaglobulinas não são suficientes.” Bill me explicou que o vírus é tão diabólico porque se divide para pôr em jogo um processo de engodo, que esgota o corpo e suas defesas imunológicas. É o envoltório do vírus que faz o papel de engodo: assim que o organismo detecta a sua presença, envia os seus T4 à sua caça, que, esmagados sobre o envoltório e como que cegos por ele, não detectam o núcleo do vírus, que atravessa incógnito a confusão para ir infectar as células. O vírus HIV, quando se destrava, faz no interior do corpo uma tourada, onde a capa vermelha seria o envoltório, a espada da morte o núcleo, e o animal exausto, o homem. O imunogene de Mockney é uma espécie de duplo clarividente do vírus, que lhe serve de decodificador, ensinando ao corpo, pela reativação do sistema imunológico e a produção de anticorpos específicos, os reflexos adequados para detectar de modo claro o programa de destruição do núcleo, até então confundido pela peça de desmistagem desenvolvida pelo envoltório. Não se fala mais em Mockney e Bill tomarem a vacina.

96 BILL pede uma mesa à parte, na sala do fundo do Grill Drouant, onde não há ninguém e diz para a mulher: “Temos negócios ultra-importantes para discutir.” Prosegue, olhando os clientes da primeira sala: “Assim ninguém poderá nos ouvir...”

Em Montreal fui seguido. De início, um sujeito jovem no *hall* do hotel, nada mal, 25 anos, não verdadeiramente do gênero do hotel, não prestei muita atenção. Mas cruzo com ele de novo numa rua do bairro da pesada, tarde da noite. Lá tem uma boate com *strip-teases* de estudantes que descobriam como ganhar um dinheiro extra, você fica sentado e eles desfilam diante de você, debaixo do teu nariz, você enfia dois dólares na sunga e eles a tiram, vinte na meia e se aproximam um pouco mais. Sando dessa boate, dou de cara com aquele sujeito, isso me pareceu estranho. Fiz duas vezes meia-volta em duas ruas paralelas, um velho truque que me ensinaram em Berlim para os espões da Alemanha Oriental. O sujeito continuava a me seguir. Fiz com que se perdesse no bairro heterossexual. No *hall* do hotel, lá estava ele, fiz de conta que não tinha percebido nada. Mas ao pegar o elevador, num espelho, vi que tirava um caderninho para anotar qualquer coisa. Penso que é a firma concorrente, Milland, que paga àquele sujeito. Tenho medo de uma chantagem, de meios de pressão, talvez só tenha me dado conta muito tarde, e eles tiraram fotos das últimas vezes em que me diverti um pouco na boate. A homossexualidade nesse mundo é possível enquanto a gente não fala dela. Mas ela não deve aparecer.” Não perguntei a Bill o que fazia em Berlim depois da guerra com os espões do Leste. Durante todo o jantar, Bill não tirou os olhos do seu copo de vinho tinto do Chile nem tampouco levantou para ir ao banheiro.

97 CONTINUAVA a me esforçar durante o jantar, trazendo à baila o assunto Eduardo. Bill parecia responder com a maior inocência às minhas perguntas, como se não desconfiasse que traidor em potencial eu também era. Eu demonstrava o maior descaso, serenidade e emoção diante daquele belo conto de fadas. Disse-lhe: “Deve ter sido um momento muito emocionante... Talvez tenha sido você mesmo que lhe deu a injeção? Ou pelo menos estava lá na hora?” “É claro”, respondeu Bill. “E que vingança para você, depois que essa família conservadora tinha te impedido de levar o seu filho mais velho...” “Você não sabe da melhor?”, disse Bill. “O pai de Eduardo e de Tony é o dirigente na Espanha da firma Milland, nossa

concorrente número um... Achava que esse detalhe não ia deixar de te agradar... Em todo caso, corri riscos enormes por causa de Eduardo...” “Riscos enormes”, comentou Robin a quem relatei isso, “e ninguém vai negar isso, mas que não terão servido para nada.” Eduardo tem mais de 1.000 T4, acaba de ser infectado: se havia uma urgência para definir no círculo de Bill, certamente não era aquela.

98 NO DIA 16 DE OUTUBRO, depois de ter lutado durante várias semanas com uma sensação de queimadura do lado direito de parar o AZT. Previno no dia 17 de outubro o doutor Chandi pelo telefone, e acrescento: “Talvez não seja o momento de lançar profecias tão lugubres, mas creio que nem o senhor nem eu podemos contar com a palavra de Bill. Bill não tem palavra, ele provou-o ao se desfazer sem explicação de compromissos feitos há um ano e meio, que será obrigado a desfazer hoje, por covardia. Bill é um fantoche que não faz nada por generosidade, nem por humanidade. Não está no nosso mundo, não está no nosso campo, não vai ser nunca um herói. O herói é aquele que assiste o agonizante, é o senhor, e talvez seja eu, o agonizante. Bill nunca será capaz de assistir nenhum agonizante, tem medo demais. Quando se encontrou no hospital diante do seu amigo que entrou em coma, enquanto o irmão desse amigo o incitava a se comunicar por pressões da mão, ele só pôde segurar a mão um segundo, largou-a com o maior pavor e não voltou a pegá-la.”

99 DE NOITE, ao deixar o aeroporto de Miami para ir para casa, Bill encontra com os faróis um rapaz hirsuto, que corre descalço, de *short*, ao longo da auto-estrada. Faz com que suba no seu Jaguar americano, leva-o para sua casa, lava-o na banheira, com exceção do sexo que o enérgico não o deixa tocar, mesmo na cama no escuro. No dia seguinte, Bill leva-o às lojas para vesti-lo dos pés à cabeça, o rapaz o chama de tio. No outro dia, inquieto porque o rapaz já o chama de pai, Bill, ainda por cima tendo que se ausentar para uma viagem de negócios, acompanhava o rapaz até

um albergue da juventude, onde paga sua dormida por uma dezena de noites, entregando cinquenta dólares na mão dele. Quando Bill volta a seu alojamento, todos os sistemas de segurança estão em estado de alarme: o da garagem, o de seu elevador privativo, o do apartamento. Os vigias informam a Bill que o rapaz de terno não cessou, dia e noite, de tentar forçar suas barreiras, fazendo-se passar por seu filho, abandonado por um pai indigno. Bill encontra sua secretária eletrônica cheia de mensagens do rapaz, pede para mudar o número do telefone e se inscrever numa lista vermelha. Assim que o novo número começa a funcionar, o rapaz, que acaba de consegui-lo com um guarda novato, telefona para seu pai putativo. Bill não agüenta mais, muda de número de telefone uma segunda vez, ao voltar de noite de outra viagem percebe o rapaz, de novo hirsuto, descalço e de *short*, saltar de um arbusto e bater no lagoar, que desvia. Bill ameaça-o diante dos vigias alertados de chamar a polícia. Assim que chega em casa, tendo desligado seu sistema de alarme no trigésimo quinto andar do arranha-céu e cortado os microfones que chegam no escritório dos vigias, o telefone toca, Bill atende e ouve a voz melosa e implacável de um homem que lhe diz: "Aqui é Plumm, o amestrador de macacos. Vejo que o senhor aprecia macaquinhos, eu acabo de receber uma nova remessa que comecei a amestrar. Se estiver interessado, não hesite em se comunicar comigo, deixo-lhe o meu telefone."

100 A DESCIDA ao abismo do meu livro se fecha sobre mim. Estou na merda. Até onde você deseja me ver afundar? Enforque-se, Bill! Meus músculos se derreteram. Reencontrei enfim minhas pernas e meus braços de criança.